

# CONTE OUTRA VEZ

**30 CONTOS  
INSPIRADOS EM  
CANÇÕES DE  
RAUL SEIXAS  
[+ BONUS TRACKS]**

**T.K PEREIRA  
(ORG.)**

**Adriane Garcia | Alessandra Barcelar | Alessandro Garcia | Ana Elisa Ribeiro  
Ana Luiza Rizzo | Betzaida Mata | Bráulio Tavares | Bruna Brönstrup  
Bruno Ribeiro | Cinthia Kriemler | Cris Vazquez | Cristiano Rato | Eduardo Sabino  
Elizabeth Gouvea | Gisela Rodriguez | Irka Barrios | Ivandro Menezes | João Matias  
Joedson | Julia Dantas | Kátia Gerlach | Matheus Borges | Maurem Kayna  
Nathalie Lourenço | Renata Wolff | Roberto Menezes | Samuel Medina  
Sérgio Tavares | Simone Teodoro | T. K. Pereira | T. S. Marcon | Tadeu Sarmiento  
Taiane Maria Bonita | Tiago Germano | Tiago Motta | Wander Shirukaya**

## **Conte Outra Vez**

30 contos inspirados  
em canções de Raul Seixas  
+ Bonus Tracks

*Organização*

**T. K. Pereira**

Copyright Conte Outra Vez © 2019 by Adriane Garcia, Alessandra Barcelar, Alessandro Garcia, Ana Elisa Ribeiro, Ana Luiza Rizzo, Betzaida Mata, Bruna Brönstrup, Bráulio Tavares, Bruno Ribeiro, Cinthia Kriemler, Cris Vazquez, Cristiano Rato, Eduardo Sabino, Elizabeth Gouvea, Gisela Rodriguez, Irka Barrios, Ivandro Menezes, João Matias, Joedson, Julia Dantas, Katia Gerlach, Matheus Borges, Maurem Kayna, Nathalie Lourenço, Renata Wolff, Roberto Menezes, Samuel Medina, Sérgio Tavares, Simone Teodoro, T. K. Pereira, T. S. Marcon, Tadeu Sarmento, Taiane Maria Bonita, Tiago Germano, Tiago Motta, Wander Shirukaya.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título

Conte Outra Vez, 30 contos inspirados em canções de Raul Seixas + Bonus Tracks

Capa

Tiago Motta

Diagramação e projeto gráfico

T. K. Pereira

Organização, preparação e revisão

T. K. Pereira

ISBN: 9780463610411

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados aos AUTORES.

*Sonho que se sonha só  
É só um sonho que se sonha só  
Mas sonho que se sonha junto é realidade*

**Raul Seixas (1945 - 1989)**

## **Sumário**

Apresentação - T. K. Pereira

### 1971 | SOCIEDADE DA GRÃ-ORDEM KAVERNISTA APRESENTA SESSÃO DAS 10

Dr. Paxeco - Tadeu Sarmiento

### 1973 | KRINGA-HÁ, BANDOLO!

Mosca na Sopa - Ivandro Menezes

Metamorfose Ambulante - Ana Elisa Ribeiro

Al Capone - Cris Vazquez

Ouro de Tolo - Cinthia Kriemler

### 1974 | GITA; SE O RÁDIO NÃO TOCA; SINGLES

Medo da Chuva - Maurem Kayna

Sessão das 10 - Tiago Germano

Sociedade Alternativa - Joedson

O Trem das 7 - Ana Luiza Rizzo

S.O.S - Simone Teodoro

Gita - Irka Barrios

Se o rádio não toca - Adriane Garcia

Como Vovó já Dizia - Tiago Motta

Gospel - Kátia Gerlach

### 1975 | NOVO AEON

Tente Outra Vez - T. K. Pereira

A Maçã - João Matias

Caminhos - Roberto Menezes

Para Nóia - Alessandra Barcelar

### 1976 | HÁ 10 MIL ANOS ATRÁS

Canto para minha Morte - Eduardo Sabino

Meu amigo Pedro - Alessandro Garcia

Meu amigo Pedro (Bis) - Julia Dantas

Ave Maria da Rua - Betzaida Mata

1977 | O DIA EM QUE A TERRA PAROU

Maluco Beleza - Bruno Ribeiro

O Dia em que a Terra Parou - Gisela Rodriguez

1978 | MATA VIRGEM

Judas - Taiane Maria Bonita

1979 | POR QUEM OS SINOS DOBRAM

Na Rodoviária - Cristiano Rato

1980 | ABRE-TE SÉSAMO

Aluga-se - Nathalie Lourenço

Rock das 'Aranha' - Wander Shirukaya

1984 | METRÔ LINHA 743

Metrô Linha 743 - Sérgio Tavares

Mamãe Eu Não Queria - T. S. Marcon

**Bonus Tracks**

1968 | RAULZITO E OS PANTERAS

Trem 103 - Samuel Medina

1983 | RAUL SEIXAS

Segredo da Luz - Renata Wolff

1987 | UAH-BAP-LU-BAP-LAH-BÉIN-BUM!

Paranoia II (Baby Baby Baby) - Matheus Borges

1988 | A PEDRA DO GÊNESIS

[Check-up - Bruna Brönstrup](#)

1989 | A PANELA DO DIABO

[Você roubou meu videocassete - Elizabeth Gouvea](#)

ELEGIA

[Chegada de Raul Seixas ao Castelo de Avalon - Bráulio Tavares](#)

[Autores \(ordem alfabética\)](#)

[Mais sobre o organizador](#)

# *Apresentação*

**T. K. Pereira**

Em 21 de agosto de 1989, há exatos 30 anos, silenciava-se a voz de um dos grandes nomes da música brasileira. Até hoje idolatrado por legiões de fãs, Raul Seixas deixou um legado rico de 30 discos gravados, 400 músicas compostas, inúmeras incógnitas e lendas. Na vida dessa metamorfose ambulante a única constatação era a paixão pelo rock e pela escrita. Raul trilhou seu próprio caminho na música, mesclando seu estilo favorito ao baião, xaxado e ao brega.

Contestador, filósofo, místico, cético, agnóstico, foi relâmpago, foi pantera, produtor, compositor. Perseguido pela ditadura, exilou-se nos Estados Unidos, onde supostamente visitou John Lennon e tocou ao lado de Jerry Lee Lewis. Teve parcerias de sucesso, cinco casamentos fracassados, três filhas. Debilitado pelo alcoolismo, caiu no ostracismo. Recusou a sentar-se no trono de um apartamento com a boca escancarada cheia de dentes: encerrou a turnê de lançamento de seu último álbum oito dias antes da morte chegar.

Esta coletânea é um tributo ao pai do rock brasileiro e uma lembrança de que Raul segue mais vivo e atual do que nunca. Reunidos aqui estão 36 autores contemporâneos, de diversas partes do país. Em comum, o fascínio pela figura do saudoso maluco beleza. Os contos que apresentamos são frutos tanto de inspiração sutil quanto de homenagem escancarada, e refletem a diversa trajetória musical de Raul. Mesmo que o leitor não seja um aficionado, este livro tem a oferecer uma excelência narrativa inegável. Ao fã, que você aprecie este projeto organizado com tanto carinho e cuidado.

**Força Leia Raul!**

**1971**

**Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das 10**

## *Dr. Paxeco*

### **Doutor Pacheco, o herói dos dias úteis**

**Tadeu Sarmiento**

Quem o viu àquela manhã, com sua careca e paletó inconfundíveis, soube que havia reprovado na escola da ilusão. Afirmaram que parecia um palhaço atrasado, de algum bloco carnavalesco tardio que saísse em julho sob a batuta de Sérgio Sampaio. Não podemos dizer que antes dele a cidade era calma. De qualquer modo, sua fantasia chamava atenção. A gravata, agora, parecia uma forca.

Sim, ele arrastava uma forca pelo pescoço. Disseram que seus pulsos pareciam cortados, seus sapatos fora de moda. As meias uma branca a outra cinza, uma domingo a outra quarta-feira. Ele atravessava as pessoas na rua. Foi o que disseram. Andava como se estivesse no automático, entre a massa e o caminhão. Deambulava. Parecia desaparecido. Sonâmbulo Tateando a pele de um fantasma. Dias depois sequer lembraria como havia saído do hotel para onde se dirigiu decidido a se matar.

A impossibilidade de lembrar deprimia Dr. Pacheco. Dançou três dias e três noites no bloco carnavalesco de si mesmo. Deus estava com ele, mas, também o Demônio, pois, para aonde Deus vai, o Demônio, imitador, O segue.

Quem o viu àquela manhã? Alguém disse que poderia ter sido um homem feliz. A camisa estava suja de sangue. Antes o haviam procurado em hospitais e necrotérios, afinal, o carnaval já havia passado, então, onde estaria? Quem o viu disse que seus olhos pareciam fixados em alguma nuvem. Mas, o céu daquela manhã estava limpo quando decidiram recolhê-lo.

No hospício estava entre os seus, mais que no escritório. Era tratado como igual. Ali cada um comentava a fantasia do outro. Chegava a ser divertido. Todos palhaços com pantalonas dois números acima. Quem o viu àquela manhã disse que ali estaria melhor, mais bem aceito. Todos ali eram tão cordiais, tão educados, de uma polidez excessiva, beirando o sobrenatural. Alguém que o visitou disse tê-lo visto sorrir no pátio. “Estou aqui porque estou curado”, disseram tê-lo ouvido dizer. “Aqui nós desejamos sem nomear os desejos”, disseram ter ouvido confessar-lhe um companheiro de quarto.

A loucura ilumina o corpo pelas bordas. O corpo de Pacheco é uma lâmpada e a loucura a eletricidade. Quem o viu àquela manhã afirmou que o louco é uma criança que se recusou a crescer. Que enquanto desaparece, a criança deixa atrás de si marcas distraídas de sua infância. Isto é a loucura. Quem o viu não coincidir consigo mesmo àquela noite? Que olhou no espelho e não se reconheceu? Que ali viu apenas um conflito refletido em cor, luz, e vazio? Quem o ouviu dizer as coisas que disse para si mesmo crendo estar falando com Outro?

A loucura é a porta para dentro. Uma nudez sem falhas. A realidade necessita dessa margem de passeio na qual deambulam os sonhos, os pesadelos, ou palhaços como ele - despedaçados, humanos, imperturbáveis. No hospício ele encontrou os únicos dóceis, os únicos insubornáveis - exceto se subornados pela delicadeza da fuga a qual, antes de chegar lá, todos empreendem. Que quando aquele que não fala, ou fala pouco, encontra-se com aquilo do qual não se fala, ou de que pouco se fala, temos a sala da televisão, onde os loucos se reúnem para, mutuamente, se esquecerem. E isso foi Lacan quem disse.

Dr. Pacheco, o herói dos dias úteis, não vai mais voltar.

## **Tadeu Sarmiento**

Autor de *Associação Robert Walser para Sósias Anônimos* (Cepe, 2015) e *E se Deus for um de nós?* (Confraria do Vento, 2016), entre outros. Ganhou o II Prêmio Pernambuco de Literatura e o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura de 2016, com o livro de poemas *Um Carro Capota na Lua*, publicado em 2018 pela Tercetto Editora. Em 2017, conquistou o 13º Prêmio Barco a Vapor, com o livro *O Cometa é um Sol que não deu Certo*, publicado pela Edições SM.

## **Por que *Dr. Paxeco*?**

A letra é absolutamente narrativa, e o conto que escrevi é só um dos seus desdobramentos possíveis. Além disso, Dr. Paxeco é um personagem e tanto.

**1973**

**Krig-ha, Bandolo!**

# *Mosca na Sopa*

## **Manual de Escrita Criativa**

**Ivandro Menezes**

~~Acendeu um cigarro.~~ Não, não se deve começar um texto dizendo que o protagonista acendeu um cigarro. Ao menos, foi o que me disse aquele coach online de escrita criativa. Mas como devo começar se tudo começou com ele acendendo um cigarro?

Se o protagonista não acender o cigarro não terei o que contar e sem ter o que contar de nada seria estar aqui nesta coletânea repleta de bons contos de bons autores versados em todas as boas regras da boa escrita segundo o bom coach Fulano Vitorioso Sou Foda Demais Escritor de Sucesso.

Também não falaria de Alice, Eunice, Suzana, Marina, Judite da propaganda do iFood com o Fábio Porchat. Pouco ou nada importa o nome que ela tenha. Interessa que era garota de programa e interrompe um bom boquete profissional para reclamar da “fumaça tóxica” exalada pelo cigarro acendido no começo desse conto, em respeito as boas regras da escrita, não pode ser iniciado com o cigarro sendo acendido pelo protagonista. Por isso, estou aqui dizendo o que não poderia ter escrito por não ter podido começar com o protagonista acedendo um cigarro.

Alguém vai me dizer que “fumaça tóxica” não convence na boca de uma puta, que deve ser iletrada. Se o protagonista tivesse acendido o cigarro no início deste conto, quando ouve uma prostituta reclamar da fumaça tóxica, talvez pudesse escrever que se trata de uma estudante de Enfermagem que faz programas para poder pagar os quase três mil reais de mensalidade e atendia à tarde por ser casada e fazer curso noturno

numa cidade vizinha a sua. O marido desconhece a atividade. Em verdade, frequentam a Assembleia de Deus e na cidade ela só usa saia jeans índigo blue com botões prateados na frente, coque no alto da cabeça, nenhuma maquiagem e blusas longas e sem decotes para manter o recato e a beleza guardadas ao homem escolhido por deus para ser seu marido. Sei que acabo de descrever um clichê - a mulher assembleiana e hipócrita religiosa. Todo mundo já cansou desses clichês. Por isso, que resolvi não escrever este conto.

Se não fosse um clichê e o protagonista tivesse acendido um cigarro no início, eu diria que ela não gosta do que faz, mas o faz para garantir uma vida melhor. Deus a perdoaria. Não havia luxúria e o pecado é a luxúria. Tudo ali era estritamente profissional. Contudo, não admitiria a fumaça tóxica do cigarro adentrando os seus pulmões e a transformando em possível vítima de um câncer futuro.

Se tudo isso tivesse acontecido, ele diria para ela largar de frescura, que puta não tem gosto ou vontade. ~~Chupa logo essa rola, ele diria.~~ Fica muito vulgar dizer desse jeito. Vai logo, ele diria. Agora ficou melhor. Já não me acusariam de ser machista. Vocês sabem, anda tendo um surto de vigilância politicamente correta. Não entenda errado, eu gosto e defendo o politicamente correto. Só não acho que a literatura tem alguma obrigação com ela. Nem todas as pessoas são politicamente corretas e a maioria das que são, o são apenas da boca pra fora. Os pensamentos não se convertem facilmente. Por isso, todos amam uma pornografia boca suja, cheia de palavrões, de tapas na bunda e vulgaridades. Ela não gosta. Ele sim. Talvez eu o descreva como o macho ácido tóxico, cheio de obscenidades e pouco se lixando para a mulher da vez. Mulher como objeto. Não cai bem falar isso. Tem mulher que não seja objeto? Esse seria um tipo de pensamento que ele teria, pensando na puta - para ele apenas isso - que se recusava seguir adiante por conta de uma baforada tóxica de Lucky Strike.

O personagem tem de ser esférico. Eu deveria ter feito um rascunho antes. Essa história de escritor que ouve o que o personagem conta não existe. Autor tem de ser autor. O deus de seu próprio mundo, mão sujas de barro moldando seu próprio Adão, adormecendo-o para esculpir sua própria Eva, rejeitando a sua Lilith, a desobediente, a empoderada, a feminista original.

Toda a ideia de mulher independente causa ojeriza no protagonista. Isso lhe traria profundidade? Para mim, parece óbvio, mas agrada os leitores mais antenados com a

~~nova ordem mundial~~ o estado de coisas. Falar de gênero e dessas coisas ganha prêmios, né? Assim disse um escritor arrependido macho alfa metido a gênio que nunca escreve nada, mas se acha foda, o rejeitado, o incompreendido, esperando ser descoberto pelo Schwarcz e se tornar o novo fenômeno de vendas e sucesso de crítica e se acha maldito porque escreve pau, cu e boceta em um romance destinado a classe média católica que não lê nada que não seja as 10 Leis do Sucesso ou os livros do Augusto Cury apenas para fazer posts “inteligentes” nas redes sociais.

Alice - vou ficar com esse nome - frequenta a igreja e com fervor e frequência pede perdão a Deus por sua vida dupla. Consola-se dizendo a si mesma que tudo é por uma causa nobre. É o seu próprio Egito, cativa a espera de um resgatador, um libertador, um Moisés com as tábuas da lei, no caso, com o diploma de Enfermagem. A vereadora, também irmã, já garantiu emprego no hospital da cidade.

Enquanto isso, ela diz ao marido que arrumou um estágio de meio-período numa clínica e assim pode ajudar a pagar a mensalidade. Não conseguiu FIES, apenas um desconto de trinta por cento para pagar até o quinto dia útil. Faz programas até arrumar a quantia necessária. Depois jejua, ora e cai numa depressão que ninguém entende. A sogra, também irmã da igreja, diz que é falta de Deus e precisa orar mais, jejuar mais. O marido fica calado ante as críticas da mãe e a convida para orarem juntos.

~~Pensando bem, acho que tenho um bom material para um romance. Imagine as tramas possíveis. Mas sou contista. Estou certo disso. Mas o conto é estágio para o romance. É treino. Já ouvi poeta dizer que será sempre inferior ao romance, já vi coach falar que é treino para romance, já vi post em Facebook sacramentando que contista é estagiário na empresa Literatura~~ Melhor cortar essas coisas, ninguém precisar ler. Isso é o tipo de coisa que a gente conversa em mesa de bar, grupo de WhatsApp, bastidores de feiras literárias. Prefiro não lidar com os egos e as muitas certezas que permeiam o campo. ~~Eseritores são mais sensíveis que eu de moreego feliz.~~ De onde veio isso? Melhor parar de divagar. Isso aqui não é romance da Clarice.

Ela toma uma bofetada. Esse será o conflito. Se ele tivesse acendido o cigarro, ela parasse o boquete para reclamar da fumaça, humilhada por fazer o que faz apenas para cumprir um nobre propósito, ouvindo-o chamá-la de puta e, em seguida, dando-lhe uma bofetada. Eu descreveria seu espante. *Show, don't tell*. Ela cai no chão, olhos arregalados, arrastando-se para um canto de parede, leva a mão ao rosto avermelhado - é

possível ver o desenho da mão sobre a pele -, os cabelos assanhados, alguns fios caindo sobre o rosto. Ela se esforça para não chorar, tenta alcançar a bolsa, mas ele percebe e adianta-se. Ela teme que ele a machuque ainda mais. Pensa em como irá justificar um hematoma no rosto para o marido, para a sogra, para o pastor. Nada permanece em oculto, ela lembra do versículo, e treme. É deus a castigando pelo seu pecado. Ela se ajoelha e começa a orar. Ele para. Senta-se atônito na cama. O pau começa a murchar, os olhos inquietos acenam para baixo. Não consegue olhar para mulher, cada palavra, cada súplica aos céus o constrange. Ele se ajoelha em frente a mulher e a cobre com o lençol branco e gasto do motel. Toma as suas mãos. Ela treme, os lábios movem-se sem qualquer som. Dessa vez, ele quem fala. Ergue a voz e começa a orar. Arrependido, ele entregue sua vida a deus. Ela chora emocionada. Seria aquela a sua vocação? Evangelista de alcova. Ela não sabe, mas vendo-o ali, constrangido, pau amolecido, joelhos no chão, mãos cobrindo o rosto em convulsão, ela se apraz dele e a excita. Toma as suas mãos, apalpa o seu sexo, leva-o para cama e o ama grata ao deus que os uniu. Está certa da separação. Afinal, foi deus quem os uniu.

Paulo Afonso (BA), 15 de junho de 2019.

## **Ivandro Menezes**

Paraibano e autor de *Sangrem os porcos, depenem os frangos* (Moinhos, 2018).

### **Por que *Mosca na Sopa*?**

A minha lembrança mais remota de Raul Seixas é de minha infância, quando ouvia as diferentes músicas, cantores e estilos de meus irmãos mais velhos, de Lionel Richie a Reginaldo Rossi, de Trio Los Angeles a Marquinhos Moura, de Caetano Veloso a Roxette, de Fábio Jr. a Menudos, de Nelson do Cavaquinho a Gretchen. Porém, nunca tinha ouvido Raul, exceto naquele clipe do Balão Mágico. Foi no rádio, numa estação de Santa Rita, enquanto aguardava o programa com músicas de Reginaldo Rossi, que ouvi Raul Seixas. Uma música esquisita que falava de uma mosca que caiu na sopa. Fiquei encantado com a batida, com a voz, mesmo sem compreender tamanha irreverência e ironia. Claro, que conheci outras canções, algumas que goste mais, porém sem o mesmo impacto. Sigo como a mosca, ora incomodando, ora incomodado.

## *Metamorfose Ambulante*

**É chato chegar a um objetivo num instante**

**Ana Elisa Ribeiro**

Mal tocamos o último acorde, ouvi de um lugar impreciso aquele “toca Raul!”. Apreendi com os parceiros a contar até dez, deixar passar. “Não tem jeito, mano, isso rola mesmo”. É... mas e as composições autorais da banda, não merecem atenção? E de novo: “Toca Rauuuuul!”. A vontade de mandar à puta-que-o-pariu chegou atrás dos dentes e voltou. 1, 2, 3, 4, 5... lentamente. Melhor não. Não é fácil estabelecer-se no mercado. Sem empresário, sem produção, sem bons instrumentos, tocando em bar pequeno, com cachê baixo e dividido com mais quatro caras. Não é mole. Mas quase todo mundo do rock começa assim. O jeito é ir compondo, apresentando, misturando música própria àquelas que todo mundo conhece e já aprovou. Às vezes nem notam, acham que é tudo *setlist* de famoso. Outras vezes percebem e ficam inquietos nas cadeiras ou na pista. Os mais educadinhos até batem os pés, balançam o tronco, pegam uma cerveja no balcão, olham diretamente para os músicos. Os mais sem-noção não fazem questão disso, muito esforço. De cara se desligam, cutucam alguém para conversar, falam alto, dão gargalhadas, distraem quem estiver batendo pezinho e olhando a banda. “Toca Rauuuuul!”, pela terceira vez, agora mais gutural. De novo, foi preciso conter um palavrão ou dois. De repente, aquela vontade-monstro e a imaginação voou longe. Imagina mandar um vai-tomar-no-cu bem sonoro na testa do cara. Coisa de filme. Mas os parceiros disseram: “Tenha calma, conte até dez, lentamente”. Paciência. Tente outra vez.

O vocalista deu o recado: músicas autorais. E se perdeu numa explicação sobre inspirações e influências. Tudo para valorizar o tal do “processo criativo” e dizer que a canção se parece com alguma coisa que o povo já conhece. Mandaram. E mandaram bem. Era mais ou menos uma balada, dessas com refrão três vezes e solo de guitarra no meio. O palco era pequeno, mas a iluminação não era ruim. O foco de luz caía sobre a guitarra, produzindo um efeito que fazia a gente se sentir *rockstar*, sonhando com cenografias do U2 ou do Pink Floyd. Painéis de led de muitos metros de altura, melhores marcas de baixo, bateria, pedestais para jogar pro alto e no chão, sonho. Mas ali, na real, perder uma palheta era grande prejuízo. Melhor ser comportado.

As garçonetes passavam no meio das cadeiras servindo cerveja quente em lata. Não era bar de vender *long neck* ainda. Muita gente de pé, encostada em pilastras revestidas de Formica, coisa com jeito de cozinha velha. O show devia durar umas três horas, com dois intervalos de 15 minutos para beber um goró e comer uma empada (menos o vocalista, que podia se engasgar legal com aquela massa). O estresse mesmo era aproximar-se o fim da apresentação e sair do palco. Ninguém pedia bis. Era a frustração maior para qualquer grupo. Porra, nem por educação? Não vão dizer nada? Viram-se imediatamente para trás, para os lados, assediam as meninas com as bandejas, os namorados beijam-se, os bêbados falam e riem alto, gritam palavrões e, às vezes, dá até para ouvir um xingamento: “Bosta de banda que atrapalha a gente a conversar!”.

O repertório combinado tinha 25 canções. Rock nacional e gringo. Tudo muito conhecido, Guns’n’Roses com assobio e tal, Creedence, que todo mundo sabe só o refrão, Legião Urbana com aquelas histórias enormes, Capital Inicial chato pra caralho, Kiko Zambianchi de uma música só, versão mais pesadinha de Kid Abelha, mas sem saxofone porque aí já seria instrumento de luxo. Não é pra nós ainda. No meio da seleção toda, enfiamos duas baladas próprias, uma delas até com estalinho de dedo, e seis com pegada mais dura, mandando um *backing vocal* em algumas frases, fingindo ler partitura numa delas, teclado emprestado com som de piano, bateria fingindo ter dois bumbos. Reação geral: um cara encostado na pilastra batucando com os dedos, com cara de quem pensava nos boletos para pagar; duas moças de lurex bebendo coisas coloridas e falando alto; muita gente na fila do banheiro. Tem isso: música autoral de banda desconhecida é boa pra ir ao banheiro. Porra.

Entre uma música e outra, enquanto ajeitávamos os fios torcidos, líamos a listinha de títulos pregada no chão - no escuro -, afinávamos meio discretamente os instrumentos de corda e combinávamos coisas entre nós, com sinais, como jogadores de vôlei, dava sempre um frio na barriga, um medo enorme, uma exasperação. A porra do cara vai gritar “toca Rauuuul” de novo. Parecia sempre o mesmo cara ou uma legião deles que se espalham pelos bares só para esse tipo de manifestação de apreço ao mago do rock ou por pura sacanagem mesmo. Sequer sabem cantar uma letra inteira. Vão de refrão em refrão, abraçando-se nojentamente, balançando os bracinhos, derramando cerveja dos copos americanos, só para encher o saco da banda. Extraterrestes? Elfos? Diabos? Seres das trevas que brotam dos fundos de bar para infernizar os roqueiros iniciantes? Nem todo mundo tem parceria com Paulo Coelho, né, chapa? Aí fica complicado. Contar até dez: 1, 2, 3... lentamente.

Tocamos cinco, dez, dezoito canções. Quase sem errar. Normalmente essa turma não identifica os escorregões. A gente logo conserta ou finge que é propositado, versão, a tal da releitura. Funciona. Vontade de mijar. Não dá. Mulher é que consegue cruzar bem as pernas e aguentar mais um pouco. Engraçado aquilo, mas é uma vantagem. Aprendi a me distrair do mijo até acabar o show. Se der sorte, alguém precisará ajustar alguma coisa mais demorada e eu fugirei pro banheiro. Vejo a plaquinha *homem* iluminada lá no fundo do salão. Duas bichas na porta se pegando.

Vinte canções. Várias nossas. O babaca deve ter ido embora, desistiu de pedir. Caralho, que maravilha. Vamos poder tocar nossa seleção até o fim. Para resolver o problema de cotas, enfiamos lá uma Rita Lee e uma Janis Joplin. Pessoal só conhece Mercedes Benz, então vai. Rola até uma cantoria mais forte, mas só de alguns. A música andou fazendo sucesso com cantor brasileiro, então teve um reforço. Moçada cantando com a pronúncia possível, maioria das vezes sem saber a letra, pura *embromation*, mas fazendo cara de intercambista no exterior. Não é mole. Povo que não sabe o que é o amor, nem sabe quem é, hoje ama, amanhã odeia. O vocalista não fazia feio. Tinha morado no Texas quando era adolescente, se gabava disso, numa casa de família (tinha de chamar os velhos de pai e mãe mesmo), e aprendeu um inglês convincente. A Janis não deve se incomodar muito.

Vinte e três. As duas próximas e últimas são para agitar, para deixar saudade. Nunca acontece. Show longo, pessoal já cansado, meio bêbado, quem tinha de pegar alguém já

pegou, banheiro sujo, até vômito no vaso, no chão, respingos na parede. Bebida quente, era isso desde o começo. A maquiagem das meninas já escorreu, suor na testa, bolsinhas pequenas de lado assim, a tiracolo, celulares nas mãos, como talismãs. Tinder fervendo geral. As músicas não prendem a atenção, nem as de refrão batido. Pessoal já vai combinando o sanduba ou o macarrão da madrugada, em outros estabelecimentos. Bar de música não serve nada direito. Batata frita encharcada e cara. Sempre faço as contas dos quilos de batata que dava pra comprar com aqueles vinte ou vinte e dois reais. Caralho! Aí eles salpicam uns bacons meio queimados e põem um queijo derretido enjoativo por cima e beleza, pessoal anota na comanda e paga na saída, junto com o couvert da banda. Ah, claro, muita gente pede pra tirar o couvert. “Cheguei tarde, quase não ouvi”, “Minha mesa era no fundo, nem vi direito os caras”, “Cheguei nas últimas músicas”, “Não tocou Raul”. Cara, é um trampo. Minha mãe disse, desde que eu era pequeno, que eu devia estudar mais Matemática, encarar as dificuldades. Acho que o sonho dela era que eu fosse engenheiro. Ela achava bonito. E eu até fiz o que ela pediu, mas na faculdade o que rolou foi encontrar uma turma que tocava violão e matar todas as aulas de Cálculo ou a porra da Programação. Não dava nem pra enxergar no horizonte o dia da formatura. O máximo que eu me aproximaria dessa vida séria e promissora era me tornar um Engenheiro do Hawaii. Fiz essa brincadeira com a velha um dia e ela me olhou horrorizada. Puta banda ruim. Nem pra isso o trocadilho serviu, merda. Ela saiu pelo corredor do apartamento dizendo “pra ficar tocando *Infinita highway*, aquela merda?”.

Alguém pisou no cabo do baixista e rolou um silêncio maior entre uma música e outra. Muxoxos e pigarreamentos gerais. Sussurrei um palavrão e mandei os caras acelerarem. Sem *roadie* é foda. Tínhamos um voluntário, o Max, que era irmão caçula do ex-baterista. Mas a desistência do batera, a briga enciumada, a discordância sobre os rumos da banda e a aprovação dele num concurso da Receita Federal, e a gente perdeu ambos. Ninguém pra ajeitar os fios e carregar as coisas pro carro velho estacionado no fundo do bar. A gente monta e desmonta tudo, incluindo a faixa com nosso nome que fica ali na frente, pro pessoal saber e gravar. Ter o nomão da banda no front é fundamental. Vai que chega um empresário, olheiro de gravadora, e resolve nossas vidas. Bobagem. Isso nem existe mais, porra. Negócio é entrar no Spotify e ser consumido assim. Não adianta nada, convenhamos. Pessoal de bar nem olha o nome da banda. Nem faz questão. Não grava nenhum refrão autoral e não decora as fisionomias

da gente. As meninas que beiram o palco dando bola e os gays que tentam a mesma coisa talvez reparem mais, mas no escuro a gente fica devendo mais nitidez. Mulher gosta é de guitarrista. Acaba o show e elas vêm com papo de “você se parece com o Slash” ou aqueles boys boa-pinta do Bon Jovi, sei lá. Vocalista também faz sucesso. É garantido. Leva assédio de veado e de mulher. Pode escolher. “Você me lembrou demais o Axl Rose, o Bono, o Eddie Vedder, nossa! Seus trejeitos, seu cabelo”. Nosso vocalista é bi. Se gosta, leva. Não faz distinção nem questão. Gosta da pessoa, depois vê se é macho ou fêmea. Tanto faz. Acho legal. 100% do espectro. Quem me dera. Baixista fica meio chupando dedo. Pessoal não sabe direito o que aquele instrumento faz no conjunto. “Ah, você é aquele som mais grave que a gente mal ouve?”

Última canção. Logo já vai me dar aquela ansiedade da porra pelo bis, que provavelmente não virá. Pessoal tá distraído há muito ou prestando atenção em outras coisas. Ao menos o bosta do cara do “toca Raul!” deixou a gente em paz. Deve ter arranjado alguma coisa e saiu, mudou de bar, foi encher o saco de outra banda. Pô, mano, quer Raul vai ao cemitério. Alguns têm o arrojo de pedir até a música: “Gita!”. Outros cantarolam o refrão, mal pra caralho, mas a gente reconhece. “Viva, viva, viva a sociedade alternativa”. Mas a maioria só pede genérico assim, “toca Raul”, dando ênfase no Rauuuuul, pra não ter erro, não deixar dúvida. E a gente até que sabe, tá ligado no repertório, nas composições do cara. Não desmerece. A gente até consegue, se quiser, mandar uma Mosca na sopa ou uma letra longa do tipo “eu nasci há dez mil anos atrás e não tem nada nesse mundo que eu não saiba demais”. Mas é foda, é osso, porque a gente quer mostrar nosso som autoral e não consegue, saca? É mais é isso, não é desprezo nem nada. Até rola um respeito, maior roqueiro nacional, pioneiro. Mas a gente não aguenta mais aqueles acordes, ficar atendendo bêbado de boteco o resto da vida pra cantar canção de autoajuda. O “toca Raul” rola com qualquer banda de garagem, até se você tocar gospel na igreja alguém grita essa porra. Eu lhes tenho horror!

A última música acaba em *fade out* na nossa gravação demo, original, num estúdio mequetrefe aí que arranjamos. A gente teve de fazer uma adaptação pro show, não chega a ser um novo arranjo nem nada. Optamos por um corte mais abrupto, o que deixa o som com jeito de apoteose. No nosso delírio, queríamos que a plateia lotada fizesse aquele “ahhh” de multidão, todo mundo arrepiado. Claro que não. Na real, não acontece nada. Dois ou três caras puxando umas palmas, meio sem graças, espaçadas.

Cinco meninas dão continuidade. Mulher tem um pouco mais de sensibilidade. A gente se abraça de lado, abaixa, faz uma cena de banda grande famosa. No fundo rola até uma vontade de chorar, mas aí conta-se até dez, lentamente, e espera-se que um dia o reconhecimento venha. Pô, a gente rala pra caralho. Por que não viria? Às vezes chego a pensar que talvez desse mais certo se eu tivesse sido escritor. Profissão que depende de menos gente, sem banda, muita editora. Mas já me disseram que é uma merda igual ou maior. Engenharia, não. Isso é que não dá. Então o jeito é acreditar geral na ralação da gente.

Último acorde. Corte. Fim abrupto. Cinco palmas espaçadas. Nem vimos direito a cara das pessoas educadas que fizeram isso. De cima do palco, o que eu podia ver era um casal meloso na mesa da frente, três garçonetes meio à toa, com cara de “acabem logo que eu quero ir embora”. Sou solidário a uma coisa: tanto nosso “toca Raul” quanto os assediadores delas foram embora. Nada de bis. A gente até preparou um Rolling Stones, mas não pediram. O jeito é beber a cerveja quente atrás da bateria e começar a desmontar as coisas. Peças de bateria, cabos, plugues, cases, palhetas, cordas arrebitadas, microfone, jaqueta pelo chão (vocalista é tudo igual...), copos, enquanto vamos conversando sobre ajustes e sobre as coisas que funcionaram bem ou mal. Meu contrabaixo precisando de uma limpeza, todo suado, um arranhão na parte de cima, coisa de sobrinho pequeno. Titio vai te dar uma porrada se mexer aí. Dito e feito. Desmontar é meio deprimente, em especial depois de umas palmas sem graça, a esta hora da madrugada. Desmontar, empilhar, pôr no carro. Aqueles toscos do Iron Maiden têm um avião, velho. Imagina? O vocalista é quem pilota a porra da aeronave. A gente nesta merda desta Doblô velha, custando a dar conta da gasolina, e os caras viajando a jato. Aquele avião com o Eddie pintado. Chega dar raiva. Fazer o quê? Nosso equipamento cabe todo neste utilitário meio esquisito. Tá de bom tamanho. É que temos para o momento, como tá na moda dizer. Mas isso não minimiza minha frustração. Chegar em casa agora, comer um resto de qualquer coisa da geladeira, ver TV pra abaixar a adrenalina, deitar sem banho mesmo, para não acordar ninguém. Pai e mãe velhos, irmã no quarto ao lado. Não têm nada com isso.

Esquecemos alguma coisa? Vamos contando tudo, quantas caixas, quantos amps, quantas palhetas, quantos isto, quantos aquilo. Falta, falta alguma coisa. O que você esqueceu, seu burro? O vocalista se acha superior. Vai lá, volta lá. Já baixaram a porta de aço. Foda-se, pede pra abrirem. Volta lá. Sobra sempre pra mim. Desço da Doblô

escura, de vidro trincado, quase caio na calçada, vou lá buscar a porra da faixa com o nome da banda. A gente pagou uma grana pra fazer esse banner de vinil, coisa meio brilhosa, pra colocar assim na frente do palco. Sem isso o pessoal nem fica sabendo nosso nome. Caralho, dá trabalho. Tem de desprender e enrolar aqueles três metros de banner, fazer virar um canudo, enfiar embaixo do braço, sair carregando. E enquanto eu enrolava a faixa, a garçonete com cara de tédio, mascando chiclete, lia alto, silabadamente: Me-ta-mor-fo-se-Am-bu-lan-te. Dar nome a uma banda é difícil pra caralho. Já tentou?

## **Ana Elisa Ribeiro**

Mineira de Belo Horizonte, 1975. Contista, cronista, poeta, com livros publicados desde 1997, sendo os mais recentes *Beijo, Boa sorte* (Natal, Jovens Escribas, 2015, contos), *Anzol de pescar infernos* (SP, Patuá, 2013, poesia), *Xadrez* (BH, Scriptum, 2015, poesia), *Álbum* (BH, Relicário, 2018, poesia) e *Dicionário de imprecisões* (BH, Leme, 2019, poesia). É professora e ex-vocalista de banda de rock.

### **Por que *Metamorfose Ambulante*?**

Muitas canções já haviam sido escolhidas pelos/as colegas quando o T. K. me convidou pra participar desta antologia comemorativa. Achei incrível, no entanto, que ninguém ainda tivesse reservado *Metamorfose Ambulante*. É um hit do Raul, gravada em 1973, antes de eu nascer, no disco *Krig-ha, Bandolo!* Foi regravada por um monte de gente, por exemplo o Ney Matogrosso e a Zélia Duncan. É um dos refrãos mais pregnantes do rock nacional e até a moçada muito jovem sabe cantar. Não foi apenas sorte de ninguém ainda tê-la escolhido. Eu me identifico um pouco com a canção porque, embora eu me ache bem careta, costumo ser identificada com alguma rebeldia. Talvez eu só seja uma pessoa responsável mesmo. Quando pedi ao organizador pra reservar esta canção, disse a ele: “era pra ser minha” e me lembrei das autoajudas do Paulo Coelho, segundo as quais o universo conspira a nosso favor quando desejamos algo. Rá!

# *Al Capone*

**Bel Cadore**

**Cris Vazquez**

Podem rir. Não estou jurando inocência. Eu deveria estar guardada desde antes. Deve ter uns cinco anos. A famosa prescrição? Nem entendo disso. Por outra coisa, mas não pelo imposto de renda. Juiz psicopata fez que não reconheceu meu nome no processo que me condenou. Maria Isabel Cadore, a boa e velha Bel. Ele agora é conhecido como o Desembargador Odilon Sagres. Pois não. Se a Dorinha viesse me visitar, eu queria que tirasse A Morte de novo no tarô. Dessa vez pro psicopata. Aquela lá é uma astróloga. Mas nunca me perdoou. Acha que fui responsável pela morte da nossa amiga, a mais linda das meninas. Não fui. Eu não sabia de nada. Ou fui, de certa forma?

Dorinha disse que não significa que alguém vai morrer quando sai o Arcano 13. Significa renascimento. Deixar o que não serve para trás. Até acredito que ela não previu a morte da minha favorita, mas ela se deu conta que tinha a ver com as meninas. Tossiu. Estava vendo progresso. Franziu a testa. E também desgraça. Ficou tonta. Não conseguia ver nada nítido. Logo ela, que sempre sabia tudo do início ao fim. Eu deveria ter desconfiado. Até sonhei que caíram meus dentes. Vocês sabem o que significa isso, né, meninas? Morte de alguém próximo. Na certa. Trinta mil reais por um fim de semana com a defunta no Guarujá? E nem era pra ele. A velha história de mudar a história de um país usando a mulher como atrativo. E eu não sei? Fiz disso meu negócio.

O negócio do Odilon era matar o superior que iria decidir o maior caso de corrupção do país. Jurou que foi acidente. E continuou a contratar minhas meninas. Para ele, para os amigos poderosos. Só deputado federal. Mandava as meninas pra lá, trazia os caras pra cá, que furavam as votações sem importância. E ele cantava, satisfeito da vida, como naquela música do Raul:

*Ei, Bel Cadore, vê se te emenda  
assim dessa maneira, nega  
Brasília não aguenta*

Cinco. Oito. Quinze mil por programa. Precisei de novas garotas. Do Nordeste. Do Sul. Nenhuma tão linda quanto minha morena de Goiás, que morreu do jeito mais triste. Sim, eu mereço esse inferno aqui.

Depois daquele jogo de tarô, muita coisa mudou. Para quem passou fome quando criança, construir uma mansão em Alphaville e dirigir uma Ferrari é como renascer da lama. O problema foi o movimento das meninas. Eu tentava controlar tudo pela internet, mas elas sempre apareciam para pedir colo, pouso, e iam ficando. As vizinhas perceberam a zorra toda. E denunciaram meus, como se diz, sinais exteriores de riqueza. E eu nem imposto de renda declarava, vocês já viram alguém do metiê declarar alguma coisa pra Receita?

Fui condenada em primeiro grau, mas nem iria puxar cadeia por muito tempo. Guardada mesmo só por um ano. Logo viria o semiaberto. Problema foi o Tribunal. Odilon Sagres, que tanto chupei e que me ensinou a fazer os contratos grandes por escrito, foi quem aumentou minha pena para quinze anos de prisão. Regime fechado, negas. Poderia ter se declarado suspeito pra me julgar. Mas não, o jurista de reputação ilibada não se sujaria por pouco. Tão bom que planejou a morte da minha menina. Nua, no meio do mar. No helicóptero que caiu.

Como foi que ele escreveu na porra do acórdão? *Pecunia non olet*. Isso pra dizer que não importa que a atividade seja ilícita, o imposto incide igual. E ainda mandou uma historinha, só pra se fazer de culto. Sobre o imperador romano que começou a cobrar taxa pro uso dos banheiros públicos. Questionado pelo filho, mandou que cheirasse as notas. Cheiram como os excrementos? Não, estão limpinhas. Não importa de onde vem. Dinheiro não fede.

Entenderam, meninas? Matar pode. Agora, vai sonegar pra cê ver. Psicopataço. Não duvido que um dia chegue a presidente. Dorinha não é a mesma astróloga, mas eu conheço a história do início ao fim.

## **Cris Vazquez**

Advogada pública e escritora. Publicou o romance *O abismo entre nós* pela editora Moinhos em 2017. Atualmente é Mestranda em Escrita Criativa na PUC/RS. [www.crisvazquez.com.br](http://www.crisvazquez.com.br)

## **Por que *Al Capone*?**

Raul Seixas marcou minha adolescência entre Rosário e Pelotas, no interior do RS. *Maluco Beleza*, *Gita*, *Sociedade Alternativa*, *Al Capone*, eram músicas que eu cantava em voz alta com os amigos, quiçá dançava, e que seria capaz de recitar as letras até hoje. Mas escolhi *Al Capone* pelo ritmo e temática. As palavras imposto de renda e astrologia me saltaram aos olhos. A primeira me diz respeito profissionalmente e a segunda é pura curtição.

## *Ouro de Tolo*

**Lírios do campo, cebolas e alhos**

**Cinthia Kriemler**

Domingo. Dia de louvar o Senhor. Carlos Emmanuel sentado no primeiro banco do templo. Para adorar e orar. Vestido como um manequim de vitrine de shopping americano. Calça Balmain de 2 mil dólares. Camiseta Versace de 540 dólares. Peças saídas das prateleiras dos seus armários de madeira de lei e dos seus cabides com monograma de ouro. Nos pés, mocassins de Salvatore Ferragamo de 800 dólares. Uma roupa informal. Que faz parte do seu closet de 3 x 5 m recheado de ternos Armani de 3 mil dólares - cada um. Carlos Emmanuel é uma vitrine de marcas importadas. Importadas como a universidade que ele cursou até o último ano para agradar ao pai. Princeton.

Agradava o pai, irredutível em suas opiniões, ou ia para o olho da rua dormir em uma vaga num cortiço. Ou para o puteiro, a convite de Dorian Michelle, que pagaria para poder gemer e foder de verdade com ele o que era teatro o restante da noite. Agradava o pai integralmente ou pegava dois ônibus lotados para chegar a um supermercado lotado e se enfiar num depósito lotado de caixas de hortaliças e vinhos baratos e sabões em pó que o fariam espirrar - alergias desde bebê - e dar uns amassos durante o intervalo de almoço na Izildinha do caixa. Ele e ela, irmanados pelo gosto da mesma marmita: cebola e alho. Boca, peito, caralho, buceta fedendo à cebola e ao alho da boca um do outro. Um festival de temperos explodindo em arrotos durante a safadeza. Os dele, sonoros e descarados. Os dela, mais discretos e entrecortados pela respiração acelerada de um quase gozo. Quase. Porque nem era gozo aquele livramento silenciado. Ele

tampando a boca oleosa de Izildinha para impedi-la de gritar. Ela engolindo toda a porra dele para não deixar vestígios. Se fossem pegos, poderiam dizer que era desejo, fogo, paixão, preliminares. Trepada, não. Ninguém podia provar nada.

Carlos Emmanuel e essa imagem recorrente que inventou nos anos de faculdade para se vingar do pai que o obrigava ao exílio acadêmico nas terras do Tio Sam. Tio de merda. Que permitia a ele somente uma montanha de livros entediantes. E duas ou três mulheres branqueadas que ele podia convidar para sair no fim de semana graças à mesada generosa que o pai lhe mandava.

Agradeciam-se assim. O pai e ele. Ele, por não ter que encarar a vida num supermercado. O pai, por vê-lo se transformar no seu orgulho, no seu filho de ouro. Graduou-se. Fez doutorado. Trocou o Oi! por um *Hi, there!* esnobe que o afastava da maioria das pessoas. Das pessoas interessantes que ele queria conhecer.

Até que o pai morreu. Deixando para trás dívidas que nenhum credor perdoou. E a mãe idosa. Ah, sim! E a educação em Princeton. Impecável.

Foram-se embora, ele e a progenitora, de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, onde havia mais campo de trabalho para ele. Foram-se calados, apenas as malas e alguns objetos de casa dentro de um carro velho que fedia a pelo molhado de bicho. Empréstimo de um primo. A mãe, ele e um cachorro velho que morreu atropelado nas primeiras semanas da sua vida carioca.

Carlos Emmanuel. Anos indo do trabalho para casa, de casa para o trabalho, do trabalho para casa. Anos agradecendo ao pai morto que lhe permitiu ser alguém. Anos ouvindo da mãe que era por mérito que ele estava reconquistando tudo na vida. Anos remoendo uma pergunta na cabeça: Que mérito? Não era mérito ele ter podido estudar em Princeton. Não era mérito ele não conhecer os ônibus lotados, nem os supermercados lotados, nem as carnes lotadas de tesão de Izildinha.

Resolveu pedir perdão a Deus. A quem mais? Virou homem de igreja. Escolheu o melhor templo, o melhor pastor, e deu o melhor dízimo. Conheceu outros como ele: filhos do mérito. Participou de vigílias em grupo. Noites e dias de Bíblia e negócios. Viajou com eles, orou com eles, pescou com eles. Associou-se comercialmente a eles. Uma espécie de máfia de Cristo. Tudo o que tocavam virava ouro. Para honra e glória.

Riqueza, um antigo status que voltava. E com isso as roupas, os carros, a cobertura em Ipanema. A praia que ele nunca frequentou porque não tinha tempo sobrando nem para a piscina da própria cobertura. Esqueceu-se da pergunta que o remoía. Tornou-se, freneticamente, um homem do trabalho e de Deus. E do dinheiro.

Casou-se com Maria Isabel. Filha de um concorrente. A concorrência virou sociedade. Tiveram dois filhos. Que também foram para Princeton. Ou para Yale. E agora têm três netos. Os primeiros a chegar ao colégio, à escola dominical, aos acampamentos da igreja, transportados por um motorista sorridente que todos os dias agradece ao Senhor Jesus pelo emprego que conseguiu na igreja. Agradece também a Carlos Emmanuel. Com quem atravessa a cidade, no carro importado, para levá-lo ao único barbeiro em quem o patrão confia, na Zona Norte. Barba e cabelo no capricho. Todo sábado pela manhã. O único lugar em que Carlos Emmanuel pode ouvir as gargalhadas de outros homens, felizes por coisas que só foram dele por alguns anos - os de luta. Ou que só lhe pertenceram no sonho em que havia Izildinha. A prestação atrasada do carro, o dinheiro contado para a cerveja no boteco da esquina, a vaquinha para o churrasco de aniversário, a transa apressada, os preços da passagem de ônibus, da luz, da água, da carne. A falta de segurança, as discussões sobre política e futebol - quase brigas -, o quarto ou quinto filho a caminho, o piquenique com a família e os amigos no parque, o remédio do câncer em falta na rede pública, a cunhada espancada pelo companheiro, o pai com Alzheimer, as três batidas na madeira para isolar as coisas ruins.

Domingo. Dia dos homens de mérito. Dia de agradecer no templo. Agradecer. O que Carlos Emmanuel sabe fazer melhor. Além, é claro, de transformar em ouro tudo o que toca.

Ele está no primeiro banco. Reservado aos empresários que vão palestrar para os outros homens da Nação dos 159. Que vão demonstrar como é possível enriquecer pelo mérito, pelo dízimo, pelo agradecimento. Aleluia! Que vão ensinar o toma-lá-dá-cá que eles precisam praticar para conquistar posição, respeito e, obviamente, muito, mas muito dinheiro e prestígio. O banco dos que não pecam. Porque pecado é não agradecer - ao pai; ao Pai. Porque pecado é não pagar o dízimo. Porque pecado é ser vagabundo. Porque pecado é ser gay. Porque pecado é foder a Izildinha. Porque pecado é não ter uma cobertura em Ipanema.

Carlos Emmanuel está calado. Pensando na véspera. Na barbearia em que ele conheceu Raimundo. Que ganhou de presente do padrinho barba, cabelo e bigode. Com direito a massagem no rosto e toalha quente. Porque era dia do seu casamento. Raimundo. Vinte e quatro anos. Carregador no supermercado do bairro. Raimundo. Que não via a hora de dizer “minha esposa” para a namorada Izildinha, caixa do turno da noite no mesmo supermercado. Que ria, feliz, enquanto contava que as tias e as irmãs iam passar o dia na cozinha preparando salgados, caldos, estrogonofes – Vai ter de frango e de carne!, ele dizia agitado - e docinhos, muitos docinhos. Para os convidados. A tia confeitadeira estava fazendo um bolo-surpresa. De três andares. E os quatro engradados de cerveja, recebidos de presente dos dois gerentes do supermercado, já estavam gelados. Raimundo. Que convidou todo o mundo para a festa. Vai ter música até de manhã!, garantiu orgulhoso.

Domingo. No templo, Carlos Emmanuel se levanta do primeiro banco. Uma a uma, vai tirando e largando pela nave central toda a roupa que cobre (em louvor de dólares) o seu corpo ainda rijo pelos ferros da academia. Respira fundo. Sorri. Gargalha. E caminha nu em direção à rua. Pensando em lírios do campo, cebolas e alhos.

## **Cinthia Kriemler**

Contista, romancista e poeta. Carioca, mora em Brasília. Autora, pela Editora Patuá, de *Exercício de leitura de mulheres loucas* (Poesia, 2018); *Todos os abismos convidam para um mergulho* (Romance, 2017), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2018; *Na escuridão não existe cor-de-rosa* (Contos, 2015), semifinalista do Prêmio Oceanos 2016; *Sob os escombros* (Contos, 2014); e *Do todo que me cerca* (Crônicas, 2012). Organizou a antologia de contos *Novena para pecar em paz* (Editora Penalux, 2017) e participa de diversas antologias de contos e de poesia. Tem textos e poemas publicados em: Gazeta de Poesia Inédita, TriploV, Revista Gueto, Revista InComunidade, Revista SAMIZDAT, Literatura&Fechadura, Mallarmagens, Germina, LiteraturaBr, Escritoras suicidas, Diversos afins, Revista Philos. Integra a equipe de colaboradores da revista Os Imaginários, onde escreve para a coluna Escrivãs da Frota.

## **Por que *Ouro de Tolo*?**

*Ouro de Tolo* foi escrita em 1973. Duas coisas me impressionam (mais) nessa música. A melodia, num ritmo propositadamente idêntico e em repetição, lembrando o ciclo tedioso e ininterrupto das vidas pré-fabricadas pela sociedade de consumo. E o fato de, tendo sido escrita há 46 anos, ainda ser tão atual. O “Eu venci na vida e tenho tudo que eu quero” contrapondo-se ao “Eu sou infeliz e não me sinto satisfeito com nada do que tenho”. A ilusão da felicidade como sinônimo de dinheiro e poder. A frustração existencial pela vida emocionalmente mal vivida. O ser em aceitação passiva dos papéis impostos pela família, pela sociedade. Meritocracia. Respeitabilidade. Sucesso. Traduzidos em símbolos de força e poder, como ter um apartamento em bairro nobre. O Ter em eterna luta contra o Ser. A perversidade das conquistas econômicas sufocando o desenvolvimento intelectual, moral e ético do indivíduo. *Ouro de Tolo* é um grito (um dos tantos de Raulzito), um desabafo, uma ironia, um protesto e um alerta. Atemporal e inquietante. Como seu autor.

**1974**

**Gita**

**Se o rádio não toca**

**Singles**

## *Medo da Chuva*

### **Limo, traças e outros efeitos da chuva**

**Maurem Kayna**

A umidade deixou na superfície cheia de limo um brilho capaz de sequestrar o olhar de Angélica. Ao lado da pedra, um cogumelo crescia para fazê-la esquecer de vez o azedume que cultivara por toda a manhã. O tempo chuvoso parecia um presságio ruim para o matrimônio, mas, ao se distrair com aquelas vidas delicadas, o desafio de vencer a distância entre o carro alugado e a igreja sem salpicar o tafetá do vestido com lama perdeu importância. Não era um cogumelo óbvio, daqueles que desenhava para os sobrinhos, mas um aglomerado de setas acolchoadas, de cor leitosa, exibindo uma textura convidativa. Fosse um dia comum e teria se ajoelhado junto ao canteiro para tocá-las.

A noiva esperava por uma trégua das nuvens há mais de quarenta minutos, e o noivo, tranquilizado pelos limpadores de para-brisa do Mercedes Benz e seu vai e vem hipnótico, tagarelava com o padre, seu conhecido desde a catequese. Os convidados ainda não estavam inquietos, aproveitavam a decoração de lírios e copos de leite para *selfies* e *stories*, e faltava um tanto até começarem a especular sobre o cardápio do almoço.

As alianças na caixinha aveludada por fora e forrada do óbvio cetim branco no interior, exatamente como os pais de ambos haviam planejado. Angélica, se tivesse se permitido opinar em algo além do modelo de seu vestido, teria preferido conhecer a Índia ou o Egito, ao invés de realizar a cerimônia e a festa, mas aí começariam as divergências, porque o noivo sonhava com o Grand Canyon.

O Padre Sebastião, preocupado em respeitar o horário da sesta, pediu à mãe de Angélica que insistisse para ela entrar, havia guarda-chuvas grandes na sacristia, era só ela erguer o vestido até chegar ao átrio e pronto. Dona Eurídice teve de abandonar as esperanças de ver o sol varrendo o cinzento do céu e enviou uma mensagem em tom de ordem ao pai de Angélica e logo foi fiscalizar se o genro estava com a gravata no lugar e se a equipe de filmagem e fotografia estava preparada para não deixar escapar nenhum detalhe da cerimônia.

No carro, Angélica, ainda absorta com os fungos e com as pedras reluzentes de chuva, lembrou de quando teve de decidir entre a tranquilidade de namorar alguém aprovado pelos pais e uma hecatombe doméstica se optasse pelo cabeludo que sentava atrás dela na aula. Foi também em um dia chuvoso, antes de haver aliança e festa mais cara do que os pais realmente poderiam pagar - quando a professora de química faltou e ela foi devolver o livro do Henfil; a bibliotecária estava ocupada e disse para procurar o livro do Veríssimo naquela prateleira do fundo, à esquerda. Régis a seguiu e, no meio dos livros cheirando a tempo, traças e penumbra o beijo novo a fez exalar aquele cheiro cálido e palpitante pela primeira vez. A tensão dos corpos querendo afundar um no outro não era algo que acontecia com o namoradinho, sempre temeroso do julgamento divino, ou materno. Os arrepios descobertos entre as estantes, ela repetiria sob as cobertas em todas as noites daqueles meses ébrios em que administrou o namoro autorizado e os encontros inflamáveis com o colega.

Foi no seu aniversário de dezoito, quando o pedido de noivado a deixou em choque, que descobriu-se sem ousadia suficiente para decepcionar a família. Depois de mais alguns encontros na biblioteca e uma ida ao cinema - a despedida - terminaram as aulas e as férias escolares resolveram o assunto por ela. Durante muito tempo seus mamilos sentiram falta dos dedos longos e ávidos de Régis e ela tentou encontrar um encaixe que fizesse fluir o beijo com o noivo, mas o compromisso não favorecera a intimidade.

Em meio à avalanche de mudanças que a passagem da escola estadual para a universidade trouxe, Angélica deixou de dar importância à insipidez do namoro. Ela não era a única entre as colegas que raramente gozava com o namorado, e também não era a exceção em termos de infidelidades ocasionais, mas passados cinco anos, havia agora uma aliança espessa aguardando do outro lado da cortina de chuva.

Enquanto o passado invadia os devaneios da moça, seu pai recebera a mensagem da esposa dando a ordem de avançar e viu alguém se aproximar do carro com os guarda-chuvas. Outra vez Angélica deu os passos que se esperava que desse. Incomodou-se quase nada com os respingos no vestido e atravessou a cerimônia toda como sonâmbula, mesmo sentindo na calcinha o efeito das recordações.

A festa foi correta, brindes, o bolo, incontáveis fotografias ao lado de mulheres muito maquiadas e homens desconfortáveis com as inéditas gravatas. Angélica, que se sentia quase uma intrusa na própria festa, se surpreendeu com as notas se acumulando nos sapatos forrados do mesmo tafetá do vestido.

Pouco antes do entardecer, quando já não restavam muitos convidados sóbrios, o pai do noivo recomendou pegarem logo a estrada para não enfrentarem o asfalto com chuva à noite. Se saíssem logo, chegariam ainda com luz em Gramado. Outra vez Angélica se deixou levar.

O aguaceiro persistiu, mas já não trazia apenas lembranças e sim uma curiosidade quase eufórica. Angélica não se entusiasmou com a cama forrada de pétalas, deixou o marido beber o espumante quase sozinho e quando o viu adormecer tomou um banho revigorante, colocou os sapatos na mochila e chamou um táxi para a rodoviária.

## **Maurem Kayna**

Curiosa, um tanto perplexa com o mundo, autora de contos espalhados em e-books e impressos, do livro-jogo *Labirintos Sazonais* e de folhas secas bordadas com vontades e poemas (nunca seus). Acredita na palavra como matéria-prima para a vida, seja real ou inventada. [www.mauremkayna.com](http://www.mauremkayna.com)

### **Por que *Medo da Chuva*?**

*Medo da Chuva* sempre me fez pensar no quanto as narrativas sobre o relacionamento ideal são contadas em versões diferentes para homens e mulheres e isso me incomodava mesmo antes de eu conseguir elaborar os mecanismos que, no fim das contas, fazem mal para qualquer das partes de um par.

## *Sessão das 10*

**Matinês**

**Tiago Germano**

“Agora, estou certo de que essas estruturas marcadas pelos risos e manchadas pelas lágrimas são mais do que edifícios inertes. É impossível pensar que, ao fazerem parte da vida, não tenham absorvido as radiações provenientes da radiação humana.”

Will Eisner

1945

Meu avô foi para a guerra antes de conhecer minha avó e antes que o irmão dela - que era apenas o motorista do seu caminhão - se tornasse o seu cunhado e portanto o meu tio-avô, todos eles ramos de uma intrincada árvore genealógica que, em 1945, estava temporariamente suspensa porque o meu avô foi dado como morto na guerra e tudo levava a crer que o meu tio-avô seria o próximo, porque acabara de ser convocado.

Meu tio-avô foi convocado quando a guerra estava prestes a acabar mas ninguém sabia ainda disso. Caiu nas graças de um major depois de consertar o motor do seu jipe e foi designado como o seu motorista pessoal. O major prometeu que iria retardar sua ida à Europa até quando fosse possível e, quando não foi mais possível, chamou meu tio-avô num canto do quartel e proferiu sua sentença de morte: ele embarcaria para a Europa no dia seguinte e por isso lhe concedia o dia inteiro de folga.

Meu tio-avô chamou um soldado amigo para ir até a cidade e fazer uma coisa inédita em suas vidas: ir ao cinema. A cidade estava deserta e os dois subiram as escadarias do

cinema exaustos, como se galgassem os patamares de um cadafalso. Era um filme americano de guerra em que muitos alemães morriam e o herói não apenas sobrevivia como beijava a mocinha no final.

Ao saírem do cinema, as ruas estavam tomadas por carros e mulheres que acenavam para eles e gritavam que a guerra havia acabado. Meu tio se abraçou ao amigo e os dois voltaram ao quartel abraçados, cantando.

1960

Meu avô voltou da Itália como passageiro clandestino de um navio de cargas. Desembarcou no Rio de Janeiro e não soube quem procurar para explicar sua situação. No desfile vitorioso das tropas, cuspiu na bota de um sargento e só quando foi preso conseguiram desfazer o equívoco. Voltou para casa também de navio, tempos depois. Só o cachorro o reconheceu quando viu sua figura despontar do outro lado da rua, como um fantasma de si mesmo. Sua mãe desmaiou quando o viu com o cachorro nos braços, batendo na porta.

Meu avô ainda não era meu avô mas já havia casado com a minha avó quando foi pela primeira vez ao cinema. Não era um filme de guerra mas havia uma cena de guerra e ninguém sabia disso. Meu avô tinha sido atingido pelo deslocamento de ar de uma granada e voltara traumatizado da Itália. Tinha terrores noturnos e acordava gritando. Nunca contara nada a respeito da guerra, apenas que muitas coisas ruins aconteceram em Monte Castelo e em Firenze os italianos chamavam a manteiga de burro.

Quando viu a guerra no cinema meu avô abandonou a sessão e saiu correndo sem dizer nada. Minha avó foi encontrá-lo sentado nas escadarias com a cabeça entre as pernas, chorando feito uma criança.

1975

Meus pais se conheceram no cinema, numa noite de show de calouros. Meu pai ganhou o primeiro prêmio imitando Raul Seixas e minha mãe o segundo, imitando Diana. Ela usava um vestido que parecia um lençol e que era muito longo, lhe cobrindo os pés. Meu pai estranhou o barulho de uma corrente, quando desceram as escadarias do cinema e foram namorar na praça.

Meu avô descobrira que ela iria competir no show de calouros e acorrentou a filha na armação da cama. Ela desmontou a cama para se libertar, tornou a montá-la e deixou uma grande boneca de pano no seu lugar, em cima do colchão. Saiu pela janela do quarto.

Quando meu avô descobriu a farsa, ficou esperando pela filha na janela. Ao voltar, na alta madrugada, só o que se ouviu na vizinhança foram os barulhos da corrente e os gritos da minha mãe, que levou a maior surra de que se lembra na vida.

1990

A primeira vez que eu fui ao cinema foi para ver um filme dos Trapalhões. Eu estava de castigo e não pude ver o filme na estreia. Minha mãe me prometeu que se eu me comportasse eu poderia ver o filme na outra semana, quando ele ainda estaria em cartaz. Eu me comportei e, na outra semana, fomos ao cinema e assistimos ao filme de pé, porque a sala estava lotada de crianças. Minha mãe conta que, ao entrar no cinema, eu olhei para toda aquela multidão de meninos e meninas da minha idade e, estupefato, perguntei: “Mas mãe, o que será eles fizeram pra ficarem todos de castigo?”

Já não havia tantas crianças de castigo quando, anos depois, arrombamos a porta do cinema abandonado e entramos na sala de projeção com uma porção de latas de óleo com a tampa cortada e uma vela dentro - porque não tínhamos dinheiro para comprar lanternas. O projetor ainda estava lá e alguns rolos de filme jaziam caídos no chão, soterrados numa camada de poeira.

Coloquei uma das películas contra a luz da vela e tive certeza de que vi o rosto do Zacarias, que tinha acabado de morrer. Deixamos o cinema às pressas porque alguém começou a sentir cheiro de queimado e gritou que tínhamos provocado um incêndio. Nas paredes da sala, entre os cartazes de velhos filmes, uma mensagem se iluminava com a chama cambaleante de nossas velas.

“Apenas agora entendo o que Pablo Neruda quis dizer quando escreveu: ‘Tão curto é o amor, tão longo é o esquecimento’. Minhas saudades. Assinado: Um cinéfilo anônimo.”

2005

O cinema foi reinaugurado sem grandes pompas, porque tinham anunciado que a partir de agora só exibiriam filmes adultos, e ninguém queria comparecer na estreia. Eu me lembro de sempre passar pela frente do cinema e me divertir com os títulos dos filmes. *Jorrada nas Estrelas. Ânus Dilacerados. O Diabólico Tesão Anal.*

Eu estudara num colégio católico cuja diretora era uma mulher muito rígida, que ia à igreja todos os domingos e dificilmente dispensava algum aluno da cadeira que ela mesma ministrava, de religião. Seu marido era professor da universidade e se vestia de uma forma tão anacrônica que ainda usava suspensórios. Ele era uma figura inconfundível, baixinho e atarracado, careca e de bigodes, com uma mania insistente de erguer as calças mesmo estando elas já muito suspensas por causa dos suspensórios que ele nunca dispensava.

Todos os domingos, enquanto a mulher rezava na igreja, ele não se importava em ser visto cruzando a rua, tropeçando nas próprias calças antes de entrar no cinema.

2020

A reforma já vem durando alguns anos. Pouco dá para ver por trás dos tapumes, mas dizem que a escadaria está sendo derrubada, bem como o palco e toda a estrutura do segundo andar, onde ficavam os camarotes. Dizem que uma grande empresa adquiriu o prédio - “Uma empresa do estrangeiro”, é o que se repete nas ruas, enquanto uns elogiam o trabalho e outros criticam, quem precisa de um cinema na cidade quando temos tão poucas escolas e vão lá ver se o hospital alguma vez já foi reformado.

A inauguração está prevista para o ano que vem.

## **Tiago Germano**

Escritor e jornalista, autor do romance *A Mulher Faminta* (Moinhos, 2018) e do volume de crônicas *Demônios Domésticos* (Le Chien, 2017), indicado ao Prêmio Jabuti. Possui contos publicados em diversas antologias e atualmente mora em João Pessoa, onde escreve sua tese de doutorado em escrita criativa.

### **Por que *Sessão das 10*?**

Eu conhecia uma série de narrativas familiares e, ao tentar contá-las, percebi que fazia não apenas uma arqueologia do meu sobrenome, mas também do cinema de Solânea (cidade do interior da Paraíba onde passei a minha infância). O lugar - que hoje abriga salas modernas, no padrão multiplex - havia resistido a todas as fases dessa indústria e sido palco de histórias desde a época dos meus avós. O conto me lembrava a epígrafe de Will Eisner e a canção de Raul, que narra o início e o fim de um romance tendo o incêndio de um cinema como pano de fundo.

# *Sociedade Alternativa*

## **Sociedades Alternativas**

### **Joedson**

1

Luar, este é o seu nome agora  
que universitário conheceu o plano  
superior, e pra pô-lo fora do seu crânio  
se apossou dum sítio no Conde (ca própria  
poupança que possuía desde os dois anos  
quando foi aberta) e convidou toda  
sua turma pra morar lá de graça à força  
de sua mesada, nunca de pecuária, entanto  
de pomares e hortas pela governança  
de todos sem agrotóxicos senão  
cocaína et cetera por quais começaram  
até a overdose coletiva, sação  
somente encontrada quando as carcaças  
enfim ajudavam na adubação.

2

Depois da derradeira guerra mundial, preces,  
parece que foi a continha de Alá:  
a população sobreviveu com a

proporção dum homem pra quatro mulheres  
sem nenhum infiel; e assim fora do lar  
trabalhando cada macho, e as femes  
só dentro, acabou se criando aquele  
conhecimento bíblico multimilenar  
e corânico ainda melhor entre elas,  
tanto que em apenas nove meses mais,  
cos milhões de recém-nascidos na nov'era  
e quinze dias passados dos partos normais,  
todos os pais foram mortos e o sistema  
voltou a ser de monogâmicos casais.

3

O Banco Mundial de Esperma declara  
que se encontra com seu estoque no topo  
(tonelitos bastantes pra povoar o cosmo  
por milênios) após uma inesperada  
doação em massa oriunda de todos  
os países, de anônimas e bem intencionadas  
ONGs, e assim que a boa notícia é dada  
bilhões de homens são capados e logo  
socorridos pelas próprias cirurgiãs,  
agora enfermeiras do SUS e da NASA,  
mas em breve os eunucos monopólio terão  
nessa e em todas atividades rasas,  
não obstante óbvio que a profissão  
será a segunda dos donos de casa.

4

O Sargento Oliveira finalmente chegara  
à posição sonhada que lhe azougou azo  
pra deposição do presidente, cargo  
que ele assumiu decretando de cara  
o patriarcado, todos então têm que ser macho

na marra, claro, menos as mulheres amadas  
que já vivem só pro que nasceram: fábrica  
de filhos e criadas deles, os mais aptos  
que cantam hinos pátrios assim que as primeiras  
palavras e marcham assim que os primeiros  
passos, o que ocorre sem maiores problemas  
nos seus primeiros quatro minutos de governo,  
até o reco Araújo, lhe mordendo a orelha,  
lhe catucar o cu com caralho tremendo.

5

Hoje é um grande dia pra humanidade:  
o Estado Palestino está livre de Israel,  
o qual claro tem méritos pra diploma e troféu  
por permitir essas liberalidades  
com as exigências do que nem deveu;  
e pra separação ficar sem visitantes,  
os israelenses (quinze milhões de habitantes  
agora, sem nenhum mais fora do seu  
paiszinho) ativam seu campo de força  
(que cobre inclusive sua marítima área  
e subterrâneas milhas) e as milhares de bombas  
atômicas lascam da Sibéria ao Alasca,  
e já estão achando é bom que nem possam  
fazer turismo ao menos por umas temporadas.

6

Que maravilha agora que os robôs fazem  
todo o trabalho, podemos nos focar  
só nos afazeres que vão nos alegrar,  
escrever nossos livros sem que o dever nos pare;  
Mas eles escrevem melhor e num piscar;  
Foder nossas mulheres todo dia de tarde;  
Melhor fodem o dia todo e pra sua arte

tão longa é curta a nossa milenar;  
Nos drogar até esquecermos quem somos;  
E melhor ainda: eles não precisam;  
E por que que não nos eliminam logo,  
esses mizerinhas? Quem os invejaria?  
Tudo é vaidade, parecem conosco;  
Mas melhores; Passa a garrafa, murrinha.

## **Joedson**

Sanhauá-Paraíba, 1983, publicou os livros *Ode aos Deuses* (2009), *Ode aos Homens* (2010), *Evangelho de Diógenes* (2013), *Elegias do País do Sanhauá* (2017) e *Alcides* (2018), membro do Clube do Conto da Paraíba, pelo qual participou da antologia *Contos de Sábado* (2012).

## **Por que *Sociedade Alternativa*?**

Por causa de “Faz o que tu queres. Pois é tudo. Da Lei!” que abriu caminho pra Aleister Crowley, que é citado nela, e outros escritores ocultistas. Raul é o melhor letrista brasileiro.

## *O Trem das 7*

**Depois do fim**

**Ana Luiza Rizzo**

São oito horas e ainda tenho quarenta e cinco minutos antes da palestra, cheguei bem cedo de propósito, gosto de interagir com o invisível dos lugares onde vou falar. Você tinha razão quando dizia que meus livros ainda seriam disputados pelas escolas. Uma turma de pequenos do terceiro ano, deduzo pela altura em torno de um metro e vinte, um metro e trinta, o mesmo tamanho dos gêmeos hoje, está saindo da sala para brincar de aprender, exatamente como você adorava fazer com seus alunos. A professora tem os cabelos castanhos presos num rabo de cavalo e veste um guarda-pó branco com os bolsos de um tecido de florezinhas lilases, levou-os para o meio do pátio. Você ia adorar os abacateiros desta escola. Pelo sorriso da professora, ela é quem mais está se divertindo e isso foi outra das razões, a principal, na verdade, para me lembrar de você. Pediu para abrirem os braços, assim, como se fosse para abraçar, e depois olharem para o sol. Conseguem me dizer de que lado ele nasce todos os dias? Apontem o braço direito para lá. O lado oposto é o poente, para onde devem esticar o braço esquerdo. Tudo isso para ensinar a encontrar o Norte, sempre em frente. Pensei nas professoras que me ensinaram sobre a Rosa dos Ventos, sempre adorei esse nome, a de geografia, a de ciências, a que lecionava todas as matérias, nos primeiros anos da escola, acho que por isso me apaixonei por você assim que soube como você se chamava, Rosa, todas em algum momento, ou por alguma razão, falaram dos pontos cardeais, assim como você, que me fez prometer que nunca perderia meu norte. Os alunos voltam para a sala de aula e a continuação da brincadeira com o sol é colorir as quatro pontas principais da

Rosa dos Ventos, recém-descobertas: Leste, Oeste, Norte e Sul. As outras pontas nos entremeios do leste e do oeste, intercaladas entre o nascer e o morrer, aprenderão aos poucos, como eu também aprendi, como você me ensinou, Rosa. Esses são grandes, já não chamam a professora de mãe por engano, para depois ficar com vergonha, sem saber que esse pode ser o momento mais feliz do dia para ela. Pelo menos era assim com você. O céu fica nublado de repente e não posso conferir as horas na sombra projetada no chão. Sei que falta pouco para me chamarem para o salão, com quatro ou cinco turmas juntas. Todos leram meu último livro, mas vou começar contando sobre as horas que se adivinha pelo barulho da rua e pelo cheiro do ar, quando o sol estiver escondido atrás das nuvens. O norte está sempre em frente, você me dizia, e ainda com mais convicção depois que a dor começou a apertar lugares indefiníveis no fundo do seu abdômen, como se lá tivessem crescido os dedos de uma luva que inflava e desinflava regida por uma lei cujos únicos critérios era confundir os especialistas. Chegaram a cogitar que fossem os resquícios do parto às pressas, a obstetra depois se justificando, o oxigênio sem passagem por algum problema no cordão, nossa corrida até o hospital, tudo muito rápido para que se salvassem as três vidas. E a sua felicidade, Rosa, quando também você conseguiu respirar de novo, os bebês grudados na sua pele, farejando o leite, adivinhando o colo que você jamais negaria enquanto pudesse. A dor precisava de uma explicação, mas antes que, enfim, depois de tantos meses, descobrissem do que se tratava, você já ouvia o apito do trem e sabia que para o embarque não precisava bilhete, apenas deixar toda a bagagem. Os alunos foram os primeiros a não acreditar que você não voltaria para a sala de aula, do diagnóstico à paralisia das pernas foi o tempo das férias escolares. A diretora não queria concordar, mas você foi estratégica, aliou-se à nova professora e a convenceu, com um olhar nos olhos, que não seria justo apenas desaparecer. Ouvimos o alvoroço quando a avistaram pela janela. Empurrei a cadeira de rodas até o centro do quadro negro e achei melhor aguardar no corredor para que os alunos perguntassem à vontade o que quisessem. Eles levantavam a mão para pedir a palavra, como você ensinou, até chegar a vez do ruivinho cheio de sardas, eu sabia que era o seu preferido. Professora Rosa, quando você vai morrer? Ninguém sabe a hora exata do trem e isso é o mais bonito, você me dizia, depende de todos estarem prontos para a despedida. Você ficou em silêncio no caminho de volta para casa, pediu para tomar banho sozinha, garantiu que não ia cair da cadeira especial para o chuveiro e foi a primeira vez que vi seus olhos inchados, reduzidos a um risco pelas lágrimas. Custaram a voltar ao tamanho normal e a partir desse dia nosso acordo mudo foi

chorarmos sem nos esconder. Você não queria que eu fosse pai e mãe, deveria encontrar uma nova mulher, que gostasse das mesmas músicas, que achasse bom começar o namoro dividindo o tempo com duas crianças pequenas, que soubesse ver as horas na sombra criada pelo sol. Nunca deixe de observar o trajeto do sol e, se puder, fale de mim para os meninos, eles precisam saber que a mãe não os abandonou. É fácil as crianças acharem isso quando acordam de manhã e não encontram resposta para o chamado. Mãe? Mãe? Mãe?! Você conseguiu cantar o terceiro Parabéns para os gêmeos, como se tivesse feito um acordo único com o maquinista do trem, passaria para pegá-la apenas no dia seguinte, às sete, depois de abertos todos os presentes. Não perca o Norte. As semanas seguiram e eu senti raiva dos dias azuis, das tardes sem nuvens. As horas paradas na sombra, a minha, que eu não tinha coragem de encontrar no chão. Não escrevi uma palavra por meses, não conseguia contar a minha tristeza, o mal dentro de mim muito maior do que o bem. A Rosa dos Ventos rodopiando desgovernada. Senti raiva das histórias que terminam na morte, na prisão, na despedida, na loucura. Não havia você para me perguntar como eu continuaria essas histórias depois do fim. A professora chegou para me buscar, Rosa, e daqui já escuto o alvoroço dos alunos.

## **Ana Luiza Rizzo**

Gaúcha e mora em Porto Alegre.

### **Por que *O Trem das 7*?**

*O Trem das 7* foi a primeira música que me ocorreu quando pensei em um conto inspirado nas letras do Raul. Sempre gostei da melodia e a forma como trata da morte. Com ela tocando na minha mente, surgiu a história que aí está.

## ***S.O.S***

**S.O.S**

**Simone Teodoro**

“Acorda aí, Drago! Já estamos há um tempão em atmosfera terrestre!”

“Claro que estamos, Aquária! Só aqui fede merda desse jeito. Merda, lixo e água podre. Que sina!”.

“Não reclama, seu imbecil. Dos males, o menor! Sonegação de impostos em Estrela Lunar costuma dar pena de morte. Muitos vão parar no Buraco Incrivelmente Negro. Nosso julgamento foi até suave. Essas missões nesse planetinha hediondo não são nada agradáveis, mas poderia ser muito pior!”

“Ok, Ok. Você é quem diz. Eu não gosto daqui e nunca entendi a obsessão da velha tartaruga por esse lugar horrível.”

“Cala a boca! Não blasfeme assim contra a Grande Mãe. Ela certamente procura algo aqui. Sua sabedoria é infinita. Jamais a alcançaremos”.

“Ah, Aquária, você está mudada. De gatuna a filósofa, na velocidade da luz”.

“Nunca é tarde para um recomeço. E tenho muito, muito medo de buracos negros.”

“Tem? Eu tenho medo é dessa rotina de ficar vindo aqui na Terra. Lugar mais sinistro que já conheci”.

“Tudo bem. Agora cala a boca e senta, seu merda preguiçoso. Passou a viagem inteira dormindo, agora assume essa porra dessa direção aqui que eu tô com câimbra nas pernas!”

O veículo espacial B2-4AC estava em sua décima missão no Planeta Terra. Na verdade, Drago e Aquária não sabiam exatamente o que procuravam. A Grande Mãe, a Tartaruga Cósmica, apenas dizia a eles: “Entrem nessa bosta de nave e procurem!”, assim mesmo, intransitivamente. E a dupla de ex- presidiários não tinha escolha, apenas obedecer.

A cena narrada acima se repetia sempre. Aquária pilotava, Drago dormia durante todo o percurso. Chegavam à Terra de madrugada, discretamente. Não podiam ser vistos por olhos humanos. Simples assim.

“Aquária, em que ano está o Planeta Terra?”

“1989. Por quê?”

“Quero saber quais serão as desgraças da temporada.”

“Hum... deixa eu ver aqui... Não é uma desgraça... mas é uma coisa muito importante pra história dos humanos. Vai cair um muro! Povinho medíocre esse, hein? Como assim a queda de uma parede pode ser tão importante?”

“Quero saber só das desgraças, Aquária! É aqui que vai cair o muro? Vai cair em cima de alguém? Pessoas serão esmagadas?”

“Não, sua anta. O muro vai cair em Berlim, em um país chamado Alemanha. A gente tá no Brasil. Segundo minha pesquisa aqui, um lugar deveras muito fodido”.

“Se é fodido, deve ter muita desgraça”.

“Ô! Pra começar, durante três séculos, humanos de pele clara ficaram escravizando humanos de pele escura. Isso fodeu a porra toda. Até hoje os humanos de pele clara acham que são melhores que os de pele escura. Isso dá muito problema e é fonte, pelo que eu tô vendo aqui no meu computador, da maioria das desgraças. Hum... checando... hum... nossa! Humanos aqui morrem porque não conseguem arranjar alimentos. Eles se matam bastante também. E parece que a economia deles não vai nada bem. Acabam de sair de uma ditadura. Que torturou até filhotes de humanos. Drago das galáxias! A

energia aqui é pesadona! Vamos cobrir o umbigo com esparadrapo! Uau! Achei algo que nem aconteceu ainda! De acordo com minhas pesquisas, uma desgraça monumental: no fim desse ano, um camarada chamado Fernando Collor de Mello vai ganhar as eleições e ser o líder dos brasileiros”.

“Mas, Aquária, por Cthulhu! Por que vai ser uma desgraça?”

Foi nessa hora, antes que Aquária pudesse continuar sua pesquisa sobre o futuro do Brasil e responder à pergunta de Drago, que a aeronave B2-4AC começou a emitir sinais sonoros e a chacoalhar bastante também.

“Tem alguém pedindo socorro”, disse Drago, assustado.

“Se eu vivesse aqui, também estaria pedindo”

“Muito justo”.

“Cala a boca, Drago, vamos nos colocar em posição de escuta.”

*“Hoje é domingo*

*Missa e praia*

*Céu azul*

*Tem sangue o jornal*

*Bandeiras na Avenida Zil”*

“Aquária! Parece um conjunto de sons emitidos harmonicamente, numa sequência lógica. Que louco!”

“É um violão, sua besta. E uma voz humana”.

“O que é uma missa?”

“É um ritual em que as pessoas pedem socorro”.

“E uma praia?”

“É um lugar onde o mar termina. Tem muita areia. As pessoas vão pra se banhar, ouvir músicas ruins e adquirir câncer de pele. Cala a boca, Draco. Cê é um pau no cu! Deixa eu escutar a porra da música!”

*“Lá por detrás da triste*

*Linda Zona Sul*

*Vai tudo muito bem  
Formigas trafegam  
Sem porque”*

“Aquária, mas por que ele tá triste se tudo vai muito bem? O que é Zona Sul? E o que são formigas?”

“Aff! Ele tá triste por que as coisas vão bem pros outros e não pra ele, entendeu? Zona Sul, acho que é um lugar onde moram os descendentes dos humanos de pele clara que escravizaram os humanos de pele escura. Formigas são seres minúsculos. Aqui na música é uma metáfora de falta de sentido. Ele tá pedindo socorro porque a vida não tem sentido”.

*“E da janela  
Desses quartos de pensão  
Eu como vetor  
Tranquilo eu tento  
uma transmutação”*

*“Oh! Oh! Seu moço  
Do disco voador  
Me leve com você  
Pra onde você for  
Oh! Oh! Seu moço!  
Mas não me deixe aqui  
Enquanto eu sei que tem  
Tanta estrela por aí!*

“Aquária das galáxias! Por Cthulhu! Ele tá falando comigo! Eu sou o moço do disco voador! Você consegue ver ele aí no seu computador?”

“Consigno. Tem bastante pelo na cabeça e na cara. Usa óculos escuros. E umas roupas estranhas. E olha que os humanos nos chamam de exóticos, aff! O que é meu macacão dourado perto daquele look ali! Pelo Casco da Poderosa Mãe! Drago! Ele colocou o violão na cama. Tem garrafas lá, muitas. E parece que se esqueceu de tomar uma injeção. Ops. Parece que não poderia ter esquecido”.

Nesse momento tudo ficou em silêncio. A aeronave B2-4AC flutuava sem fazer nenhum ruído, parecia que tinham desligado o motor. Então ela foi descendo devagar

na direção da janela de onde tinha vindo aquela canção. Drago achou a situação muito esquisita, porque a nave não obedecia mais aos seus comandos.

Aquária se aproximou então do gigantesco rádio de comunicação intergaláctica e perguntou: “Grande mãe, Tartaruga Cósmica, para onde estamos indo?”

Ela respondeu, muito mais rápido que de costume:

“Você estão indo buscar o Raul. Estou atrás dele há 10 mil anos. Meu filho querido e rebelde agora vai poder voltar pra casa”.

Era dia 21 de agosto de 1989.

Na cozinha da casa do Raul, uma mosca se afogava num prato de sopa.

## **Simone Teodoro**

Poeta, autora dos livros *Distraídas astronautas* ( Patuá, 2014), *Movimento em falso* ( Patuá, 2016) e *Também estivemos em Pompeia*, que publicado pela mesma editora este ano. É mestra em Literatura Brasileira pela UFMG e doutoranda na mesma instituição. Colabora, com 5 poemas, na antologia *Poesia Gay Brasileira* ( 2017)

## **Por que S.O.S?**

Minha infância foi marcada pela música e pela figura excêntrica do Raul. Quando ele morreu eu tinha 8 anos. Escolhi a canção *S.O.S* porque ela fala de um mundo que nos coloca em apuros em tempo integral. Era assim na época pro Raul adulto. Eu era criança e já sabia que viver era uma enrascada, só que eu não sabia organizar meu pânico em linguagem. Na época eu não entendia bem seu pedido de socorro. Hoje ele traduz meu desespero.

# *Gita*

## **A mulher mais sábia**

**Irka Barrios**

De fato, ninguém ligava a mínima para aquela escadaria. Próxima à fonte, também abandonada na praça do centro histórico da cidade, a obra amargava o descaso comum aos espaços públicos que recebem pouca ou nenhuma atenção da prefeitura. A tinta vermelha, que outrora recobria o gradil, desbotara. Perdia feio para o cinza do concreto cheio de furos e rachaduras que expunham a estrutura de ferro. E nem mesmo os hipsters, tradicionais frequentadores de espaços decadentes, se interessavam em ocupar o local. A velha escadaria servia apenas como dormitório de mendigos, ponto de drogas e refúgio mais ou menos privativo para profissionais do sexo. Por que Yukino visitaria um lugar assim?

Mas foi justamente num sonho que a mulher mais sábia lhe falou.

E desde então, após ouvir a voz que ecoava e ecoava, dia e noite sem parar, como se o sonho não fosse um simples sonho, mas parte de uma realidade possível, Yukino não teve sossego. Precisava descer a escadaria, descobrir o que havia lá embaixo, precisava saber.

Numa tarde comum, sem aviso ou alarde, a voz se tornou alta demais, imperativa demais, e Yukino esticou o braço para o ônibus que fazia a rota circular. Desceu no fim da linha. A pequena praça, um triângulo de tamanho minúsculo construído em área nobre, seguia indiferente aos passantes e curiosos que encaram sonhos como premonições. Logo que pisou nos ladrilhos quebrados, Yukino sentiu uma pontinha de

medo: e se fosse atacada, estuprada? E se uns marginais a empurrassem para um cantinho, roubassem seu celular, a carteira, a dignidade? Poderia ter escolhido uma roupa mais velha, mais suja, menos colorida. Hesitou, mas só por um instante. O objetivo estava perto, muito perto, não era hora de retroceder. Com um aceno tímido de cabeça, cumprimentou os poucos mendigos que notaram sua presença e, apressada, dirigiu-se para a escadaria. Esticou a perna esquerda no ar, suspendeu-a por um instante, aguardando um sinal, positivo ou negativo, algo que a encorajasse ou removesse de vez essa ideia um tanto estúpida de sua cabeça. Nada aconteceu, só o vento causando rebuliço nas folhas da grande árvore centenária. Soltou o peso do corpo sobre a perna suspensa e sentiu um pequeno tremor percorrer seus músculos no momento em que o pé esquerdo tocou o primeiro degrau. O segundo foi mais fácil e o terceiro mais ainda. Conforme a iluminação natural do espaço diminuía, o forte odor de urina tomava seus pulmões. O mau cheiro, pensou, servia como uma barreira, um aviso para que ninguém ousasse passar daquele ponto. Mas viera precavida, retirou da bolsa o lenço amarelo mostarda, o mesmo utilizado em ocasiões que pediam roupas elegantes, e o amarrou com um nó cego na nuca, protegendo as narinas. Avançou, uma mão agarrada à alça da bolsa e a outra deslizando sobre o corrimão, atenta para não tocar em alguma matéria orgânica nojenta que pudesse grudar na palma ou nos dedos.

Ao final do primeiro lance, mais um sobressalto. No chão, semicoberto por panos imundos, havia um corpo. Pensou em tocá-lo, chutar de leve com a ponta do tênis. Chegou o mais perto que pode. Como resposta, o corpo emitiu um som, algo como uma tosse, e virou-se para a parede. Estava vivo e Yukino livre para prosseguir a exploração. Desceu, e desceu mais. E mais. E nem chegou a se importar no tanto que descia, sem saber onde tudo aquilo ia terminar. Chegou até o local úmido e frio, onde a escada se encolhia e oprimia todos os corpos em um só corpo e passava a descer em espiral. Agarrou-se mais ainda ao corrimão e continuou descendo porque finalmente, lá embaixo, enxergava um foco de luz. Não parecia o fim de um túnel, mas um ralo de pia que suga a água em movimentos circulares. No último degrau, hesitou mais uma vez e, por fim, pisou na calçada firme. Emergiu através do gradil da escada, espiando o mundo aos poucos. Era o mesmo mundo, a mesma cidade, com os mesmos carros e as mesmas pessoas. Os mendigos, agora sentados em posição ereta, a olhavam sem muito interesse.

Mas havia algo e ela não sabia o quê.

Intrigada, Yukino subiu no ônibus e tomou o rumo de seu apartamento. Entrou no prédio e, de novo, não observou mudanças. Tudo igual, até a embalagem de manteiga fora da geladeira permanecia lá, derretendo com o calor do sol.

Demorou a perceber que era uma questão de percepção. Quando olhou de novo e de novo, e pela terceira e quarta vez, notou que tudo era ainda mais parecido. As pessoas usavam as mesmas roupas, consumiam os mesmos bens, se divertiam da mesma forma. Com o olhar menos treinado, e talvez por isso mais livre, Yukino conseguia enxergar.

As pessoas se sentiam iguais. E as pequenas diferenças, como cor de cabelos, de olhos, de pele, corpos mais magros ou mais volumosos, mais jovens ou mais envelhecidos, nada disso importava. Todos agiam como iguais.

Resolveu que seria uma excelente ideia morar ali. Sonhava com um mundo assim, que não fosse bom ou mau, mas um mundo justo.

E então saiu à rua, queria explorar, sentir, viver, queria experimentar as incríveis possibilidades do novo mundo. No supermercado notou que tudo o que ela podia comprar, qualquer um também podia. Na revenda de carros todos os modelos eram bonitos, potentes e levavam ao destino desejado com a mesma quantidade de combustível. Na loja de departamentos não encontrou grandes variedades de artigos. Pensando bem, não havia muito sentido em variar. No trabalho, soube que concursos e entrevistas de emprego pertenciam ao passado. A própria palavra concorrência caíra em desuso e os salários eram tabelados de forma que o gerente sênior recebia o mesmo que o estagiário júnior. E na esquina, no barzinho que servia o café do intervalo, descobriu que o atendente também recebia o mesmo, assim como o varredor de rua, o lixeiro, o cobrador de ônibus e o banqueiro.

Após o almoço, ao degustar o café com o aroma e sabor de todos os outros cafés, Yukino descobriu que as regras interferiam nas relações pessoais. O casal da mesa ao lado se despediu com um beijo burocrático e foi substituído por outro casal, com o mesmo diálogo monótono. O namorado argumentava sobre o mesmo tema que o casal anterior, acariciava a mão da namorada de leve, com a ponta do dedo, da mesma forma que acabara de enxergar. Era como experimentar um *déjà vu* recorrente. Achou as relações um tanto frívolas, e logo percebeu que também eram fugazes. Não havia, mesmo, muito sentido em investir na relação com alguém especial num mundo onde

ninguém era especial. “As pessoas vivem sós”, explicou a garçonete com um lenço amarelo mostarda amarrado no pescoço. “E os casais? Como vivem?”, indagou Yukino. “Como pessoas individuais que são”, desamarrou o lenço, embebeu-o em álcool gel e o esfregou sobre o tampo da mesa. De fato, mesmo quem vivia em grupo, agia como um ser individual. Isolava-se em busca de seus interesses, o que também não fazia muito sentido porque os interesses eram idênticos. Não havia convívio, as discussões eram inúteis, afinal todo mundo sabia a mesma informação sobre determinado assunto. Palavras como expert, expertise, especialista não tinham significado.

Nem um pouco satisfeita, Yukino começou a achar a igualdade uma condição bem opressora. Especialmente para ela, uma garota que desde o berçário fora tratada como especial: a mais esforçada, a mais estudiosa, a mais interessante e dedicada. “Não é justo”, murmurou cobrindo a boca para ninguém notar.

Implorou pelo retorno da mulher mais sábia, precisava desabafar, colocar para fora sua frustração, ouvir conselhos, espiritualizar-se. Mas ela não vinha e Yukino acabou concluindo que naquele mundo não poderia existir uma mulher mais sábia. Num último esforço para convencer-se de que estava errada, tentou relembrar o diálogo do sonho. Sentou-se sobre a grande almofada em posição de lótus, fechou os olhos, controlou a respiração. Ao reabri-los, viu-se de frente. Apesar da imagem imitar todos os seus movimentos, não se tratava de um espelho. Havia um som, uma cadência diferente ao inspirar e expirar, o peito se enchia mais devagar. Tentou uma comunicação mental, mas percebeu que não conseguia identificar a mensagem. Até que ela, a cópia, após um suspiro que soou como apito, disse:

– Eu estou em você, mas você não está em mim.

Fechou os olhos mais uma vez, decidiu que esperaria mais um pouco, pelo menos até o fim de tarde. O cair do sol ofereceu uma paisagem lindíssima, uma cor alaranjada, quente, arrasadora. Como se uma bomba atômica tivesse explodido a poucos quilômetros dali. Quando o último raio foi engolido pela escuridão da noite, a Yukino cópia fez questão de acompanhá-la de volta à praça. Despediram-se de modo frio. Yukino não teve mais dúvidas, voltou a amarrar o lenço no rosto, agarrou-se ao corrimão da escada e subiu, de volta para sua antiga cidade, cheia de mendigos, viciados, dentes de tubarão e donas de casa nos peg-pags do mundo.

## **Irka Barrios**

Bibiana Barrios Simionatto é mestre em Escrita Criativa pela PUC-RS e escreve com o pseudônimo Irka Barrios. Premiada no Concurso Brasil em Prosa (Amazon/O Globo, 2015), com o conto *O coelho branco*, participa de diversas antologias de contos, entre elas: *Onisciente Contemporâneo* (Ed. Bestiário, 2016), *Língua Rara* (Ed. Outsider, 2017) e *Cem anos de amor, loucura e morte* (Ed. Moinhos, 2017). Participa do coletivo Mulherio das Letras - RS. Seu livro de estreia *Lauren* será lançado em agosto.

## **Por que *Gita*?**

Raul compôs a música e Paulo Coelho a letra. Inspirado no diálogo que ocorreu entre Krishna e o guerreiro Arjuna, *Gitá* representa o mundo em que vivemos e o modo como o sentimos. Na letra, há a revelação de uma visita que veio em forma de sonho, uma voz sábia que falava sobre um mundo ideal. A música foi responsável pelo grande sucesso de Raul Seixas, na época ainda desconhecido do grande público, e é considerada por muitos um hino, quase uma elevação. Com sua estrutura de narrativa, *Gitá* é deus, deusa, justa e generosa, doce e potente. Pensar sobre *Gitá* e escrever este conto foi um interessante exercício de ressignificação de mundo.

## *Se o rádio não toca*

**A música que você quer ouvir**

**Adriane Garcia**

Nada. Nenhuma súplica à Lua daria resultados. Não sei por que diabos eu perdi tanto tempo com crendices. A Lua mentia quando prometia cumprir meus desejos. E eu voltava pra casa, novamente sem chão.

Murilo teria chegado do nada. Escrevo isso porque, obviamente, escrevo depois dos acontecimentos. Enquanto caminhava, nada sabia, exceto que: 1) não arrumei o emprego. Exigiam boa aparência. 2) Não consegui aprovação nas provas. Não me concentrava o suficiente e perdia o raciocínio no meio das contas ou das frases. 3) Tanto pai quanto mãe queriam se livrar de mim. Uma boca a menos.

A caminhada da escola pra casa era enorme. Uns três bairros de distância. A vantagem é que eu crescia; dizem que andar faz crescer. A última rua era de terra batida e não era raro ver a Lua em plena tarde, isso quando ela não atravessava as manhãs. Devia ser pra lembrar que, pra nós, daquele lado, era sempre noite. O Sol... ah, o Sol servia pra esquentar as costas de quem, como meu pai, trabalhava na construção. De tanta constância no céu, pedia eu à Lua, deus Jaci, li num livro, que nos salvasse da miséria e me enviasse um príncipe encantado. Nesta época eu ainda acreditava em antigas valsas com príncipes encantados; ainda não tinha tomado as rédeas da minha própria vida, não tinha percebido que somente eu poderia dar um basta na minha situação, que havia um preço e que eu, um dia, calcularia pagar. E paguei.

Enfim, eu lamentava e esperava, até que, parecia, a Lua me enviou Murilo.

— Filha, o Murilo quer levar você pra casa dele e eu e sua mãe achamos que vai ser bom você ter a sua própria casa. O Murilo é homem trabalhador.

Corri pro quarto que dividia com meus quatro irmãos, aos prantos. Mãe foi me buscar, me forçou a enxugar as lágrimas e disse que eu não ia fazer essa desfeita. Absurdo completo, em pleno século XX, uma mulher ser dada a um homem pelos próprios pais, como na Idade Média.

— Não vou. Tenho escola e sou muito nova pra casar.

Mãe interveio:

— É nova pra casar mas pra ser mulher de homem bem que teve idade. Você vai morar é com o Murilo, já que se deitou com ele.

Xinguei. Falei que eles queriam é me ver longe de casa. Falei que ela me abortou agora, já que não conseguiu me abortar quando eu estava na sua barriga. Chorei horrores, ela ficou impávida. A decisão já havia sido tomada.

— Tire as mãos de mim!, gritei pra Murilo quando ele veio me encostar. Eu sabia muito bem o que ele queria. Ele mesmo tinha me dito que eu seria dele e de mais ninguém, enquanto me apertava no muro chapiscado atrás da escola, depois de me fazer transar à força. O nome é estupro. Na época eu não dava nome às coisas.

Por que não gritei? Não sei. Talvez isso, não dar nomes às coisas, lamentar e esperar. Olhei pra Lua e deixei que ele fizesse o que tinha que fazer. Depois, ele me levou até a porta de casa.

Enquanto todos dormiam, pensei em fugir, pensei em morrer, pensei até que o dia amanhecesse. Chegou uma caminhonete e minhas coisas já estavam embrulhadas numa trouxa, feita por minha mãe. Meu pai não falou mais nada. Olhava. Me disse boa sorte, minha filha, sem se levantar da cadeira. Mãe não disse nada. Murilo pegou minhas coisas, meu braço e me levou pra casa dele. A Lua acompanhou a caminhonete até o portão. Entre a primeira surra e a outra, ele se mostrou amoroso e dócil. Disse que eu podia pedir o que eu quisesse: pedi um rádio.

## **Adriane Garcia**

Poeta, nascida e residente em Belo Horizonte. Publicou *Fábulas para adulto perder o sono* (Prêmio Paraná de Literatura 2013, ed. Biblioteca do Paraná), *O nome do mundo* (ed. Armazém da Cultura, 2014), *Só, com peixes* (ed. Confraria do Vento, 2015), *Enlouquecer é ganhar mil pássaros* (e-book pela Vida Secreta, no Issuu, 2015) *Embrulhado para viagem* (col. Leve um Livro, 2016), *Garrafas ao mar* (ed. Penalux, 2018).

### **Por que *Se o rádio não toca?***

Escolhi essa música porque ela tem uma letra tão pequena e uma sabedoria tão grande. São poucas frases que nos instigam à mudança. "Se o rádio não toca a música que você quer ouvir, não procure dançar ao som daquela antiga valsa..." Girar o botão exige coragem. Depois de decidido, é muito simples. E pode ser até alegre, e dançante.

## ***Como Vovó já Dizia***

### **Duas versões de uma mesma história**

**Tiago Motta**

Lauro desperta com seu próprio grito. A luz é intensa. Ele esfrega os olhos. A sensação é de que aquele brilho poderia cegá-lo. Depois de um suspiro, alívio. Não passava de um sonho. A única coisa que Lauro consegue enxergar agora são os números do rádio-relógio ao lado da cama. São 3:21. Na verdade, 3:22.

Em seu quarto, um flat na rua Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, Lauro tem a certeza de que aquela será mais uma noite de insônia. Por hábito, ele liga o rádio-relógio: "...é verdade, meu caro ouvinte. O sujeito levou a serpente pendurada no próprio braço até o hospital. Segundo o médico que atendeu a vítima, foi uma atitude que ajudou sua equipe a identificar a espécie responsável pelo ataque, o que é importante nesses casos. Mas, por outro lado, o corajoso Lindomar correu riscos desnecessários...". Lauro desliga o aparelho, estica o corpo e vai até o banheiro.

No canto da pia, sobre um pires de café, uma vela acesa faz com que Lauro encontre sem dificuldades o interruptor. Ele pensa em apagar a vela, mas desiste. Por alguns segundos, observa seu reflexo no espelho. Os olhos vermelhos traduzem um pouco dos três últimos dias de trabalho. Ele ficou até tarde na produtora de vídeo para finalizar um grande projeto. Está certo que aqueles olhos levemente manchados tinham outro motivo além das prolongadas horas de roteiro e edição. *Nada que um bom colírio não resolva*, pensa alto. Lauro procura o pequeno frasco de plástico nas gavetas do banheiro, mas não encontra.

Sentado na cama, ainda no escuro, Lauro leva uma das mãos até o criado-mudo e retira o celular do carregador. Na tela do aparelho, o nome de Aurora e um breve texto indicando que existem novas mensagens. Ele abre o aplicativo, clica no nome da colega de trabalho e encontra uma lista de áudios. *Lá vem bomba*, pensa. *Vou ouvir essa merda amanhã*. Lauro joga o celular sobre o colchão e tenta dormir. Minutos depois, pega o aparelho, abre novamente o aplicativo e clica sobre o primeiro arquivo de áudio.

“Oi, Lauro. Boa noite. Tudo bem? Sei que está tarde, mas o pessoal de Brasília deu retorno aqui sobre o projeto. Está sentado? - Aurora sorri. Bom, vamos lá. Nada que a gente não consiga resolver com mais algumas horas de redação e o seu brilhante olhar de editor. Eles querem mudar quase todas as frases. Segundo eles, o texto que você escreveu vai colocar os funcionários contra a empresa. Enfim, essa história de cliente que você já sabe. Tem pé demais na nossa frente, mas o pessoal não sabe como andar. Bom, tenho uma reunião amanhã cedo com o pessoal de lá. Como você levou o computador pra casa, vou te mandar tudo por aqui. Se tiver dúvidas, me ligue depois.”

Lauro sorri com ironia. *De que adianta te ligar?*, pensa. Ele clica no segundo áudio.

“Só mais um detalhe, Lauro. Eu sei que você está apertado com outros projetos. E é como eu sempre digo, com dois galos a galinha não tem tempo de chocar. Acontece que precisamos nos dedicar para fazer essa entrega o quanto antes. Infelizmente, ou felizmente, é o momento que estamos passando. Seu trabalho está chamando a atenção, rapaz. E quem não tem presente, se contenta com o futuro, não é? Daqui a pouco as coisas se ajustam. Pode ter certeza de que tudo irá melhorar. Bom trabalho aí.”

Lauro leva uma das mãos até a cabeça e esfrega com as unhas o couro cabeludo. Em seguida, clica no último áudio.

“Desculpa a série de áudios. É que tem um ponto importante que esqueci de falar. Eu argumentei com o cliente exatamente como você orientou. Eu sei que você coloca seu ponto de vista nos trabalhos. Sei que gosta de morder o calcanhar de muitos que estão por aí fazendo merda. E vamos falar a verdade, não tem como fechar os olhos para o que essa empresa de Brasília faz. Mas o cliente é quem manda, certo? Fazer o quê? De qualquer forma, é só a primeira alteração. Uma vez a gente aceita, duas tem que reclamar. E pode deixar que vou fazer isso, ok? Grande beijo.”

Lauro ameaça dar um soco no celular. Desiste. Ele joga o aparelho no chão. Os olhos ardem. Definitivamente, será mais uma noite de insônia. Lauro abre a gaveta do armário e procura o colírio. Não encontra. Segue lentamente até a cozinha. Vai até a geladeira e pega uma garrafa amarela de vidro com água gelada. Enche um copo e leva até a boca. Um gosto forte de chumbo faz Lauro cuspir toda a água na pia. Os músculos da barriga contraem-se. Vômito. Nada sai. Segunda tentativa. Um som estranho. Nada sai novamente. Lauro respira fundo, se arrasta até a sala e senta-se no sofá. As mãos na cabeça abafam o choro. Ficar sozinho era fácil. Ficava assim por semanas se fosse preciso. Mas tinha dificuldades de suportar a frustração.

Como se quisesse transformar a noite em dia, Lauro acende a luz da sala. Vai até o aparador e procura mais uma vez o colírio. Não encontra. Sobre o móvel, alguns porta-retratos. Seus amigos de infância no antigo prédio onde morava, na rua da Bahia, uma foto de Elvis com sua guitarra preta, uma criança sorrindo, segurando com dificuldades um violão. Lauro pega um dos porta-retratos. É a foto da casa onde morou por anos com os pais. Ao lado da casa, um muro pichado com a frase “Krig-ha bandolo?!”. As letras tortas e uma interrogação desproporcional. Lauro sorri e lembra do dia em que, após assistir Tarzan com os amigos, comprou uma lata de spray e decidiu fazer aquela arte.

Um ruído atrai o olhar de Lauro. A porta da sala, na entrada do flat, abre-se lentamente. *Não é possível que esqueci de fechar essa merda*, pensa. Ele volta o porta-retrato para o aparador e vai até a porta. Antes de fechar, confere se alguém está na área comum do prédio.

— Boa noite - diz um pequeno senhor com voz firme, farda militar, testa alongada e cabelos penteados para trás.

— Boa noite - respondeu Lauro, sem conseguir disfarçar a surpresa.

— Desculpe o horário, rapaz. Estou apenas aguardando o elevador. Te incomodei de alguma forma? - perguntou o militar.

Lauro não respondeu.

— Meu nome é Humberto - insistiu. - E o seu?

— É Lauro.

A porta do elevador se abre. O senhor pega uma bolsa que está no chão.

— Boa noite, Lauro. Tente dormir. Amanhã é dia de muito trabalho.

O elevador se fecha. Lauro tranca a porta do apartamento sem entender o último comentário daquele senhor de farda impecável. Os olhos vermelhos voltam a incomodar. Ele vai até a cozinha e abre todas as gavetas. Nenhum colírio. *Preciso terminar o projeto. Preciso alterar o texto.* Prepara um espresso e senta-se na mesa da sala. Pega a mochila. Mais uma vez, os músculos da barriga se contraem. Sua mochila está aberta. *Meu computador,* pensa. Lauro confere a mochila. Nada do computador. *Não é possível.* Confere mais uma vez. Nada. Lauro sai do apartamento. *Não pode ser, não pode ser.* Ele aperta repetidas vezes o botão do elevador. *Vamos, vamos.* Um sinal sonoro anuncia a chegada do elevador. A porta se abre. O senhor pequeno, de farda militar, aparece. Ele encara Lauro e estende uma arma em sua direção.

— Está pensando em se matar? Vá em frente.

Lauro desperta com seu próprio grito. Um estouro. Ele esfrega os olhos. A sensação é de que aquele barulho o deixaria surdo. Um relâmpago seguido de um novo trovão. Ele respira fundo. Alívio. Não passava de um sonho.

No rádio-relógio são 3:22 da manhã. Lauro hesita, pensa em dormir novamente, mas liga o aparelho “...é como eu sempre digo, meu caro ouvinte. Sujeito esperto não passa apertado. O cara viu a serpente no quintal de casa, sabia que o bicho era perigoso e chamou os amigos. Esse aí saiu ileso. É claro que fica aquele medo de seguir morando no mesmo lugar, mas dessa vez ele escapou. Será que...”. Lauro desliga o aparelho, estica o corpo e vai até o banheiro.

No canto da pia, uma saboneteira divide espaço com um pequeno Buda. Lauro gira a torneira, cobre as mãos com a água e leva até o rosto. No espelho, olhos vermelhos e manchados. *Nada que um bom colírio não resolva,* pensa alto. Ele procura o pequeno frasco de plástico nas gavetas do banheiro, mas não encontra.

Sentado na cama, ainda no escuro, Lauro retira o celular do carregador. Na tela do aparelho, o nome de Aurora e um breve texto. Ele abre o aplicativo. Um novo áudio. *Deve ser o retorno do projeto,* pensa. Ele clica sobre o arquivo.

“Oi, Lauro. Boa noite. Tudo bem? Sei que está tarde, mas o pessoal de Brasília deu retorno aqui sobre o projeto. O filme está aprovado. Nenhuma alteração no texto. Pode comemorar. E olha... confesso que achei que o texto não passaria, mas... a gente nunca sabe como esse povo pensa, né?! Não esquece de levar o computador amanhã pra gente enviar o arquivo final. E, pelo amor de Deus, cuidado com essa chuva! Não vá molhar o computador da empresa, hein? Deixa eu ir que a banda está me chamando aqui. O show vai começar. É como eu digo. A formiga só trabalha porque não sabe cantar. Eu sigo tentando, baby. Beijos e até amanhã.”

Lauro sorri. Ele volta a pressionar a tela do aparelho celular. Desta vez, para gravar um áudio.

“Oi, Aurora. Ótima notícia. Pode deixar que amanhã vou levar o computador. E não se preocupe com a chuva. Diferente de você, ela é minha amiga, nunca me trouxe problemas” - Lauro sorri. “E me diz aí. Como foi o show? Até amanhã. Beijos.”

Depois de conectar o celular no carregador, Lauro segue até a cozinha. Abre a geladeira e pega uma garrafa de vidro amarela, com água gelada. Enche o copo e leva até a boca. Bebe por duas vezes. Pega uma banana e volta para o quarto.

O rádio-relógio desperta. São 6:00 da manhã. Lauro se levanta. Banho quente. Escova os dentes. Coloca uma calça jeans e uma blusa de malha. Fica por alguns minutos diante da geladeira, sem saber o que comer. Desiste. Pega a mochila com o computador e segue em direção à porta.

Antes de sair, olha para uma das paredes da sala. Vários quadros e fotos contam um pouco da sua vida. Ele se aproxima de uma das molduras. Por baixo do vidro, um recorte de jornal. Ao lado do texto da matéria, a foto da casa onde morou com os pais. Lauro se recorda do dia em que um militar bateu em sua casa e chamou seu pai. “Seu filho pichou o muro ao lado, meu senhor.” Lauro foi obrigado a apagar a pichação com uma tinta branca comprada pelo pai. Semanas depois, o mesmo militar bateu a moto que pilotava contra o mesmo muro. Seu corpo foi projetado, e sua cabeça acertou em cheio o concreto. Ele teve traumatismo craniano e não resistiu. Saiu até no jornal.

No ônibus, a caminho do trabalho, Lauro observa a praia vazia. Poucas pessoas correm na orla ou fazem alguma atividade física na areia. Talvez pela chuva, que só parou horas atrás. O sol segue tranquilo, sem ser ameaçado por nenhuma nuvem. Lauro

sente os olhos arderem. Ele retira os óculos escuros da mochila. O silêncio é interrompido por um senhor que cochilou e acabou passando do ponto onde iria descer. Ele quer ir até o final da linha e voltar sem pagar uma nova passagem. O senhor argumenta com o cobrador, mas sem sucesso. “Se subiu, tem que descer”, grita o motorista. Uma senhora, sentada em um dos bancos do ônibus, responde: “Isso é porque ele é pobre. A vida é assim. Quem não tem filé, come pão e osso duro.” Lauro olha para a senhora. “Mas não é bem verdade?”, insiste a senhora. Lauro desvia o olhar.

O ônibus entra na rua São Paulo. Lauro levanta do assento e aperta o botão laranja, preso na barra de inox do veículo. Uma campainha dispara. O motorista abre a porta, e Lauro desce. O ônibus segue viagem enquanto ele confere o semáforo na intenção de atravessar a rua. A luz do sol não permite que Lauro veja as cores com clareza. Uma caminhonete está parada antes da faixa de pedestres, dando a impressão de que o semáforo estava fechado para os carros. Na verdade, o veículo está descarregando, e Lauro não percebe. Ele atravessa a rua. Um ônibus, em alta velocidade, não consegue parar. Lauro é arremessado. As pessoas gritam. Ele tenta mover os braços para pegar a mochila, mas ela está longe. Ele consegue ver o seu computador, perto do meio fio, coberto pela água que restou da chuva e restos de lixo. Seu pescoço não se move. Com esforço, Lauro vira os olhos em direção ao ônibus. Destino: Brasília. Ele sorri. Olha para cima. Sem os óculos escuros, perdidos em algum lugar do asfalto, observa o sol pela última vez.

Lauro desperta com seu próprio grito. A luz é intensa. Ele esfrega os olhos. A sensação é de que aquele brilho poderia cegá-lo. Depois de um suspiro, alívio. Não passava de um sonho. A única coisa que Lauro consegue enxergar agora são os números do rádio-relógio ao lado da cama. São 3:21. Na verdade, 3:22.

## **Tiago Motta**

Publicitário, formado pela PUC Minas. Em 2003, fundou a Stalo, empresa de comunicação situada em Belo Horizonte. Em 2017, fundou a Buffalo Digital, empresa de produção de conteúdos audiovisuais. Professor, redator e apaixonado por textos, Tiago Motta é roteirista com formação pela Academia Internacional de Cinema do Rio de Janeiro.

## **Por que *Como Vovó já Dizia*?**

Raul Seixas entrou em minha vida através do meu tio, Pedro Motta. Ele morou na casa dos meus pais durante a minha infância e sempre foi apaixonado pelo cantor baiano. Passei boa parte desse período ouvindo *Mosca Na Sopa*, *Maluco Beleza* e *Como Vovó já Dizia*, a preferida do meu tio Pedro. Quando fui pesquisar sobre as três, descobri que existia uma versão censurada de *Como Vovó já Dizia*, e isso aumentou meu interesse e fortaleceu minha escolha.

# *Gospel*

## **As Baianas não cantam gospel**

**Kátia Gerlach**

Caríssimos, os sonhos não são para se viver, mas alguns acontecem, sem que se possa chegar a acariciá-los; o vento os assopra para longe e rápido. Já os acidentes decorrem de uma conjunção fortuita.

Assim era começar o dia que não amanhece, no lume brando, diante do sol recém-nascido, no instante em que a água, que não mata a sede de ninguém, flui inteira de volta do rio para o mar. Fazia outono na praça do Washington Square Park, um espaço submerso que escoava um tempo outro de uma necrópole encoberta por carcaças de cavalos. Os desabrigados estremeciam sobre os bancos de madeira. Um arcabouço de acampamento de guerra. Dentre os soldados e animais fantasmagóricos, Raul rondava com a Memória, amante tardia e clandestina.

Recém-fugido do país, Raul estava sem o saquinho de jujubas coloridas para chupar ou entreter as articulações dos dedos, logo isso sucedia a ele, viciado nas gomas gelatinosas, tranquilizantes e benéficas, evitavam que roesse as unhas. A honestidade se escafedera e o que fazer com o dinheiro sumido do bolso.

Apenas alguns dias antes, Raul passara setenta e duas horas no apartamento com calefação de Lennon, apresentado a ele por um jornalista da revista Cruzeiro. Mergulhador profundo da lucidez, aquele Beatle de óculos para miopia listou os poderes controladores do mundo, os tubarões, os peixes graúdos ou pequenos. Fazia meses que se separara da Yoko e o vazio na sala de estar era complexo, impresso nas feições do

músico enquanto a conversa sobre a Sociedade corria ritmada e as paredes espreitavam os dois novos camaradas. Móveis bem aventurados, estofados embalados nos plásticos, Raul ajeitava-se, agia com discrição, esforçando-se no papel de um hóspede que pudesse ir ficando. Tirava lentamente os botões dos punhos da camisa. Admirava como Lennon saía da cozinha com duas pilhas de panquecas “silver dollar”, cada uma do tamanho de uma moedinha de vinte e cinco centavos e um frenesi de ovos no prato de louça, café americano amargo transbordando das canecas. As panquecas chegavam empilhadas em torres concêntricas como discos de vinil numa vitrola a girar o mundo, o amor numa comunhão insólita. Não era baião e sim rock n’roll em densas ondas sonoras, um universo para seguir com as retinas.

Lennon puxou assunto, queria falar do mal do século, da necessidade que as pessoas tinham de amar a si próprias. Raul concordava, era bem verdade que “all you need is love”, mas o que dizer do mutismo hostil e da surdez generalizada, excrescências que aumentavam em dimensão. Raul contou a Lennon, o homem mais inteligente e lúcido que jamais conhecera, que no seu país, do qual fora e-x-p-u-l-s-o, os E.T.s liam livros e os habitantes davam preferência à música, um extraordinário contrassenso, porque pertenciam a um território de milhões de surdos. Canções existiam que ninguém cantava. Os censores pegavam as músicas à laia dos que sacodem a roupa ou um polvo e examinavam ao reverso de ponta a ponta, com a desculpa esfarrapada de proteger o ineditismo. Inédito era o “maple syrup” em cima das panquecas, adocicando a conflagração do momento. A folhagem do parque avistada pelas janelas de vidro explodia em cores escandalosas.

Conversas e improvisações, a estadia no apartamento de Lennon fora magnânima, dificultando para o Raul abandonar aquela zona de conforto. Partiu enquanto o anfitrião dormia cercado por guitarras, sem formalizar o adeus, deixando um fio de esperança para o reencontro, um esbarrão no Central Park. Cruzou com a Yoko no elevador. Atravessou as portas automáticas, com o pescoço ensopado de suor, a barba ruiva de pirata irlandês, a crina ardente. Avançou com uma pontada de arrependimento no peito. De súbito, lembrou-se que arrebentara a corda de uma das guitarras de Lennon enquanto eles haviam seguido tocando, sem que Lennon percebesse a ruptura sonora e ele houvesse sido honesto o suficiente para assumir a força do erro.

No hall de entrada do edifício, o grupo de porteiros estranhou a silhueta intrusa de Raul no assento aveludado e ele, notando que seria convidado a retirar-se, ergueu-se, indo colocar-se no lado de fora, admirando a construção, a querer afastar-se para outra realidade. Lá no alto, morava o Lennon. A edificação ascendia ao céu, sem encostar, sem mostrar a recompensa de tudo. Ah, se bastasse bocejar para expelir os males que o corpo carrega em viagem.

“Não morro mais”, elucubrou Raul. “Morri por antecipação. Este medo da morte a vida inteira foi que me matou”, idêntico ao medo terror insano no avião, a Edith e a filha instaladas com suas tiras de segurança, atravessadas pelo peito, ao seu lado até se transformarem em filme e ele as contemplava se movendo no tabuleiro do jogo de xadrez no qual o cavalo morto pulava de três em três. A contragosto, a ausência da Edith doía. Casaram-se sem a aprovação do pai dela, um pastor americano. Aquele que se quer bem tem sempre ao lado um outro alguém e um outro alguém e mais um outro alguém, a história vai além. Portanto, sem a Edith e a menina, ele deixaria a sua marca conforme as regras do jogo grandioso. Um peão é uma síntese de ser vivo e ele não romanceava como o Lennon.

Atirado de volta às ruas, Raul precisava de trabalho e um teto que o conservasse como a sala arrumada e fechada de Lennon, com vista para as árvores, castiçais em noites de fogo, de folhagem alaranjada e crepitante. Empregou-se numa arcada de moedas.

Duas vezes por dia, esvaziava a máquina e o fiscal das arcadas o recompensava pela retidão. Não podia gastar mais do que alguns centavos por dia. Entretanto, pagava para penetrar a visão no funil do olho mágico e assistir a história protagonizada por Olive T., a mulher mais bela da história do cinema. Na primeira cena, ela entrava e saía do Club Maldoror em Paris, acompanhada por dois gangsteres, de quem adquirira três quilos de heroína a mando do marido Jack supostamente na Califórnia. Na segunda cena, Olive T. caminhava sozinha pela rua, sendo perseguida. Em seguida, empurrava as portas giratórias de um hotel próximo a Bastilha. Na cena final, Olive T. jazia nua e morta sob uma manta de algodão e com um frasco de veneno gosto de mel deslizando da sua mão esquerda, na qual exibia uma grossa aliança de ouro gravada com o nome de Jack P.. Apesar dos poucos recursos, Raul deixava escorrerem as moedas na máquina cinematográfica, incansável em sua saga para desvendar o mistério, surpreendido

repetidas vezes pelo veneno do apiário. Caríssimos, o verbo escorrer é de uma utilidade imprecisa embora real, as moedas escorriam das mãos suadas de Raul para serem devoradas pela arcada, as calças escorriam do corpo esquelético, nem o cinto prendia, o veneno escorria pelo piso de um quarto de hotel parisiense, a moral, a baba, o sêmen na cara, a saliva pelos cantos da boca, o sangue envenenado de Olive, as vagas enternecidas de folhas, as nuvens mediúnicas nos corredores celestiais, mil coisinhas a fazer e a vida se armava escorregadiça. Brotava em Raul a sensação de que ia se enrascar.

Três horas antecedendo a aurora sanguínea, Raul, carregando o fardo da alma de carne, mantinha-se pontual com a madrugada. Ele deambulava no relógio, com perseverança, até que deu nas bochechas de um Palhaço velhaco muito bem vestido que lhe acenou e o chamou para dentro de um beco. Um banquete. O Palhaço lambeu os beiços, “vem cá, Platão”, disse ele. “Experimenta este ketchup, quase tão doce quanto jujubas.” Raul se inquietou, de onde o Palhaço tirara a informação sobre o seu gosto por jujubas. O circense exibia um rosto cor-de-rosa e com covinhas, a pança cheia como a de um gato. Raul enfiou os próprios dedos no lixo, funcionavam como fios de arame ágeis. O seu semblante agravava-se, não cedia ao humor do Palhaço em trajes finos, o sujeito entoava uma voz untuosa e atraente, quase hipnotizadora. Por que Cristo não desceu lá do céu? Porque enviaram o Palhaço que não parava de agir. O sujeito arrebitou duas caixas de amoras, estufou a barriga protuberante e ofereceu um punhado das frutinhas silvestres mofadas ao Raul, que buscava panteras e, no bojo, viu subirem as ratazanas, em patas de igualdade, provocando cócegas com os rabos. Afoitas, furaram os sacos expandidos pela putrefação, provocaram os dois homens. O Palhaço e Raul, mortificados, com os lábios lambuzados, tentaram beber de garrafas com nós apertados nos gargalos, macaqueavam um ao outro, sem imitarem-se. Num canto do beco, o Palhaço acendeu uma lâmpada vermelha do Club Maldoror onde a beleza de Olive T. estremeceu seus admiradores. “Sou eu, Jack P.”, disse o Palhaço. “What?” , perguntou Raul.

Com a comoção, os polos do coração de Raul pareciam juntar-se, terror e piedade palpitavam nele, a sua alma era de carne, as suas superstições, vitais, dando-lhe sinais como as mãos comunicam aos surdos. Não se deve cansar de trabalhar na construção.

O noturno se dissipava de leve, beleza e solidão rastejavam junto com o luar sem fricções e ele ali dividindo a santa ceia com um criminoso suspeito, entupindo-se com a comida que os roedores perdiam. Não é que o acaso providencia aos corpos os elementos que ele pode absorver e assimilar. A digestão daquele lixo todo provocava em Raul uma necessidade inequívoca de explicar-se em língua estrangeira. Era inútil gastar tempo sempre a perguntar, inclusive o porquê das baianas conservarem a fé após lavarem a escadaria do Bonfim cantando as canções do Roberto Carlos em vez do Gospel de Elvis ou porque uma caneta na mão nem sempre escrevesse. Ele largara de ser escritor depois de completar o seu tratado “Verbalóide”, escrito para acabar com a raça de Kant, venerado assassino da metafísica e não queria saber de complicações. O Palhaço, ou Jack P., fitava Raul com os olhos cavos, salientes das papadas de pele luzidia da sua cara inesgotável.

A alma indo de um extremo ao outro, às apalpadelas na imaturidade matinal, Raul não conseguia esconder o seu estado de perturbação diante das coincidências súbitas que se desenrolaram em sua visita temporária àquela cidade. As suas veias estavam tensas, extremamente tensas.

## **Kátia Gerlach**

Escritora natural do Rio de Janeiro e radicada em Nova Iorque desde 1998. Possui vários livros publicados e participações em coletâneas e antologias, assim como colabora no Jornal Rascunho e publica e edita a Revista Philos. Site oficial: <http://www.katiabandeirademello.com>

### **Por que *Gospel*?**

A canção *Gospel* permaneceu inédita durante anos. Raul Seixas a compôs inspirado numa das músicas de Elvis Presley, *Working on the Building*. Este conto se baseia em entrevistas e material colhido sobre a vinda do cantor a Nova Iorque em meados dos anos 70 e nas letras de ambas as canções.

**1975**

**Novo Aeon**

# *Tente Outra Vez*

**As chaves do céu**

**T. K. Pereira**

Coisa mais patética é resmungar alto sem ninguém perto. Pois que a caneta fale e o caderno escute. Guardo meus ouvidos pra lengalenga da TV, algum programa sobre lendas decadentes da MPB. Quase apropriado. É que não basta tá fodido, tem que tá morto, e ter feito a mínima diferença. Tivesse sido meu caso, tudo estaria como deveria. Meu nome e foto ali, um rodapé na história nacional da música, e Edith e Simone vivendo. Já não importa. Ainda que saia uma notinha que seja amanhã, que diferença fará? Isso se eu der conta de ir até o final desta vez. Cinco dias desde que decidi me matar, mais três até a cirurgia. Não quer dizer nada. Certo é que vou do meu jeito, decidido hoje. Até ontem seria à bala, certa no crânio, mas o Marcelo me impressionou com o caso do ex-colega da civil. Um desvio ridículo de trajetória e o infeliz vegetou. A família ainda reza pela recuperação. Não à toa Marcelo largou tudo pra viver da terra no meio da Serra do Espinhaço. Esses dias ele está de passagem por BH, visitando a mãe, foi o que disse. Pra mim, veio recrutar mais trouxas. E quase conseguiu. Engraçado como estar fodido deixa sua mente suscetível a qualquer merda. Sei lá como ele me achou ou soube da cirurgia, instinto policial, talvez. Veio com aquele papinho de cura pela natureza, conexão com meu eu-interior. Tive minha cota de bruxaria, drogas e rock n'roll. A vida me bateu demais pra ainda ter fé nessas merdas. Ou em qualquer entidade-verdadeira, como prega o Marcelo. Com a bebida o buraco é mais fundo. Mas o puto quase me convenceu. Queria que eu erguesse minha casinha de bambu e adobe, bebesse do sangue do mundo, me curasse na tenda do suor e moldasse a minha própria chave do céu. Foi no tear dos sonhos que o Marcelo me perdeu. Um

nome mágico pro mesmo mundano esquema de pirâmide. O capitalismo infecta tudo. Não existe isso de viver fora do sistema e ele quase me fez esquecer.

Sigo sem beber. Vontade nunca me falta, mas nos últimos dias tenho tentado rituais diferentes, mais derradeiros. O de hoje seria tomar uma ducha quente, jantar lasanha ao som de rocks clássicos, ignorar as ligações de Miriam, vestir uma velha roupa da banda e pular da sacada. Tudo isso sem chegar perto do estoque minguado do bar. Não está fácil, a abstinência batendo mais e mais forte, sudorese, tremores, a garganta parece um deserto. Mas é preciso, se eu vou mesmo tirar minha vida. Hoje falhei outra vez, me deu de ver TV. Cheguei do AA, peguei uma faca, um queijo inteiro e me larguei no sofá, de sapato. Estava lá até agora, zapeando. Tô farto de politicagem, das mentiras, de tanta futilidade, mesmo assim, eu quis, eu precisava saber se sigo sozinho no fundo do poço. Pelo visto sim, e por um bom tempo ainda. É quase um alívio saber que estou no fim. Não invejo quem está em queda livre. A percepção pode ser tão lenta, tão dolorosa. Por muito tempo eu achei que tinha os remédios perfeitos pra situações assim. Só me trouxeram mais dor. Rebelde sem causa, sem rumo e sem juízo. Artista medíocre, mais um entre tantos injustiçados pelo mercado, mas que de algum jeito venceria, daria a volta por cima. Bastava seguir tentando. A verdade é que querer e tentar nem sempre basta, não quando a vida tem outros planos em mente. Isso é derrotismo, diria Miriam, se eu tivesse atendido mais uma de suas chamadas noturnas de check-up. Furar o celular e atirar pra longe foi o maior prazer que tive nos últimos dias. Pena não ter caído da varanda. Eu poderia ver como um sinal e acabar logo com tudo. Miriam nunca cansa de bancar a irmãzona protetora. Consequência de uma vida toda voltada aos outros. Olhasse mais para si poderia estar adulando os próprios filhos e netos. Mas agora sou tudo que resta a ela. E mesmo assim, por pouquíssimo tempo. Não tenho remorso, ela apanhou o bastante da vida pra criar suas próprias cascas. Ela é forte, sempre foi, estará melhor sem mim, livre.

Ouçõ a chamada do canal na TV: emoção que não acaba. Não percebi que estava no VIVA. É irônico, quase uma piada de mau gosto. Um canal que se sustenta do passado, como tenho feito, revivendo fracassos, remorsos, más escolhas. As piores facetas do ser humano, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, um oferecimento Johnnie Walker, Dreher, Bacardi, Absolut Vodka. Séries e novelas, começos, fins, recomeços, as labutas de artista, os dilemas de pai e filho, o rompimento familiar, as internações. Sonhos se perdendo ao longo do caminho, a vida se impondo, bicos, amores e traições.

A trilha sonora era meu rock, sempre o rock embalando um drama chocante à tradicional família brasileira. Fiz de tudo, fui quem quis, não deixava nada entre mim e o que eu achava ser meu destino *rockstar*. Foi Edith quem iniciou a mudança e Simone a concretizou. Elas sim foram minhas chaves do céu. Mas a cobrança sempre vem pra quem tenta viver à margem do sistema. Minhas meninas se foram e agora só me resta ir pro inferno. Todos se foram, só Miriam ficou, sempre a irmãzona protetora, mas tão ingênua. Ela insiste que a estrada das meninas acabou, mas a minha continua. Como pode ser? Como seguir qualquer caminho com a culpa que de ter encerrado o delas? Não. Minha estrada acabou. Está uma noite escura lá fora. A brisa convida. Um mergulho e pronto. É como *bungee jump* sem corda, *skydiving* sem paraquedas, não tem mistério. Coração aos pulos, corpo suando, mãos trêmulas, nada disso é novidade. A adrenalina como na época dos shows, drogas, das mudanças de estilo e guinadas de vida. Quase a mesma coisa. A diferença é não ter mais o marasmo pós-tempestade. Só resta a partida no ápice, no clímax, *grand finale* de gozo eternizado.

Desliguei a TV. O documentário deu lugar a Chitãozinho e Xororó esgoelando pra eu levantar minha mão sedenta e recomeçar a andar. Sedenta está minha garganta. Odeio sertanejo, mas ouvi a dupla assassinar um clássico do rock, um dos meus favoritos. Os cretinos nem cantaram a música toda. É um sinal. A fonte da água viva secou, a ponte rompeu. Ser sincero e desejar profundo não basta. Hoje o que sacode o mundo são bombas, tiroteios e *fake news*. As batalhas são meros pretextos de uma guerra sem fim. Mudou o hino da minha vida, ou eu mudei? Quando me tornei tão cético, raso e pequeno? Sei bem. Miriam também, ela só não diz, quer me tirar do poço. A verdade vive nela tanto quanto em mim. Eu bem que queria extirpar isso de dentro, passar tudo pra estes cadernos e me livrar da culpa, como minha irmã quer. O que ela não sabe é que essas páginas amareladas e rasuradas não podem mais me ajudar. Mesmo que me carreguem para outras vidas, outras realidades em que eu pudesse voltar uns passos antes de cada erro, velho ou novo, para iniciar novas linhas temporais onde existisse apenas minha melhor versão, sempre. Mesmo assim, eu acabo voltando ao plano de origem, onde não há *rockstar*, nem história perfeita, onde matei minha esposa e filha. Perdi minhas chaves do céu e nada mais importa. Perdão, minha irmã, mas você merece mais.

Eu estava certo de que seria hoje. A vida tem um jeitinho todo especial de ferrar com o mais simples dos planos. Não contava, tão tarde da noite, com Miriam batendo na

porta feito uma louca. Tinha um olho roxo, a blusa empapada de sangue e lágrimas. Entrou me estapeando, xingando. Parou por um instante para sentir meu hálito, então desabou a chorar. Tinha me ligado até descarregar a bateria do celular. Precisava de mim. O novo namorado surtou no meio da rua, uma crise de ciúmes violenta. A confusão acabou na delegacia. Foi a primeira vez que algo assim aconteceu. Nunca vi minha irmã tão frágil. Miriam disse que não queria ficar só. Ela desmaiou no meu colo e acabei de coloca-la lá no quarto. Vim pra sala tomar uma dose. À vida. Três dias pra cirurgia, minha irmã caída no próprio fosso, a saída de emergência logo ali na sacada. A garrafa mergulhou por mim. Vou pro quarto fazer companhia pra Miriam. Talvez amanhã eu tente outra vez.

## **T. K. Pereira**

Organizador do projeto “7 coisas que aprendi”, acervo com mais de 100 depoimentos de escritores. Finalista do Brasil em Prosa 2015 com o conto *Doses de orgulho e vergonha*. Publicou contos nas antologias *Onisciente Contemporâneo*, *Translações Singulares* e *Não Culpe o Narrador*. Seu primeiro livro de contos será publicado em breve pela editora Caos e Letras, de Belo Horizonte. Acompanhe o autor em seu site oficial: <https://tkpereira.com.br>

### **Por que *Tente Outra Vez*?**

Como Raul, eu sou baiano. O apreço pelo artista só veio na adolescência, com músicas como *Tente Outra Vez*, *Gita* e *Metamorfose Ambulante*. Os anos criaram muito misticismo e lendas ao redor de sua figura, mas o que ficou para mim foi um artista que nunca deixou de acreditar em si mesmo, em sua obra e no que tinha a dizer, por mais obstáculos que surgissem em seu caminho. *Tente Outra Vez* é a canção que melhor representa este Raul Seixas.

## *A Maçã*

### **Trago comigo um boneco de resina**

**João Matias**

Não é propriamente como se fumasse. Cidade Grande, naquela manhã, aguarda o julgamento de Lucrecia com uma neblina cobrindo os tetos de telhas carcomidas pelo tempo que parece habitar também as almas na maioria das casas. Velha, de cabelos brancos, algo imponente, toda a cidade parou para assistí-la andar sozinha pelas suas ruas, com o movimento parado dos carros, as linhas de ônibus andando silenciosas, os espelhos nos barbeiros refletindo a tudo, menos ao corte tendência da nova geração. Lucrecia e seus cabelos cobrindo-lhe o rosto anda com um boneco de resina entre as mãos. Impávida, sem mirar nos olhos insuspeitos; incólume, certa de sua aparição.

De repente, um sol mal descoberto acompanha os passos de Lucrecia como se desenhasse nos esquadros das calçadas o caminho de sua casa até o fórum. Olhares a iluminam e ressecam mais que sol. O dia que amanheceu nublado dá passagem para um sol que não se esperava e, para não ser percebido, Luiz da barbearia não se deixa notar observando Lucrecia para não desalinhar o corte na barba de um marmanjo. Mas ele percebe a lentidão do barbeiro.

— É a mulher do vereador?

— É ela sim. - responde o barbeiro, calculando o corte.

— Coitada, depois de tantos anos com o cara.

— Também acho. Vai ver as coisas se resolviam com o tempo.

— Mulher assim tem que esquecer da vida, precisa ver logo que tá velha, não tinha mais pra quê enfrentar marido.

— E o negócio foi feio, viu? - confessa o barbeiro, esperando a fala do cliente para passar a máquina nos pêlos menores do bigode. — Ela castigou bem, foram cinco tiros, ou foi sete. Para você ver, ainda teve tempo de recarregar.

— Perdeu o direito de receber a pensão. - responde o marmanjo, cuspidando os pêlos.

— Sete tiros, meu amigo. A cabeça do cara ficou destroçada.

Enquanto Lucrécia passa, algumas mães cobrem o rosto de meninas mal acordadas passando para ir a escola. Um bocejo das pequenas provoca um riso sutil de Lucrécia que, segurando o boneco de resina, ensaia uma brincadeira com uma mais loira, pequena, sem entender exatamente o olhar judicioso da mãe e sem saber, portanto, que os cabelos brancos de Lucrécia não eram de uma bruxa. A menina sorri. A mãe, com uma puxada, leva a ela e mais outras para o outro lado de uma calçada onde, reunidos para fumar e tecer conversa mole, um grupo de homens grita: “Olha a bruxa!”; isso enquanto alguns carros passam e param num sinal de trânsito a pretexto de admirar os passos lentos e resignados de Lucrécia, ainda sorrindo para algumas crianças e estas, em devolução, mal compreendendo ou temendo o olhar de estranheza e de escárnio lançado pelos mais velhos. Todos meio surpresos, meio inconformados.

— Luciano, vem pra cá! - grita uma mãe, chamando o filho.

O garoto, com a farda vermelha e branca, pára diante de Lucrécia e pergunta por que ela leva aquele boneco. Lucrécia olha para o menino com um esgar de cansaço, mal querendo explicar o porquê de levar o boneco e, ao mesmo tempo, com vontade de explicar para o garoto que ali estava algo muito valioso.

— Não vai dizer não? - insiste o garoto, olhando para os chamados da mãe.

Lucrécia faz que não.

Ele dá de ombros, hesita, mas acompanha o chamado, correndo, quase sendo atropelado. Neste momento, os olhares novamente se voltam para Lucrécia, quando parece ser dela a culpa da desatenção do garoto e do quase atropelamento por um Fiat branco com um senhor aparentemente bêbado gritando com o garoto e a mãe. O sol,

separado pelas nuvens, retorna com vigor e a cidade, requentada, parece que naquela manhã não mais fumava.

Na espera do fórum, um advogado de terno cinza fuma com dois tragos ávidos um cigarro à espera da velha com chale marrrom e longos cabelos brancos apontar no horizonte de uma ladeira, subindo-a aos poucos. Ele solta o cigarro quando ela, finalmente, se aproxima.

— Lembre do que combinamos. - comenta o rapaz.

— Bom dia. - responde Lucrecia.

— Se for desviar do que combinamos vai ser mais difícil.

— Eu já vinha pensando no que ia dizer e, por isso, não vejo problema.

Ambos entram. O ambiente do fórum parece acostumado aos casos do tipo; de tal modo, Lucrecia passa despercebida por policiais, advogados e clientes. Os tons do chale marrrom, para ela, parecem combinar com a atmosfera rude e carcomida do fórum, com os tons cinza e preto dos advogados e policiais, com o piso ladrilhado em branco de cerâmica. Somente o boneco de resina, com o fundo grosso e raso de pedra, em sua expressão pusilânime, possuía um guarda-chuva vermelho naquele festival de cores nenhuma.

— Mas você tá lembrada do que combinamos? - pergunta o advogado.

— Mais ou menos.

— Se não lembrar tudo, vamos nos complicar.

— Eu já vi filme de júri o suficiente.

— Ai, meu deus.

— A mulher fica no júri, com o advogado de olhos amarelos ou verdes em argumentação espasmódica tentando transformar a opinião dela, e aí quando a mulher é réu ou advogada sempre se traduz sua competência pela sensibilidade. Não é assim em todos?

— Mas isso aqui não é cinema.

— Mas parece, você vai ver.

Lucrécia lembra com certa angústia das noites que passou assistindo filmes com ele, ambos abraçados e sem comer a pipoca, que esfriava na mesa de centro, porque Lucrécia não gostava de ouvir os ruídos da mastigação enquanto consumia “O sol é para todos” com Gregory Peck interpretando Atticus Finch. Impecável, pensa ela.

— Isso não tem nada a ver com a gente.

— Tem razão, tem tudo a ver comigo.

— Tá parecendo que você vai estragar tudo.

— Como, se foi legítima defesa?

— Mas o promotor aqui é cristão, daqueles bem fervorosos, a cidade está com ele e os jurados também.

— E não tem mulher na Bíblia?

Lucrécia continua pensando naquelas noites, frias, nas quais a presença dele era o conforto que sempre faltou na casa grande do bairro mais alto da cidade, onde a neblina, que penetrava pelas janelas, ofertava um gosto a mais para o cigarro nas noites insones. Somente ela e seu Atticus Finch sabiam que a neblina não era como se a cidade fumasse; era como se pegasse fogo, como se o céu pudesse cumprir seu desígnio mandando enxofre para a atmosfera. No seu imaginário íntimo, a neblina podia parecer um convite, sinônimo símbolo de uma janela aberta; metáfora vívida da vida livre.

Chega o momento do júri.

Ao entrar, Lucrécia se senta, jura na Bíblia e olha nos olhos do promotor cristão: olhos de homem sério, como se arrancados de um personagem hirto num faroeste antigo. Ele se levanta, e apresenta a acusação.

— Um homem cristão, um ex-juiz, magistrado Feliciano, foi atingido por diversos tiros na noite de ontem por sua esposa, mãe de seus dois filhos. Vereador dedicado à família e à cidade com fervorosa atenção. Com zelo inaudito.

Lucrécia tenta lembrar de a quem aqueles olhos do promotor cristão a remetem, e os associa brevemente não a Lee Van Cleef, um ator estupendo, cujas sobrancelhas

arqueadas e os olhos miúdos contendo-se de tanta inteligência não acompanhavam o falar algo metódico, mas desarranjado, do promotor cristão. Aqueles olhos, para ela, eram de Eli Wallach, um ator apenas bom, com uma expressão malandra, olhos de lebre assustada que, com sua pretensão de argúcia, deixa escapar apenas a tentativa, não o êxito.

— Que fariam vocês, se a senhora da casa fosse encontrada aos braços com o próprio advogado, assistindo a filmes enquanto seu marido trabalha varando as noites na Câmara para o proveito de Cidade Grande. Foram cinco tiros segundo a perícia, desferidos no corpo e, no final, uma cabeça estraçalhada, quando a vítima teria tentado expulsar a mulher infame de sua própria casa. - continuou o promotor.

Chamada, Lucrecia se levanta, retira os longos cabelos brancos dos olhos, ajeita o chale marrom e, segurando o boneco de resina, que tem expressão irônica para o ambiente em questão, posta-se no tablado para falar.

— Não dei tiro. Matei ele com muita porrada. Na cabeça. Todas as que foram suficientes.

O espanto toma a cara dos jurados. O promotor não contém um riso canhestro. O advogado, percebe Lucrecia, escora o rosto e os olhos baixos com a mão cobrindo-lhe a boca; em postura séria, sem se deixar abalar e, a um só tempo, calculando os próximos passos que, imaginava, seriam poucos. Sob o silêncio, Lucrecia ainda ergue o boneco de resina e o exhibe aos demais. A expressão indefinível do boneco causa curiosidade.

— Trago comigo um boneco de resina. Por anos, fui tomada de agressões por esse boneco. Na cabeça, nos olhos, no rosto. Nunca houve provas concretas porque o falecido as apagava. Menos no fundo. - e Lucrecia exhibe o fundo raso, sólido, do boneco, repleto de marcas de sangue. — Aqui ele não apagou. No dia em que ele chegou com um machado, esse boneco me salvou - continua.

Lucrecia lembra que o boneco, de tão sólido, parecia ganhar uma nova expressão. Seis, sete, oito pancadas até o crânio de Feliciano parecer uma pasta insolúvel de fragmentos e detritos. Na noite do ocorrido, ela lembra que não podia aceitar que se afastasse de seu Atticus Finch, como se manteve ao longo dos anos por ameaças sucessivas do marido. Um torpor tomou a todos de imediato com as revelações. Jurados se entreolhavam com o silêncio feito após o depoimento de Lucrecia.

- Meu sangue foi apagado do fundo desse boneco pelo do meu ex-marido. Mas as provas, estas não são comigo.

— E os tiros? - pergunta o juiz, incomodado.

— Também não sou investigadora.

O julgamento tem um fim rápido. Ao confessar-se culpada, Lucrecia não consegue mirar nos olhos do seu advogado, Atticus Finch, que chorava e, à espera da conclusão da decisão, tomou-a de empréstimo para se reunir e perguntar por que fez aquilo. Inamovível, com os cabelos brancos cobrindo parte da cara, Lucrecia repousa sua mão gélida sobre o rosto do advogado, beijando-o no rosto. Para si, parece indefinível resumir para todos o amor de uma mãe pelo seu filho. Com o céu novamente ensolarado, mas com algumas nuvens chegando a nublar o peso do vento que entra pelas janelas, o ar de exasperação que toma o ambiente não se alivia e se toma ainda mais do peso das algemas que leva Lucrecia, com 70 anos, a ser presa. Não deixa transparecer em seus olhos, mas pensa ela, naquele momento, que Atticus Finch não devia jamais abdicar de sua aposta na convicção humana segundo a qual a civilização venceria algum dia o reclame da violência e da barbárie, apesar de ter ela a certeza, sobretudo após o assassinato, de que em Cidade Grande algumas vezes o amor precisou andar armado.

## **João Matias**

Escritor e professor universitário. Autor de livros de contos, como *O Vermelho das Hóstias Brancas* (Bagaço, 2010), com contos premiados em antologias dos prêmios Fran Martins e Unifor de Literatura, além de autor de alguns quadrinhos e roteiros de cinema. Publicou em revistas literárias diversas, fez parte do Núcleo Caixa Baixa, na Paraíba, e edita a Revista Blecaute de Literatura de Artes.

## **Por que *A Maçã*?**

Apego e desapego se desnudam em obras cinematográficas. Na música *A Maçã* residem imagens da santa castidade, assim como do ciúmes e da vaidade. Por ser uma letra que toma o homem como o centro da questão, este conto inverte o sentido da canção em diversos aspectos: o amor da mãe pelo filho contra o ciúme do parceiro. Por ser uma canção sobre julgamentos morais, os olhos da sociedade, neste conto, são ávidos em mostrar aquilo que Raul tão bem soube questionar.

# *Caminhos*

**Caminhos**

**Roberto Menezes**

FAUNA

Os dias se encurtam. A neblina enfeia o céu. A queda das folhas descobre o ninho dessemantado pelas idas e vindas do pássaro solitário. Ele insiste em voltar. Folha a folha, todas gotejaram sob a tempestade. Os galhos de esquinas íngremes não acolhem, nem acaloram como quando sua mãe e seus irmãos estavam aqui competindo por espaço. Foram embora, assim feito o resto do povoado, para o noroeste dos instintos. O pássaro não sabe se foi o medo dos braços fraturados das árvores sem folhas. Não sabe se foi o medo dos trovões que rasuraram os céus na última tempestade. Ele insiste em ficar. Seu caminho é esse.

Para onde foram os pássaros da última trovejada? Não sabia. Não quis ir. Só, se aninha como pode nos destroços de sua manjedoura. Agora, no começo do inverno, em nada se parece com a alvenaria desenhada pela mãe - falta a mãe. Falta também o sol. Não lhe ensinaram o que é inverno.

Rareia a força nas asas. A fraqueza existe, mas exige um próximo voo, uma busca por sobrevivência. Uma prece piada de submorte. Os que se foram não voltarão? E o frio e a neblina, quando devolverão o verão? As interrogações dessas perguntas caíram junto com a última folha da árvore. O frio e a neblina pesarão nos seus ombros até o fim. E ele nem sabe o que é o fim.

Anda a passos que não levam a lugar nenhum. Faminto. Entre as penas. Anda em círculos. No meio palmo de nada. No seu ninho. No equilíbrio do seu galho. Decide fazer o último voo, é mais uma queda. Não há o acaso aqui, há a certeza de que não se vai mais longe daqui. Aqui. O pássaro cai na soleira da árvore de raízes congeladas. Gelo em tudo onde se possa pisar. Um espelho que arde as patas. A noite vem, assombra o pássaro. O reflexo na sombra. A fome que o anoitece. O bico batendo na água empedrada.

Ao pé da árvore, rubrica o vidro duvidoso. Por trás do vidro, o passado que quer resgatar por teimosia. Quase aqui. Algum verde, algum verme, luzeiro falso. Cada segundo desperdiçado em cada bicada. Gota a gota despedaçada ao tentar rachar a janela. Do outro lado da camada de gelo, fartura, gordura para mais de uma estação, a extensão de suas horas, certeza de novos dias quentes, novas árvores, novos pássaros, novos ninhos. Mas esse diamante não é para o seu bico. Encurta mais seus dias não quer desistir.

O pássaro perde a aposta ao ficar. As patas se enraízam no gelo. Mesmo assim, o pássaro continua bicando, bicando, bicando, até que finalmente esquece de si. Logo se tornará, entre as folhas secas, só uma espécie de nada: ossos secos e penas secas. Torrado pelo sol da primavera que chegará logo a seguir.

\* \* \* \*

## FLORA

Primaveramente vem a brisa regada por uma força que se aninha por trás das montanhas. O sol, mero figurante para as pedras que assam, já existe desde que se pariu do nada. Dele vem a luz arremessada sobre as folhas. A luz toca na pele verde do mato. Alimenta. O mato aceita e se entrega ao sol e ao vento.

A brisa ou um lagarto traz a semente, que calha cair entre galhos e espinhos, fadada a se extinguir neste desaninho, mas como se dissesse: não esperam que nasça? eu nasço! Se anina. Bebe da lama. Da pedra, extrai substrato-proteína. E do rancor, deixa que seus ramos nascentes se embrenhem e incrustem entre as pedras. E assim nasce a raiz. E assim se infiltra pelo solo. Assim se instala. Entre galhos e espinhos.

Se vai o dia. Se vão os dias. E o sol corre e arde.

Logo já se vê um projeto do que será um arbusto. E custoso, sobe, catando o sol, respirando o dia e a noite, uivando à noite. Por anos, faz sombra para os bichos morrerem. Deles, come o adubo. E as pedras. Aos olhos do sol, não há mais pedras. Foram cobertas. O tronco deste arbusto as arrancou dos seus lugares. E após anos, depois de chuva, vento e verve, a semente mínima se torna gigante. Arbusto crescido, mas ainda virgem. Falta florescer.

Chega a época da florescência. De seus galhos, surgem brotoejas enverdecidas e arredondadas. A árvore de folhas novas rasga a pele da novidade em forma de caroço e por ela saem pétalas. Hóstias de cor de sangue se abrem circulares sobre a sua sexualidade recém-descoberta. Por toda árvore. O cheiro vai longe. As pétalas se esgueiram pesando sobre polens que vão na vaga no primeiro vagão de vento. Se encaminham. Voam para fazer arder os olhos dos bichos, voam agarrados ao acaso à procura de outra florescência.

De outras flores, a gamela da flor que soltou o pólen recebe também o pólen. No anoitecer, as pétalas, até anteontem envaidecidas, se encolhem do seu rubor, e enviuvadas, suicidam para abraçar a causa dos bichos mortos e das folhas secas na cobertura do chão - a humildade sólida encobrimdo as pedras.

O que resta de flor se encasula padecendo do mal do botão. De novo, protuberâncias. Mas estas não eclodem em flor. A beleza se inibe enquanto a semente ou várias delas surgem da seiva, da brisa, do sol, do húmus. Dentro dos frutos. Os frutos verdes logo têm ascensão de cor, de vez; e depois maduros. Se embalofam presos à mãe até serem arrancados dela pelos pássaros, pelos morcegos, pelos roedores. Mastigados ali mesmo. Mas o que importa são as sementes. E elas vão dentro desses bichos que deixaram suas fezes em terreno fértil ou em pedras. Tanto faz, há muitas delas. Há muito mapa para semear.

A árvore cheia de novas flores. Uma hora vai deixar que os filhos que sobreviveram abraçados a ela caíam ao seu pé e se juntem aos cadáveres de folhas e pétalas. O fruto sobre a terra se abrirá e sua mãe o devorará.

Vem a brisa, vem o sol, e o ciclo. A mãe devora o filho. As folhas caem, seguem a caravana de novos polens de novas flores enviuvadas. Os frutos caem, as flores caem, e

a árvore se alarga na cintura, dá mais sombra ao húmus. E protege do braseiro solar, as pedras que, numa certa primavera, quiseram devorar a semente primordial.

## **Roberto Menezes**

Paraibano, nasceu em 1978. É professor da Universidade Federal da Paraíba. Faz parte do Clube do Conto da Paraíba. Tem seis livros publicados: *Pirilampos Cegos* (romance), *O Gosto Amargo de Qualquer Coisa* (romance), *Despoemas* (contos) e *Julho é um bom mês pra morrer* (romance) e *Palavras que devoram lágrimas* (romance) e *Conversa de Jardim*, de coautoria com Maria Valéria Rezende e *Trago Comigo as Dores de Todos os Homens* (novela)

## **Por que *Caminhos*?**

As letras das músicas de Raul Seixas são atemporais. *Caminhos* é uma letra curta, mas condensa uma visão da natureza dos fatos. Assim como há o caminho da graça, nas suas entrelinhas. Meu conto dialoga com esta visão trazendo os caminhos da fauna e da flora.

## *Para Nóia*

### **Intuição do deserto**

**Alessandra Barcelar**

O calor que fazia escaldava, parecia que a terra a qualquer momento revelaria um avesso em lavas e engoliria os carros, as árvores e as pessoas. A sensação era como se o sol tivesse descido pela garganta como uma espada. Os barulhos eram de uma cidade em saliente movimento, a vida acontecendo dentro do roteiro do que se tem que acontecer num espetáculo protagonista decadente.

A concentração era dura, inabalável, a ponto de seu bombeamento de sangue percorrer cada veia como uma orquestra regida impecavelmente. Cada gota de suor que escorria numa paciência perturbadora pelas costas de Ariadne, era como uma contagem regressiva para um fim do mundo que não viria realmente acontecer.

Ariadne não era tão triste quanto denunciava, era mais uma armadilha que a destacava de outras moças religiosamente doutrinadas à beleza e personalidade de mulheres que aceitaram nascer, reproduzir, talvez celebrar algum pecado em segredo e por fim, morrer.

Bem mais que saber o que queria, seria não saber nada do que se queria, sentia-se perseguida. Ariadne era penetrada, dissecada pela grande evasão do nada, mas tinha uma audácia em desafiar a vida no simples ato de respirar, pois contemplava cada célula do tempo dada como uma afronta de não morrer, igual a quem senta numa cadeira elétrica e leva uma descarga de 2.300 volts unicamente por prazer.

Ariadne chutava uma pedra fajuta enquanto caminhava por uma estrada que não a levaria a um destino certo, tinha medo. Ela vivenciava vagamente perplexa a experiência de estar em um lugar que a inacabasse. Mas o seu organismo se beneficiava, recebia vida. Apenas uma certeza a surpreendia, seria impossível decidir sobre o próprio destino vindo à direção contrária, talvez a conjuntura que a trouxesse e a estabelecesse sem comiseração em uma realidade esférica num auge sem queda. Qualquer instante que sucedesse aquele seria baixo e vazio.

A mulher que parara com uma criança pálida, de olhos amendoados grudada em seu braço reto. Trazia um ar longínquo como se tivesse percorrido um longo caminho sob o solo até parar exatamente onde estava à vista cuidadosa de Ariadne. Os corpos de ambas começaram a responder mudos. A mulher aparentava bem mais idade do que a sua certidão podia assegurar. Imobilizada, dolorosa em repouso, a mulher e a criança bem ali, esperando o próximo instante que vinha. Segurava uma mala de couro já gasto e marcado pelas ações do tempo na outra mão, mas como todo couro, aquele também duraria mais uma dezena de anos.

Aos poucos nascia a inquietação, a menina lançou um riso cínico em direção à Ariadne, mas logo se conteve e deu dois passos esquivando-se na barra da saia florida da mãe. A menina segurava qualquer coisa, parecia um protótipo de uma boneca feita de trapos. Ariadne recordou-se, num abraço gélido do passado, de quando fora uma menina que lançava olhares e risos cínicos e que também tivera uma boneca de trapos confeccionada pela mãe, que lhe garantia que Deus olhava para elas naquele momento. Ariadne perscrutava aquele momento como uma fuga de si, um pedaço seu que saíra e tomasse existência própria naquela estrada, naquele calor.

As três, mulher, menina e Ariadne. Os olhos abertos, murmúrio leve e constante, Ariadne não se libertava das duas. Era um espelho que não refletia nem a sua imagem nem os seus movimentos, mas um auto reflexo. Ariadne inclinou-se para a mulher, olhou-a bem de frente sem que sua mão pudesse alcançá-la. Embora uma estivesse paralela à outra num curto espaço de chão, haveria um abismo de um bilhão de anos que as separariam. Antes que qualquer palavra fosse dita, Ariadne a lia raciocinando com esforço.

Uma brisa espectral percorreu cada poro, eriçando-os. Naquele intervalo Ariadne teve a sensação de que nunca mais dormiria, que vagaria pelas estradas daquela cidade

numa insônia implacável de amanheceres cheio de culpas. Ela estava lúcida e sólida e o ar era benevolente e misterioso. Toda atenção voltada para o que sentia numa força contida de engolir aquelas duas, encarcerá-las na gestação de sua infância. Fora isso que a havia surpreendido, o passado regurgitado aí em sua frente. Ariadne agora existia além dela mesma. Fechou os olhos por alguns segundos e abriu-os novamente e mordeu os lábios, espalhou-se um gosto de sangue fundido com sua saliva. Pairava agora na penumbra de sua floresta silenciosa. Ariadne era toda memória fresca, onde as sensações se moldariam como na primeira vez sentida, sentia medo.

Mal havia tido tempo de arrumar as tralhas para a partida, a menina pequena a florada em seu mundo. Já não tinha mais pai desde então. A mãe se viu obrigada a pegar um rumo com a filha. O delas era um mundo em que ou se morria de fome ou se morria de insistir em viver. E ambas escolheram, sem saber, morrer insistindo em viver. Deixaram o barraco, a poeira, as memórias.

Ariadne pensou que poderia escolher vários caminhos, diversos simultaneamente e não escolher nenhum. De súbito esses caminhos precipitaram e se dissolviam. O seu plano não foi permitido ser levado até o fim. “Estou sofrendo”, indagou-se em sua fina exaltação. A verdade é que não sabia se estava feliz ou triste. Através de seus olhos uniam-se o passado e o futuro num pedido de auto perdão.

Ariadne percebeu o quanto a vida havia sido a sua incógnita.

Ela escolheu estar viva e acontecer. Ariadne acontecia assombrosamente. Anos, séculos ou até mesmo uma explosão que acabasse com tudo e mais uma explosão que começasse tudo do zero, não fossem suficientes para desvendar todos aqueles códigos binários e não binários da sua existência oblíqua. Ela continuaria, enganaria a todos, inclusive a Deus com o seu final, pois seria ponto e vírgula. A mulher e a menina também continuariam. Ariadne também seria enganada com o fim das duas. Nunca saberá como naquela estrada de repente não havia mais ninguém, somente o assovio do vento distante e o calor que fervia as pedras.

## **Alessandra Barcelar**

Historiadora, vive em São Paulo, onde nasceu, e atua na área de Gestão Hospitalar e Economia da Saúde. Publicou em várias revistas literárias do Brasil e de Portugal. Colaborou com a antologia *Mitos Modernos I*, premiada em 2018 com o Prêmio Le Blanc de Arte sequencial, Animação e Literatura Fantástica.

### **Por que *Para Nóia*?**

Eu nasci e cresci no bairro do Tatuapé, em São Paulo, que mantém duas tradicionais e maiores casas de rock n'roll (como dizemos atualmente casa "raiz"), a Led Slay e a Fofinho Rock Club, portanto passei parte da adolescência ouvindo muito Raul. O que não era um privilégio, mas rotina entre todos jovens naquela época. Temos também um parque com nome de Raul Seixas, onde já rolou muito show bom. A escolha da letra se deu pelas possibilidades de explorar o tema, e quem melhor para falar de "paranoias" do que nosso Maluco Beleza?

**1976**

**Há 10 Mil Anos Atrás**

## *Canto para minha Morte*

**A noiva da MG-030**

**Eduardo Sabino**

*“Vou te encontrar  
vestida de cetim,  
pois em qualquer lugar,  
esperas só por mim.”*

(Raul Seixas, *Canto para minha Morte*)

Estrada escura e faróis do ônibus falhando. A rodovia é o que sobrou após a tempestade: barrancos desabados, barro na pista, postes queimados, fiação destruída. Um sono atroz. Os olhos vacilam entre contemplar a destruição e adormecer. O ônibus com outros seis passageiros, dois roncos fazendo backing vocal ao ronco do motor. O motorista tinha apagado a luz e só a acenderia quando o primeiro de nós desse o sinal. Ao menos uma hora de sono ganho: ninguém desembarcaria nos condomínios da estrada naquele horário. Estou prestes a alterar o foco do olhar, das encostas destruídas à divisa das pistas, recomeçar a contagem de riscos amarelos e dormir, em um, dois minutos; assim seria se ela não tivesse surgido do nada. De pé no ponto de ônibus. O vestido encharcado. Passaria fácil como um vulto foragido de um sonho se o relâmpago não tivesse a iluminado com a potência de uma multidão de fotógrafos de casamento estourando seus flashes simultaneamente. Deu para ver o cabelo desganhado, a maquiagem borrada, o vestido de renda, o véu nas mãos, o olhar parado, fulminante, ensandecido. “Meu deus”, digo, e tombo a cabeça até o corredor.

“Você viu a noiva, motorista?”

“Noiva?”

“No ponto, ali atrás.”

“Não vi ninguém.

“Sozinha, na chuva!”

“Pela amor de deus, são três horas da manhã, garoto”, alguém resmunga. “Cê tava sonhando. Volte a dormir.”

O cara estava certo. A imagem não fazia sentido: uma mulher vestida de noiva sozinha na estrada, brilhando entre os escombros da tempestade, às três horas da manhã. Apesar de sua impossibilidade, não pude retomar o sono e o sossego. A noiva ficou comigo. Primeiro como surpresa, depois como tensão. Lembrei das histórias de vovó e as lembranças me endureceram o corpo. Seria um mau augúrio, um sinal de morte? A velocidade do motorista ficou subitamente perigosa. Um pedal duplo de heavy metal no peito se acelerava a cada ultrapassagem. Ao menos a viagem prosseguiu até o fim, e chegamos todos bem.

Quando virei a chave para entrar no apartamento, soube na hora: quase ouço o narrador de um conto de horror gótico dizendo que acabava de entrar *em seu cárcere o prisioneiro da noite*. Sim, a noiva ainda estava comigo, eu era o passageiro a quem ela se mostrou, talvez o único realmente condenado da turma. Como dormir? A folhagem da palmeira na rua desenhava na parede do quarto o vestido de renda e alguma outra coisa, talvez a *cabeça* de um poste, terminou o Frankenstein. No ritmo do vento (leve na garoa, forte nas pancadas da chuva intermitente), a sombra da noiva ia alternando as coreografias, de dança do ventre ao funk, e assim chegamos à luz do dia, quando ela se foi, sem se despedir.

Passei o dia inteiro com a noiva nos pensamentos, atento às mínimas ameaças de morte, medo de pagar a conta no banco e buscar o pão, medo de receber a encomenda do carteiro e de ser atingido por um raio na varanda, até que as notícias começaram a correr. O corpo de uma mulher vestida de noiva tinha sido encontrado no ribeirão dos Cristais, setenta metros abaixo da ponte, no quilômetro vinte e quatro da MG-30. Não cliquei nas fotos do WhatsApp, este círculo infernal por onde primeiro navegam os suicidas e os acidentados, mas sabia de cor os detalhes de seu rosto.

Chamava-se Maria Isaura e, há algumas semanas, tinha se tornado viúva. O marido, funcionário da Cemig, morreu eletrocutado em um fio de alta tensão. Ela vestiu-se e maquiou-se à luz de velas, para não chamar a atenção dos familiares, e saiu de casa na madrugada, subindo até a BR, sabe-se lá como. Talvez apressada, suspendendo com as mãos a barra do vestido, talvez devagar e cerimonialmente, como quem fosse se casar pela segunda vez.

## **Eduardo Sabino**

Nasceu em Nova Lima, MG, onde reside atualmente. Autor dos livros de contos *Naufração entre Amigos* (Editora Patuá, 2016) e *Estados Alucinatórios* (Caos e Letras, 2019). Venceu, com o conto *Sombras*, o concurso Brasil em Prosa 2015, organizado pelo Globo e a Amazon. Contato: [eduardosabino@caoseletras.com](mailto:eduardosabino@caoseletras.com).

### **Por que *Canto para minha Morte*?**

A música *Canto para minha Morte* me lembra a infância em meados dos anos 90 e um passatempo que tínhamos em família, sob direção de minha falecida avó: contar e ouvir histórias de terror. Uma das assombrações recorrentes na roda era a noiva de branco e suas diversas versões. Em algumas histórias, ela era a própria morte vindo encontrar o condenado, como na música de Raul, em outras, o espírito ensandecido de uma mulher que morrera no dia de seu casamento. A causa mortis variava: acidente de cavalo, suicídio, escorregão na escadaria da igreja, e não faltavam pessoas, inclusive em nossa roda, convictas de terem a visto em algum momento de suas vidas.

## *Meu amigo Pedro*

**Sentir**

**Alessandro Garcia**

I.

Pioneirismo científico experimental, você pensou. E sentiu algo. Que foi muito distante do que se deve sentir ao cheirar a pele de uma mulher bem de perto. Que foi muito distante do que se deve sentir ao tocá-la naquela dobrinha macia entre a axila e o seio. Mas é o que há para você sentir; então você relaxou e seu corpo se moldou ao courino marrom da poltrona do reduto, o seu reduto, este espaço escuro e subterrâneo onde você é deixado em paz - somente alguns metros abaixo do que é o caminhar de pés arrastados do seu pai, àquela hora já provavelmente movido à Jim Beam, sedado o bastante para não gritar com você, o filho velho ainda no porão dos pais; longe o suficiente para não ter que ouvir a TV ininterrupta, do quarto cheirando a mofo e à angústia, bordões humorísticos informando à sua mãe quando já é hora de rir, então ela devia estar rindo. Por baixo do aconchego do edredon, por baixo do calor do chambre, por baixo do torpor do cloridrato de sertralina, ela devia estar rindo - , e então você abriu o pote de vidro, acordou-o de sua sonolência sobre o pedaço de colchão e pôde permitir que um dos *cimex lectularius* cumprisse o que é parte de seu ciclo de desenvolvimento, sentindo-o em sua pele, um clique sem som penetrando na sua mão. Sentiu também o gosto do buço, salgado. E depois foi somente um pequeno eritema em sua mão esquerda, naquela região gordinha entre o indicador e o polegar, onde ninguém irá perceber, isto se alguém perceber você em casa de Vicente. E depois, por que motivo você iria se preocupar?

## II.

Depois desta noite eles irão falar de você e do que você fez, como se fala de alguém que já morreu (e alguém lembrará de ter notado a estranha marca na sua mão)?

Mas isso você ainda não sabe.

Também não sabe como então será difícil entender aquela espécie de ritual, mas talvez se assemelhe mais a uma cerimônia memorialista em que cada atitude é relembrada com o carinho que se tem ao recordar os feitos de amigos que já se foram. Só que será sem carinho.

Mas isto será depois. Depois desta noite.

Por enquanto, mesmo umas três horas após você já ter chegado, todo mundo está apenas fingindo ser o que não é. E você pode fingir também. Não é o escritório, é um outro lugar; um lugar no qual você não é Pedro e não precisa ir para o banheiro chorar.

E, veja, dobrar os braços para ostentar os músculos inchados sob a manga da camisa, como Martim está fazendo agora, ainda provoca as mesmas risadas excitadas nas mulheres, como desde sempre, como se vocês estivessem no colégio, como se não fossem sujeitos de meia idade, colegas do escritório do CERN - como se na segunda-feira não houvessem os requerimentos e carimbos e memorandos em cópia dupla.

A casa está repleta de personagens - inverossímeis como figurantes de séries oitentistas. E você é só a câmera sóbria que todos sabem que não devem encarar.

Eles gravitam ao seu redor como se você não existisse, as mãos com design sob medida para aparar a bagana que queima o *tetrahidrocanabinol* ao mesmo tempo em que suspendem pesados copos de bebida amarela tilintando gelo. Todos, com exceção de você, dominam as técnicas-de-conversaão-aleatória - estão sempre prontos a enfileirar piadas-internas com agressividade incontrolável, mesmo aqueles que só se sustentam em pé porque desafiam a gravidade, em solenes acenos de cabeça para ninguém, talvez para o retrato da parede em frente -, mas parece que ninguém está interessado em exercitar estas técnicas com você. Então você permanece sendo câmera.

### III.

Sua lente - e é claro que esta é mais uma das informações novas que chegam a você na velocidade em que se descortinam - , enquadra uma daquelas personagens secundárias que, cedo ou tarde (como em qualquer série oitentista) acaba ganhando destaque na trama: Mireille. E você sabe, sim, que é por que os efeitos do *tetrahidrocanabinol* já estão impregnando seus receptores canabinóides de euforia (e por isso ela levanta os braços em sua direção, com a receptividade de quem reencontra uma velha amiga), sensação de bem-estar (e por isso falar e tocar em você parecem coisas capazes de fazê-la sentir-se realmente plena de prazer) e de distúrbios da memória (e por isso ela o abraça, de tempos em tempos, como se achasse que você é alguém conhecido o bastante para que ela possa abraçar), que é por isso que Mireille age como age. E você tem sensibilidade para praticamente ver sua atual incapacidade crítica, desibinição extrema e sociabilidade aguda - adicionados pelo líquido amarelo que protagoniza presença tilintante no pesado copo que, também ela, suspende em uma das mãos -, atuando como se fossem entidades físicas, grudando-se a ela como tentáculos, da mesma forma como ela agora se gruda à você, logo você, Pedro, fazendo-o sentir o eriçamento dos pêlos clareados à parafina de seus braços, fazendo-o sentir seus longos cabelos claros chocando-se com sua própria pele e seu volume sob a calça elevar-se, tão perto ela está, tão perto como nenhuma outra mulher do escritório jamais esteve.

E é estranho que, agora, todos pareçam ter descoberto sua câmera (e alguém pareça ter notado a estranha marca na sua mão). Os rostos voltados em sua direção carregam expressões que revelam diferentes graus de habilidades de atuação, o torpor como um elemento comum. Mas há algo que você sente em todos, como uma grande interrogação que alguém desenhou em tinta fluorescente e só se revela agora, sob ação da luz negra com que eles estão mais ou menos sacudindo seus corpos. O que Pedro está fazendo com Mireille ali? É isto o que você sabe que todos ainda possuem capacidade de questionar, todos estão questionando, de uma forma violenta que não é preciso outro componente para revelar. E é por que você sente esta violência no ar, por que o ar está impregnado desta violência, e é por que você sabe que há coisas melhores para sentir,

que você a conduz pela mão, abrindo a porta da casa de Vicente que dá para a rua e, em apenas alguns segundos, nenhum dos dois está mais ali.

Você jamais esteve ali.

IV.

É como se você nunca tivesse saído do seu reduto, sua silhueta eternamente marcando em suor o courino craquelado da poltrona que é seu trono. É como se você nunca tivesse estado em casa de Vicente. Qual o motivo para você estar lá, afinal? Ser o estranho experimento deles? Por isso você está novamente em sua casa. Sozinho, mesmo que rodeado. Como sempre. Os ruídos acima já cessaram por completo. E este é o som que se escuta de alguém tentando não fazer barulho - é você. Precisa adaptar-se ao fato de que não está só, de verdade. Sua relutante convidada, ainda que pareça não estar ali, está. Ela fala coisas que você não entende, distanciando-se um tanto da euforia que a dominava até tão pouco tempo. Você também fala coisas que os outros não entendem, quando resolve falar, quando tenta traduzir sua satisfação em ser parte do experimento com os percevejos. Mas seu pioneirismo científico sobre a alteração do ciclo reprodutivo dos *cimex lectularius* nunca é do interesse de ninguém. Então você permanece sendo só e sentindo o que só você sente - esta sequência aprimorada de apertar de dedos do pé, arrepios percorrendo sua coluna cervical - sentindo o poder e o prazer de se deixar morder por um dos seis insetos que você retira com cuidado do pote de vidro.

Mas não é possível que alguém mais não possa sentir com você.

Mireille está disposta, você sabe. Sempre esteve; mas é tímida, como você. Agora, longe do escritório, letárgica, pulsação relutante, você sabe que ela está ali com você para sentir algo mais do que naqueles dias no trabalho - em que não se sabe o que é bom ou que é ruim.

Porque aquilo é o que todos sentem, e ela, como você, está disposta a sentir algo a mais.

Você sabe.

E Mireille não impõe resistência. Quando você cheira sua pele bem de perto e então afívela suas mãos na poltrona de couro com seu cinto, quando você prende suas canelas

com *silver tape*, você sabe que ela continua relaxada; ela só balbucia seu nome com tanta frequência, por vezes parecendo que quer gritar, na ansiedade de querer entender, afinal, qual é a sensação.

Mas você não fala.

Você só abre o pote de vidro, colocando o percevejo sobre a maciez de que é feita a mão de Mireille, permitindo que ele cumpra seu ciclo. E então você deixa que ela - assim como você - possa sentir.

## **Alessandro Garcia**

Autor de *A sordidez das pequenas coisas* (Não Editora), finalista do Prêmio Jabuti, segundo colocado no Prêmio Fundação Biblioteca Nacional. Publicou também *Agora que estamos de volta*, pela e-galáxia. Presente em diversas coletâneas, traduzido para o espanhol e para o inglês, é editor da revista de contos Flaubert e host do *podcast* Negro da Semana. Mais em: [www.alessandrogarcia.com](http://www.alessandrogarcia.com)

### **Por que *Meu amigo Pedro*?**

A canção é narrativamente melancólica. Tem nos seus versos iniciais a frase: “Sempre a se queixar da solidão”. A partir daí, e do fato de Pedro ser um solitário insatisfeito com o seu trabalho, todas as possibilidades estavam abertas. Inclusive a possibilidade de Pedro, na sua triste solidão, ter uma obsessão nada saudável em relação a uma colega de escritório - o que se tornou o mote do meu conto.

## *Meu amigo Pedro (Bis)*

**Glória e perdição**

**Julia Dantas**

O suor me torna ao mesmo tempo mais grudenta e mais deslizante entre a massa de pessoas que pula ao meu redor. As luzes que alucinam agora piscam no ritmo da música, e avanço como se fosse uma criatura rastejante dentro de um galinheiro, as pessoas ciscam, ciscam, ciscam, meu suor frio esquentado com a pele dos outros, meu tímpano prestes a estourar, tum, tum, tum, minha boca seca se contrai, a língua áspera machuca o céu da boca feito lixa, que tremenda sede é essa?, uma sede do tamanho de todos os desertos, avanço em direção ao bar, espero que seja a direção do bar porque, se eu não chegar a tempo de comprar uma água, vou lamber alguém, alguém muito suado, minha língua deve estar como a dos gatos, vou lamber alguém molhado. Uma mão. Ela me puxa para o lado atravessando ao meio um feixe de luz azul. É Pedro que me leva de arrasto e de vez em quando se vira pra mim com olhos de reprovação.

Tu sumiu, ele grita. Eu derreti, penso. Deslizamos sobre o som, pof, pof, pof, até que Pedro me ancora no bar e diz que não devo sair dali. Água, eu peço, mas ninguém me ouve, nem eu mesma ouço minha voz surda. Cabelos ruivos se aproximam, emolduram um par de olhos amarelos, um homem pintado de música e ele sorri. Me estende um copo triangular com uma bebida colorida. O corpo inteiro de Pedro me abraça, seus dedos circulam meu pulso, interrompendo todos os meus movimentos. Tá louca, ele pergunta, vai beber o que ele vai te dar com aquela cara de psicopata? Então me dá água, Pedro, pelo amor de deus. Fica quieta aqui que eu já volto, ele me pede. As luzes coloridas embaralham meus olhos enquanto, tenho certeza, a batida perfura meus

tímpanos. Cabelos-vermelhos se aproxima de novo. O copo sacode o líquido em mini ondas que navegam de borda a borda. Fixo seus olhos amarelos. Cara de psicopata, o que significa isso? Pedro não me explica nada. Agarro o copo geométrico e encho a boca com a bebida açucarada. Pedro reaparece com um oásis no peito.

Todos os dias a fuligem cobre a claridade do mundo. Pedro abre as duas abas da porta da sacada e passa um pano úmido sobre os vidros. Contempla um segundo o movimento da avenida eternamente em obras e leva o pano enegrecido para a área de serviço, onde o joga num balde com mais panos enegrecidos que serão lavados ao fim do mês. Pedro é rápido para passar o café e tostar um pão. Toma o desjejum de pé, no meio da sala, os olhos de novo sobre a avenida.

Veste o terno de segunda mão que escolheu com esmero no brechó semi-elegante e os sapatos que comprou em promoção dois por um. Não entende muito a necessidade do uniforme quando fica longe dos clientes, encerrado na sala dos fundos do escritório, mas gosta da aparência que o terno lhe confere. Fica com cara de homem, com cara de quem, no fim dia, larga displicentemente sua pasta sobre o banco de trás do carro e dirige até em casa, onde vai preparar uma bebida fina para uma mulher bonita, a cara de um homem sofisticado que jamais dorme sozinho. Mas Pedro, é claro, não tem o carro, nem as bebidas importadas e muito menos a mulher. Em seu terno cinza grafite, ele caminha até o ponto de ônibus a cinco quadras de distância.

O calor do asfalto sobe pelas pernas. Uma preguiça da extensão do tempo assola Pedro. Quando ele vira a esquina, o ônibus está encostando no meio-fio. Apressa o passo, numa espécie de corridinha ridícula que não acelera muito o seu avanço, mas tenta demonstrar em pulinhos que ele está, sim, se esforçando para correr. O motorista provavelmente se comove, pois o ônibus para depois de andar meio metro, e o braço do cobrador se estica para fora da janela num sinal de vem logo. Pedro se vê obrigado a correr de fato, e se pendura na porta aberta já agradecendo ofegante o motorista de sempre, o cobrador de sempre, e agradece até mesmo à senhora velhinha de sempre que parece talvez ser moradora do primeiro banco da frente.

Lê as notícias no celular. Os índices da bolsa, a variação do dólar, os operadores hoje vão estar malucos. Ele não, um analista nunca precisar perder a sobriedade, ele pode

avaliar o cenário com frieza e emitir relatórios sisudos, sem jamais se submeter à vulgaridade dos operadores que trabalham aos gritos, sob ordens de compra e venda de ações, num êxtase incondizente com as repetidas perdas no atual cenário econômico do país. Pedro congratula-se por ter se tornado um analista, ainda mais um analista de terno e sapato de couro. Ajeita-se no espelho do elevador, orgulhoso do tom despojado que a gravata bordô confere ao terno conservador.

Divido um café com o porteiro do prédio antes de subir, mesmo sabendo que já estou atrasada para bater o ponto, mas foda-se, sou sempre a primeira a chegar não importa o quanto eu me atrase. Valdemar é o único nesse edifício que me vê mal-humorada. Apenas aqui, do lado da catraca de entrada, aproveito pra reclamar dos narizes empinados, do cheiro de gel de cabelo, daquele bando de moleque mimado que não sabe nem apertar o botão da cafeteira. O Valdemar ri quando eu falo do gel de cabelo, ele também não gosta do perfume que ele descreve como madeira queimada com produto químico. Quando já passaram quinze minutos do meu horário, decido subir e Seu Valdemar chama o elevador pra mim.

Atrás do balcão da recepção, troco o tênis pelos sapatos de salto agulha dez centímetros e confiro se a maquiagem precisa de retoque. A gente te paga pra ter uma coisa bonita na entrada da empresa, disse o bosta do chefe quando reclamei da lentidão do sistema e ele riu. Ele disse ainda: eu sei que tu só usa aquele computador pra marcar encontrinho no Instagram, e eu tive vontade de imprimir todos os controles de entrada e saída, coleta e envio, enrolar as planilhas em cone e enfiar no fundo do cu daquele corno. Desde então, não levo mais os pedidos de almoço na mesa de ninguém, os engravatadinhos que venham buscar suas caixinhas coloridas de comida, só levo as encomendas do Pedro. Ele é o único que não usa gel no cabelo e, desde que desceu a norma dos uniformes, usa uns ternos puídos nas mangas em sinal de protesto. Gosto do Pedro por causa dessa pequena rebeldia discreta.

Detesta a moça da recepção, aqueles olhos escuros e o sorriso enigmático. Oi, Pedro, tudo bem hoje?, ela pergunta todos os dias e ele nem lembra quando foi que deu a ela seu nome. Ela tem alguma coisa estranha no tom de voz, como se cada palavra

escondesse um deboche secreto, e Pedro fica feliz quando pode se esconder atrás dos biombos da sala dos analistas onde, há mais de seis meses, é o único funcionário. A relativa privacidade permite que ele coloque fones de ouvido para escutar música durante o serviço e, às vezes, até retire os sapatos embaixo da mesa, deixando expostas as meias esportivas tão mais baratas que as meias sociais.

Na hora do almoço costuma pedir o prato feito do restaurante que se esconde numa rua transversal à imponente avenida pontilhada de palmeiras decorativas, sede das melhores financeiras da cidade. É todos os dias uma decisão difícil: se encomenda o prato, precisa recebê-lo das mãos da recepcionista metida à besta, mas, se vai até o restaurante, volta com cheiro de fritura na roupa. Como não gosta de lavar o terno com frequência, acaba por fazer o pedido e se finge de ocupado quando Luísa - ou talvez Luiza com Z, pois nunca quis entrar nesse assunto com a recepcionista - chega trazendo a quentinha de alumínio dentro de uma sacola reutilizada de supermercado.

Mantém talheres de metal na primeira gaveta da mesa, pois não gosta nem dos garfinhos de plástico que o restaurante manda, nem de usar os talheres que ficam na cozinha do escritório, com cabos de plástico já mordidos, às vezes um pouco derretidos ou escurecidos pela umidade. Abre com cuidado a refeição sobre a mesa, depois de empurrar o teclado para baixo do monitor. Está terminando o último pedaço do bife de alcatra quando recebe um chamado do chefe.

O boçal quer colocar a mão no meu ombro depois de me demitir, eu não duvido mesmo que ainda tente me comer agora que eu não posso mais processar por assédio sexual. Digo que tá tudo certo, eu não fico triste não, mal sabe esse imbecil que eu podia ter aceitado emprego bem melhor na construtora e só fiquei aqui porque era mais perto de casa. Ele vai me substituir por um conceito mais aberto no escritório, sem biombos nem recepção, então não é nada pessoal, a função de recepcionista só vai deixar de existir. Eu digo que arram, pode crer, vou pegar minhas coisas, já saindo da sala, enquanto o bunda mole balbucia alguma coisa sobre um drinque de despedida ou algo que o valha.

Jogo os sapatos de salto de volta na mochila e já mando uma mensagem pro Vladinho dizendo que vou pegar com ele um beque daquela erva de Floripa, uma

trouxinha de cinquenta e duas balas. Já que amanhã não preciso trabalhar, vou fazer valer essa noite. Estou terminando de amarrar os tênis quando vejo Pedro passar com uma sacola de plástico na direção do elevador. Corro atrás dele, que segura a porta pra mim.

— Acabaram de me demitir - diz Luísa ajeitando a mochila sobre os ombros.

Pedro observa a recepcionista sem saber o que dizer. É tomado por uma honestidade pouco familiar.

— Eu também.

— Caralho! Não acredito? - ela diz num estranho tom de pergunta — Achei que tu ia ficar aí pra sempre. Tu não era o único analista dessa porra toda?

Luísa oferece um chiclete que Pedro recusa porque detesta falar de boca cheia.

— Era - ele confirma — mas eles me trocaram por uma firma de consultoria.

— Pelo menos isso, eu fui mandada embora pro escritório ter mais espaço.

Eles descem os onze andares restantes em silêncio, apenas o leve mastigar de Luísa e o aroma de menta que sai de sua boca. Saindo no térreo, ela solta uma risada estridente.

— Você não acha engraçado? Me trocaram por um espaço vazio. Caramba, minha mãe ia ficar orgulhosa.

Pedro sorri por absolutamente nenhum motivo razoável. Detesta a recepcionista ainda mais a cada frase que ela pronuncia. Os palavrões, o tênis furado, os brincos gigantes, tudo nela parece montado para chamar atenção, é o oposto da feminilidade que Pedro aprecia nas mulheres. Mas a verdade é que sim, de súbito, parece inquestionavelmente hilário que ela tenha sido demitida em prol de um espaço vazio e que ele tenha sido trocado por uma grife de consultores invisíveis, gente que nem tem nome, mas uma marca online. Por isso Pedro ri, quase gargalha, e depois encontra nos olhos escuros de Luísa um brilho de compreensão.

— Vamo tomar um trago? - ela pergunta, e pouco depois estão na mesa de um bar.

Quando Luísa - com S e com acento, foi o que ela me disse na mesa do bar - me convidou para beber eu pensei que a última coisa que eu queria era passar mais tempo com ela. Mas não havia ninguém me esperando em casa e naquele horário o ônibus passava cheio. Não entendi quase nada daquela noite porque Luísa falava sem parar, num fluxo de ideias que eu acompanhava em ondas, e só às vezes conseguia participar de algum assunto com nexos. Ela gostava da cerveja mais forte, mandava áudios pelo celular contando da demissão a grupos de amigos como se fosse a coisa mais divertida que tinha acontecido aquela semana, e cobrava pressa de um tal Vladinho que precisava fazer a entrega de uma vez.

Não tenho intimidade nenhuma com o mundo dos narcotraficantes, mas não era necessário muito conhecimento para entender que o tal Vladinho estava envolvido em negócios escusos e o que ele deixou escondido na mão de Luísa certamente não eram balas de criança. Num gesto abominável, Luísa tirou notas de dinheiro de dentro do sutiã e pagou os serviços do homenzinho mal-encarado. Ela insistiu para que eu fosse com ela na festa, a gente não precisava nem pagar ingresso porque ela conhecia o segurança, era o mesmo cara que ficava na portaria do trabalho durante o dia. Decidir ir junto apenas porque me preocupei com a segurança de Luísa depois de tanta cerveja, e não podia deixar uma mulher sozinha perambulando pela cidade àquela hora da noite.

Ela e o tal do Valdemar pareciam realmente próximos, e eu mal lembrava dele na portaria. Tive a impressão de que me chamaram de engomadinho, mas Luísa parece ter encerrado a conversa com um comentário sobre meu cabelo. Entramos no lugar e eu não sei como as pessoas conseguiam se enxergar direito lá dentro, no meio de tanta luz colorida e uma música ensurdecadora. Luísa se aproximou de mim, pousou uma mão sobre o meu queixo, meio de lado, e disse para eu abrir a boca. Fiquei pasmo, nunca deixo desconhecidos tocarem em mim desse jeito. Confia em mim, ela pediu, e acho que minha boca se abriu mais por perplexidade que por confiança. Luísa colocou um comprimido branco na minha boca e me puxou para o meio de uma confusão de corpos.

Então, o tempo.

O suor me deixa nervoso, eu já deixei o paletó na chapelaria e dobrei as mangas da camisa, mas continuo empapado de um suor pegajoso e nojento misturado com o suor dos outros. As luzes me deixam um pouco tonto, e perdi Luísa de vista no meio da massa de pessoas que pulam sem ritmo como se estivessem no meio de uma convulsão

vertical. Tunt, tunt, tunt, isso nem é música, preciso de uma água mineral, e então vejo Luísa andando a esmo pelo salão

Tu sumiu, eu digo num tom de protesto mas sem querer ser agressivo demais. Ela não fala nada com nada, eu só consigo ver seu rosto como que evaporando, se desintegrando em bolinhas coloridas que, de repente, voltam ao lugar e recompõem a expressão alucinada de Luísa. Um sujeito que usa suspensórios sobre o torso nu se aproxima e oferece um drinque que ela tenta aceitar. Interrompo a tempo, aquilo pode estar envenenado, pode ter drogas, eu leio as notícias. A cabeça do sujeito talvez esteja pegando fogo, mas ele parece ainda assim bastante tranquilo. Digo a Luísa que me espere e compro a água. Quando volto, seu corpo ondula de um jeito inumano, o sujeito incendiado continua por perto, o rosto de Luísa agora é composto por fragmentos de rosto, todos milimetricamente encaixados fora do lugar. Ela me vê e sorri para a garrafa d'água, mas se aproxima e, ao invés de matar a sede, me agarra pela cintura e dá uma enorme lambida no meu pescoço, do colarinho da camisa até o alto da orelha. Penso que vou morrer. Aquela é a pior e a melhor coisa que já me aconteceu na vida. Abro a garrafa, despejo a água na nuca de Luísa, e ela grita uma vogal intempestiva, uma vogal capaz de gerar a vida no espaço sideral. Sinto sua língua no meu ouvido e ela sussurra Pedro, meu querido Pedro, cada um de nós é um universo.

## **Julia Dantas**

Escritora, editora e tradutora. Publicou o romance *Ruína y leveza*, finalista do Prêmio São Paulo e prêmio AGEs de 2016, além de contos em diversas coletâneas. Atualmente é doutoranda em Escrita Criativa pela PUCRS e mantém uma coluna quinzenal no jornal Zero Hora.

### **Por que *Meu amigo Pedro*?**

Existem diferentes mitos para a origem de *Meu amigo Pedro*: alguns defendem que a letra fala do irmão de Raul; outros contam que o músico a teria escrito para seu próprio pênis. Por mais literária que pudesse ser a imagem de um pênis de terno, o que realmente me atrai nesta carta a um solitário funcionário burocrático é o tom de afeto crítico - ou vá lá, deboche carinhoso - que parece haver a cada verso. A vida é séria, diz Pedro, mas ele é festivamente retrucado por uma defesa da loucura, da vagabundagem e do coração.

## *Ave Maria da Rua*

**Nas letras do teu nome**

**Betzaida Mata**

Ela está ali.

O namorado bate a porta do carro e sai cantando pneu pela avenida afora.

— Volta! Não tenho dinheiro pra ir pra casa!

Grita mais umas três vezes e depois se senta no meio-fio. Abre a bolsa e pega o celular. Está sem bateria. “Vou ter que ir a pé”. Levanta-se e examina ao redor. “Pela avenida demoro umas duas horas, por dentro bairro é bem mais rápido, mas tem a cracolândia. Filho da puta! Nunca mais olho na cara dele. Foda-se a cracolândia, vou pelo bairro mesmo”.

— Moça, pelo amor de Deus, me dá uma ajuda, qualquer ajuda, eu tô com fome!

Os olhos vidrados não exprimem coisa alguma. Expressivas são as mãos que a agarram pelo braço e a voz, resoluta na fome e na desgraça.

— Eu não tenho.

— Moça, não tá vendo? Eu tô grávida! Não é pra droga não! Me dá uma ajuda, moça.

— Eu não tenho! - e se desvencilha das mãos esqueléticas e ressecadas.

A moça, passo apressado, a essa altura arrependida de ter escolhido ir por dentro do bairro, já lhe deu as costas e vai sumindo do seu campo de visão enquanto ela lhe grita improperios que mais parecem lamento que insulto.

— Ô desgraça do caralho. É fome, sua filha da puta. É fome, não é droga não. Desgraça da porra. - deita-se calçada e se põe a gemer.

Continua ali. Presente nos gemidos da grávida e no companheiro que se aproxima com a garrafa de cachaça e lhe oferece um trago.

— Dona, ô dona!

Ela se vira. Usa um vestido largo e os pés inchados transbordam pelos chinelos de dedo. No pescoço, um colar de miçangas azuis com o pingente da santa. Foi seu último dia de faxina. “Não precisa vir mais não, minha filha. Depois você passa mal aqui em casa e vai acabar me trazendo problema”. De volta para a casa, atravessa a cracolândia em direção ao ponto de ônibus.

Deposita a sacola de supermercado no chão e se agacha diante do casal.

— Que foi? Tá na hora dela ganhar o menino? Vou chamar o Samu.

— Quero Samu, não, dona. Eu tô é com fome.

De dentro da sacola, tira um pote de sorvete com o que sobrou da feijoada de almoço na casa da madame. “Leva, minha filha. Os meninos vão viajar e se ficar aqui vai acabar estragando.”

— Toma. Tá quente ainda. Só não tem colher.

— Problema não. Deus te ajude.

— Amém. E que Ela te dê uma boa hora.

— Pra senhora também, viu, dona? - grita o companheiro da grávida.

Ela se triparte e continua ali: no trajeto da mocinha, na cracolândia, dentro da condução que leva a diarista grávida de volta pra casa.

“Até quando vou aguentar?” Um jovem lhe cede o assento.

— Está passando mal? - a senhora ao lado lhe pergunta.

— É só umas pontadas na barriga. Desde cedo. Agora parece que piorou. As costas também estão doendo.

— Isso é dor de ganhar menino.

Aperta com força o pingente que traz no pescoço. Em pouco tempo, a notícia se alastra, a dor aumenta e começa uma profusão de gritos e comandos confusos.

— Motorista, para o ônibus!

— A mulher vai ter menino, motorista!

— Chama o Samu!

— Não vai dar tempo! Tem algum médico aqui?

— Desde quando médico pega ônibus?

— Para de rir e faz alguma coisa pra ajudar.

— Alguém já ligou pro Samu?

— Liga você.

— Merda. Bem na hora de voltar pra casa.

“Minha mãezinha, ajuda essa sua filha”. Enverga o corpo, comprime o ventre e torna a apertar a santa, dessa vez com tanta força que o cordão arrebenta. As miçangas azuis espalhadas pelo chão metálico formam um caleidoscópio monocromático. O pingente foi parar embaixo de um dos assentos. Quando o ônibus arrancar, descera rolando até a porta de entrada. Um passageiro descuidado irá pisar sobre ela e deformar seu manto azul feito com metal barato. Depois, pisada e repisada incontáveis vezes, vai se misturar com sola de sapato, poeira de rua e água de esgoto até se desfazer por completo.

\* \* \* \*

Ela se desfaz em cacos - milhares, milhões - que se espalham por toda parte. É o jeito que encontrou de velar por todos em todo lugar. Sua onipresença é feita de ruínas. E mesmo esfrangalhada, pisada e coberta de pó, ela está sempre inteira.

## **Betzaida Mata**

Historiadora e leciona História e Sociologia para o Ensino Médio. Escritora de ficção, publicou o romance *O fundo e a luz* - menção honrosa nos Prêmios Literários Cidade do Recife e no Concurso Sweekstars - e o livro de contos *Homens e sucatas*.

## **Por que *Ave Maria da Rua*?**

Cada fase da minha vida tem uma trilha sonora diferente. Em várias delas, há uma música de Raul, esse artista que teve o dom de ser transgressor e denso de uma forma que parecia apenas que estava a dizer trivialidades. *Ave Maria da Rua* é a música dos meus dias atuais. Hoje, rezo para a nossa senhora que desistiu de ser santa e desceu do altar para se misturar à comida, ao lixo, aos carnavais. Ainda assim, não descansa e continua a rogar por nós, os de almas miseráveis.

**1977**

**O Dia Em Que a Terra Parou**

## *Maluco Beleza*

### **Volta ao redor da minha mente**

**Bruno Ribeiro**

O branquinho vai descendo pelo meu nariz. Escorre. Tobogã alucinado. Poucos segundos e bateu. O resto do bright segue para os dentes. Branqueamento instantâneo. Cabeça pegando fogo. Diabo ralado nos neurônios. Euforia. O gostinho amargo na garganta. O espírito da planta *Erythroxylum coca* é um oponente que devemos levar a sério. Seduz pelo cheiro, e abate, trava. E... A rave não termina, meu show foi ovacionado, escuto os gritos no camarim. Solitário. Dopado. Analgésico, aí entra LSD, Rivotril, Ritalina, a porra toda misturada, criando um sistema imunológico novo. Uma forma carnal e espiritual de ver o mundo. De hoje não passo. O maluco que apresenta a rave diz: “com vocês, DJ Maxwell!”, a galera vibra. O Max é um cara legal, apesar de o meu setlist ser infinitamente superior ao dele. Algo atinge o topo da cadeia animal. O som. Bate-estaca. Tome-lhe porra nessa cabeça jovial, nestes cabelos negros e arrepiados, nestes óculos negros e espelhados. Meu corpo vibra, a cadeira na qual estou sentado torna-se flexível, afunda em uma câmera-lenta macabra. A cartela está na língua, o doce e a raspa do chifre do capeta, o gnomo e todos os seres místicos concebidos pela Xuxa. Sinto cheiro de Sasha, filha dos cães midiáticos, cria perfeita. Divago sem parar, a cadeira afunda, meus pensamentos, seus pensamentos, amora, carambola, abóbora, cebola e diarreia cor de fossa.

O tempo. Parou.

Doce. Dietilamida do ácido lisérgico. Entorpecendo os músculos e fortalecendo a alma. Amo-te, Albert Hofmann. E Tum, Tum, Tum, Tum, Tum. A galera grita. A

cadeira vai girando, sim, a saliva escorre, meus lábios macios sentem a gosma, o fim, o alucinógeno correndo. Cheiro de novo e sou Borges, observando o Aleph, gozando ao ver tamanha grandiosidade. Sou literário, ao contrario de vocês, pobres de cultura. Estou dando uma volta em minha mente. Eu não devia ter misturado tanta coisa - Enquanto estou girando, lentamen

te,

vejo as coisas fluírem de uma maneira

PE cu li ar

AS cois

As

E o pass

A d o

Tornam-se

U

M

E Vou

Giran d d dd o

Até

Ver

Uma

Luz. Sim, uma luz. Nela visualizo minha biografia, aquilo que neguei por um tempo. Meus pais, aqueles maravilhosos homens de bem. Seus métodos de educação peculiar, seus sexos animalescos, seus rostos de boneco da estrela.

Giran

do

sem

parar.

E e sem rumo algum.

É assim que vejo minha finada esposa. Lílian, tu és (sou chique) tão bela. Tão verdadeira. Ao contrário de minha mãe, aquela velha que suportava as humilhações. Aquela escrota que deixava os filhos serem alvos das brincadeiras do papai. Aquela que disse que fazer Letras e ser DJ é coisa de vagabundo. V-A-G-A-B-U-N-D-O. Cuspi. Quase morri engasgado. Velho Hendrix. Metalina. Fudida. O que estou falando? Fundida. Sim, minha mente está girando, o cerebelo desce até o tórax, enquanto o coração escorre pela glote. Meus pés nas paredes, meus dedos calejados de tanto mexer em vinis nas noites, agitando as suas loucuras surreais e ilícitas, nas noites. O QUE EU SOU? Essa droga está fazendo efeito? Será isso um placebo? Amo-te Lílian. Soy poeta, soy maluco, o Brasil é meu abismo. O palco. Meu show? Por que você teve que morrer?

Meu irmão não aguentou os traumas de infância, pegou o três oitão e estourou sua cabeça. Foi no jantar de 86. Vovô com Alzheimer, nossos pais expondo seus rostos mascarados de felicidade com leve toque de tempero de sorriso. Os tios portavam essas máscaras também. A empregada que papai comia, só sexo anal, claro, serviu o frango para nós. Pude ver as mãos do papai subir. Meu irmãozinho desceu. Começamos a cantar: “parabéns pra você, nessa data...”

B

A

N

G.

Foi só uma lapada. O miserável atirou enquanto descia as escadas, o seu corpo magro e espinhento foi parar na mesa de estudo junto dos livros de coaching, Culinária para Leigos e Matemática. Nós vimos o mais novo da família perder a cabeça.

A minha pergunta era “quando será a minha vez?”.

Lílian, cadê você para dizer que droga mata? Elas te mataram também, não foi?

Luto: tão suave, cheirosa, doce. Adjetivos da novela das oito. Você conseguia afastar as tempestades, Lílian. Meu cérebro está saindo da garganta agora, o gosto amargo de vazio sobe pela minha língua. Vejo as zonas cinzentas do hábito sob meus óculos escuros. Vejo meu rosto. Vejo luzes, Las Vegas, São Paulo e Nova York, carros, faróis e buzinas. As patricinhas e os boyzinhos gritam “ai, New York”. Chorei. Observei minha vida de classe média. Meu primeiro aparelho de discotecagem, meu futuro, minha vida. Observei o universo e seus inúmeros pedaços. O apoteótico fim, o amorfo em sua forma inexistente, o nada e o tudo. A minha mente circula a 300 km/h.

“Abre aí o camarim”, alguém bate na porta. Estou só. S.Ó.S.

Ela não para de rodar. Você, Lílian, não para de rodar. Você, meu irmão, etc.

“Abre essa porra. Tô com seu cachê.”

Amtrazporranenhumaondeestou.

“Abre.”

500km/h?

“Arromba.”

Um barulho, estrondo estranho, passos, botas pesadas. A mente girava sem parar, os rostos barbudos, bonés escuros, um crachá do evento, um... Para a mesa. Para o teto. Para a minha cara. E ASSIM:

em um fluxo contínuo, a voz disse:

Sim,

Ela

disse assim:

: “Acorda, drogado”.

Desgraçado, acho que foi isso que verbalizei. Desgraça é verbo? Um novo gerbo? G E R B O. Sei lá.

“Tá com a grana?”, pergunto.



Estou cansado dessa merda de

## **Bruno Ribeiro**

Nasceu em 1989, é um mineiro radicado na Paraíba. Autor do livro de contos *Arranhando Paredes* (2014) traduzido para o espanhol pela editora argentina Outsider e dos romances *Febre de Enxofre* (2016) e *Glitter* (2018), que foi pré-selecionado ao Prêmio Sesc de Literatura 2016 e finalista da 1ª edição do Prêmio Kindle. Mestre em Escrita Criativa pela Universidad Nacional de Tres de Febrero (UNTREF), foi um dos vencedores do concurso Brasil em Prosa, promovido pelo jornal O Globo e pela Amazon.

### **Por que *Maluco Beleza*?**

Os versos “E esse caminho que eu mesmo escolhi / É tão fácil seguir / Por não ter onde ir” são repletos de melancolia, entretanto carregam também um certo senso de vitória. De fazer o que bem quero, por mais que eu desconheça o final do percurso. Isso resume a vida e obra do Raul Seixas. Meu conto se inspirou na notícia de que Claudio Roberto, co-compositor de *Maluco Beleza*, ao saber da morte de Raul usou drogas por 45 dias seguidos. Os fantasmas e as perdas das nossas vidas muitas vezes são adversários imbatíveis, que nos derrubam com seus jabs de luto, incessantemente.

## *O Dia em que a Terra Parou*

**A poeta e o mendigo**

**Gisela Rodriguez**

Ela entra no bar. Vê as pessoas se movimentando pra lá e pra cá como formigas percorrendo um caminho sinuoso que nunca sabemos onde vai dar. Passa pela portinhola que leva à parte de dentro do balcão das bebidas e olha ao redor. Já teve muitos empregos. Achava que um emprego à noite, num bar, poderia ser mais prazeroso, mas rotina era rotina. Desde que chegou naquela cidade já trabalhou no caixa de um tabelionato no centro, lavando pratos num restaurante de comida chinesa em um bairro afastado, e numa loja de 1,99 perto do seu apartamento. Samanta se espreguiça e percebe o olhar de repressão de Pipo. Olha para o seu pulso esquerdo onde os ponteiros do relógio estão marcando uma hora razoável. Ela suspira e diz pra si mesma que está tudo bem, chegou na hora exata, nem antes nem depois, Pipo que é mesquinho. Sorri para Juliana, que devolve o cumprimento, e assim a libera para ir para casa. Samanta sabe que Juliana tem uma filha de dois anos, e que depois do expediente ainda tem de cuidar dos afazeres domésticos.

A noite está bem movimentada ali dentro; é sexta-feira e é verão. Muitos drinques com bastante gelo e muitas cervejas geladas vão sendo servidos atrás do balcão, com cuidado para não haver desperdício. O barulho do bar invade a sua mente e as horas se estendem naquele tédio conhecido. Em certa altura da noite, as vozes aumentam de volume, as risadas se tornam mais constantes e os pedidos por bebidas parecem mais urgentes. O tempo passa despercebido, envolto pelo serviço constante que se divide entre copos cheios ou vazios, e garrafas cheias ou vazias. Sorrisos esparsos, anotações

em comandas, e espiadas nos dois relógios: o seu e o da parede, e esse é bonito, imitando aqueles das estações antigas de trem. Os dois relógios requisitados pelo seu olhar são sempre compatíveis no tempo.

Seus minutos de redenção chegam. Em determinado momento ela tem permissão para um breve descanso. Uma folga de vinte minutos para tudo. Fazer xixi, beber água, retocar o batom, e respirar o ar da rua.

Acende o cigarro com o isqueiro. A chama ilumina aquele canto escuro. Os lixos se acumulam ali em grandes sacos pretos de plástico. Um contêiner pichado com o símbolo da anarquia sempre lhe remete a algo em movimento, mesmo que impossível. Talvez sejam as sombras noturnas das folhas das árvores que brincam com a luminosidade vaga da noite. Samanta traga profundamente a fumaça sem nenhuma culpa. Eleva o olhar para o céu, tentando ver a lua que ela sabe, está cheia. De repente acontece algo inesperado. Alguém que se aproxima, e vem chegando como se tivesse surgido do nada; uma silueta magra e alta. É um homem. Samanta dá um passo para trás.

“Calma lá. Sou da paz. Me chamo Jonas, como o Jonas da baleia, conhece?”

“Da Bíblia?”

“Sim, mas não sou cristão.”

Samanta solta uma risada. Nota que ele não representa nenhum perigo e, além disso, suas palavras são engraçadas. Ela relaxa e oferece um cigarro. Quando aproxima a chama do isqueiro perto do rosto dele, vê um semblante envelhecido, uma pele enrugada e suja e cabelos longos, também sujos, formando *dreads* irregulares. Suas roupas são gastas e furadas, e seus pés estão descalços. Os olhos, no entanto, são vivazes e brilham naquele breu.

“Jonas e a baleia. Conheço, vagamente...”

“Três dias e três noites no estômago de um grande peixe. Vomitado depois. Assim eu nasci. Três dias e três noites para compreender a minha existência. Sepultado antes de nascer.”

O que no início pareceu cômico à Samanta, torna-se qualquer coisa de grave. Jonas pega um galho e, com sua ponta, abre caminho na brita espalhada no chão, e começa a desenhar um pentagrama. Depois, faz um círculo em volta do símbolo. Ela permaneceu imóvel, atenta à lua.

“Dizem que a lua tem uma figura humana dentro dela... uma vez eu li que aquilo é uma cratera que surgiu depois de uma erupção vulcânica.”

“O oceano das tormentas”, ele diz.

Uma voz impaciente grita lá de dentro do bar, pela porta entreaberta. É a funcionária da cozinha que, com certeza, foi mandada a avisar que a hora de folga acabou. Samanta olha para Jonas, ela não quer se despedir. É como se ele tivesse sido amigo dela por toda a vida. Ele nota a oscilação dela e fala:

“O tempo é algo que a gente não domina, mas podemos fazer o que quisermos com ele. Esse sistema que o ser humano inventou aprisiona o tempo em relógios, datas e compromissos, só que a linguagem do universo é outra. O que você mais gosta de fazer?”

“Gosto de ler e escrever. Principalmente poesia. Mas isso não dá dinheiro, né? Ninguém paga o aluguel ou a conta de luz, de gás e água, sendo poeta.”

“Mas a gente se sente vivo fazendo o que gosta e o tempo adquire outro sentido.”

“Você está dizendo para eu largar o meu emprego?”

Ela decide olhar para o desenho feito à sua volta. Gira o corpo, mas Jonas faz um sinal para ela permanecer naquela posição. Avisa que somente ele pode ficar no sentido invertido do pentagrama. Samanta abraça Jonas, se despedindo. E apesar dele estar com um aspecto de sujo ela não sente nenhum cheiro ruim. É o perfume da flor de jasmim que chega até ela, vindo da árvore que fica na rua de trás.

Alguns dias depois dessa noite, Samanta continua no mesmo emprego e com aqueles pensamentos ainda nebulosos sobre o seu futuro, mas apesar disso, escreveu alguns poemas. É uma sexta-feira outra vez, e no intervalo do trabalho, vai para o lugar de costume. Olhou para o céu, como sempre fazia, e não encontrou nenhum traço da lua. Lembra que deve ser fim de lua minguante. Acende um cigarro. Gosta desse ritual

apesar do que falam sobre esse vício. A fumaça se perde no meio da noite e isso alivia sua tensão. Quando retorna para o bar, surpreende-se ao ver que Jonas está lá. Sentado numa mesa, sozinho, com o olhar absorto no relógio da parede. Samanta vai até ele.

“Quando um trem parte outro trem chega. Nunca paramos de nos mover. Mas essa noite eu tive um sonho...”

Samanta gostou de vê-lo, mas fica preocupada, pois podem mandá-lo embora do bar, porque Pipo não tolerava mendigos ali dentro.

“Posso lhe servir uma bebida?”, ela perguntou.

“Uísque puro, duas doses.”

Ela vai até o balcão rezando para que ninguém note que Jonas estava descalço e com uma aparência de indigente. Pega um copo e serve duas doses de uísque barato.

“E o sonho que você falou.... como era?”

Jonas bebeu um longo gole e sorriu agradecendo.

“Eu sonhei que tudo tinha parado. As pessoas nada faziam e seus empregos e rotinas foram esquecidos. Eu também não tinha nada pra fazer. Conseguia sentir as vibrações que vieram depois do big bang. Explosões cósmicas intensas, cores vibrantes invadiam minha mente. As civilizações se misturaram, e todos os tempos viraram um só. O tempo se tornou um deus livre. Nós estávamos livres.”

Pipo faz um sinal para Samanta voltar a preparar as bebidas. Depois de alguns minutos, Jonas vai atrás dela e lhe entrega um disco de vinil e sai do bar. Ela coloca o disco na mochila e volta a servir drinks e anotar pedidos.

Em casa Samanta examina o presente. Um homem emerge de um deserto e parece que a paisagem é um outro planeta, ou talvez a Terra vista de outra forma. Mas o rosto... algo naquela expressão lhe remete à Jonas. Abre o álbum e começa a ler os nomes das músicas. A terceira faixa do lado A tem o mesmo nome do álbum: o dia em que a terra parou. A agulha é direcionada para lá. O prato gira no sentido horário, mas as palavras parecem dizer o contrário.

O calor dominava os ânimos e os pedidos constantes se atropelavam na cabeça de Samanta. Talvez, ela pensa, porque agora estava mais aérea, e tinha voltado a sentir aquele estado de espírito típico dos seus primeiros anos de poesia, quando começou a mergulhar na literatura e escrever em diários. As poesias vinham como água, fluindo. Aí se deu conta que nunca mais encontrou Jonas. Resolve perguntar se alguém havia visto ele por lá. Quem sabe teria aparecido pedindo bebida ou assustando alguém nos fundos do bar. Ou mesmo perguntado por ela. Fala com todos os seus colegas de trabalho e ninguém lembra de ter visto aquele homem descrito por ela, nem nos últimos dias, nem nunca. Você não estava bêbada nessa noite que “conversou” com esse tal Jonas?, perguntam rindo. Por fim, resolveu falar com Pipo, porque ele sim, estava sempre alerta e observava cada cliente que entrava e saía do seu estabelecimento.

“Não apareceu nenhum homem descalço e sujo por aqui. Eu nem deixaria um sujeito assim entrar. Mas teve uma noite que você estava esquisita, pode ser isso. Você viu esse cara na rua e confundiu as coisas.”

“O disco de vinil que eu levei comigo é real...”

“A banda que tocou nesse dia esqueceu algumas coisas por aqui.”

Samanta fecha os olhos e respira o ar noturno. Acende um cigarro e lança a fumaça no ar. Observa os postes de luz distantes e os galhos e folhas que formam figuras fantasmagóricas. Presta atenção nos ruídos que vêm do bar e da rua ao lado, onde passam automóveis. Vê um gato, todo preto, com uns olhos verdes que brilhavam como faíscas na escuridão. Ali, no beco, tudo sempre lhe parece mais estático do que nos outros lugares. Junta um pedaço de madeira e desenha um pentagrama no chão. Entra nele, e a Terra para.

## **Gisela Rodriguez**

Escritora e poeta, diretora e atriz de teatro. Mestre em Letras - Escrita Criativa PUCRS. Possui Bacharelado em Teatro na Faculdade CAL de Artes Cênicas - RJ. Dirige e atua no Grupo Nômade de teatro de Porto Alegre. Doutoranda em Escrita Criativa na PUCRS. Escreveu o romance *Entre a Neve e o Deserto* e o livro de poemas *Desordem*.

### **Por que *O Dia em que a Terra Parou*?**

Escolhi *O Dia em que a Terra Parou* porque vejo nessa música um questionamento sobre a nossa visão do tempo. Tenho certa obsessão com a passagem do tempo e em como lidamos com isso, e achei que meu conto poderia trazer esse dilema para o leitor. Para mim, o Raul estava fazendo uma crítica bem humorada (como sempre) ao aprisionamento social que nos atrela aos relógios e aos compromissos. Se imaginássemos que a Terra pudesse parar por alguns instantes, deixaríamos nosso lado mais poético e lúdico livre. A Terra parar tem esse sentido, de nos libertar das horas.

**1978**

**Mata Virgem**

## *Judas*

### **Malhação de Judas**

**Taiane Maria Bonita**

Eu não sei de quem foi a infeliz ideia de fazer uma santa ceia naquele dia. Deve ter sido do Flavinho que só falava em parábolas depois que começou a fazer catequese. Não que o Flavinho fosse lá muito chegado nas coisas da igreja, aliás, naquela idade nenhum de nós éramos, mas ele andava enrabichado pela Clara, uma das noviças da paróquia. Aí já viu, é versículo para cá, versículo para lá e creio em Deus Pai cada vez que via a menina passar na rua. Até aí tudo bem, porque as noviças eram mesmo de fazer a gente querer ler a Bíblia e tudo. Agora como foi que os outros toparam a ideia é que eu ainda fico me perguntando, mas o caso é que teve uma santa ceia. E teve pão, suco de uva e doze piazotes se fazendo de apóstolos, mais o Flavinho, que era óbvio que queria ser Jesus. Não lembro direito quem era quem, só lembro que o Pedro ficou sendo o Pedro mesmo porque aí não precisava mudar de nome e eu era o Judas. Fui eu que escolhi, achava o apóstolo mais interessante e, também, era um dos únicos que eu sabia o nome.

A função começou cedo com o Andrézinho indo buscar o pão na padaria. Nós tínhamos duas grandes preocupações. Uma era que faltasse pão, porque o Flavinho tinha colocado na cabeça que queria ser o mais fidedigno possível e proibiu o Andrézinho de comprar mais do que um só pão, ia ter que render. A outra é que ninguém queria comer pão puro, até fizemos uma vaquinha por fora para comprar um pote de manteiga que ficaria escondido embaixo da mesa para o Flavinho não notar.

A mãe do Mateus deixou que fizéssemos a ceia na garagem da casa deles, onde tinha uma mesa grande o suficiente para os doze apóstolos mais Jesus, e depois ainda poderíamos dormir todos lá e jogar bola no dia seguinte. O Filipe conseguiu o suco de uva na mercearia do tio e o restante de nós só chegou no horário combinado. Cada um trazendo um saquinho da padaria embaixo do braço que o Mateus dava um jeito de esconder o mais rápido possível. O pão oficial já estava num cesto em cima da mesa, junto com os pratos e uns copos de plástico azul escuro que não deixavam ver o que a pessoa estava bebendo. A mãe do Mateus ia fazer chocolate quente mais tarde porque o Tomé não gostava de suco de uva, aí os copos não podiam ser transparentes. Também não ia ter pratos porque a ideia era uma ceia meio rústica, mas a mãe do Mateus ficou braba porque ia fazer muita sujeira. Quando o Flavinho chegou, a cozinha já estava cheia de pães, brioche, croissants e amanteigados, fora as geleias, o queijo e o presunto.

No início o Flavinho fez toda aquela cena partindo o pão oficial em pedaços e entregando a cada um de nós. Fazia um discurso para cada um dos pedaços que iam ficando cada vez menores que nem valia a pena passar manteiga. Faltava ainda eu, o Tiago, o Filipe, e o Flavinho para comer o pão sagrado e já quase não tinha mais pão oficial. Foi quando o Flavinho perguntou para o Mateus se, por acaso, a mãe dele não teria um pão para nos emprestar. O Pedro, que já tinha comido o pedaço dele e continuava varado de fome, disse que resolvia a situação e começou a trazer todo o estoque que tínhamos feito na cozinha. O Flavinho até quis ficar brabo, mas também estava com fome e as reclamações não duraram o tempo de fazer o sinal da cruz.

Depois de todo mundo já ter enchido a barriga e até o Flavinho já ter repetido, pela segunda vez, o chocolate quente da mãe do Mateus é que começou a confusão. O Tiago contou que tinha visto a Clara mais cedo e o Flavinho se perdeu todo. A Clara era uma espécie de santa do nosso bairro, tinha gente que dizia que ela tinha até uma auréola no topo da cabeça e que dava para ver toda vez que ela rezava a Ave Maria. Eu nunca vi, mas na época também não duvidei, até porque tem coisa que é melhor não duvidar mesmo. Mas para o Flavinho era diferente e a gente sabia por causa do jeito que a sua voz ficava quando ele rezava. A entonação o *Pai nosso que estádís no céu* saía meio esquisita e só acontecia quando a Clara estava por perto. Acho que a Clara já sabia também por que se ela era mesmo da santidade devia entender dessas coisas, mas naquela época eu não era tão esperto e não tinha certeza se ela sabia. Para ajudar meu

amigo resolvi contar para Clara dos sentimentos do Flavinho. Foi no dia antes da dita ceia. E quando o Tiago falou que tinha visto a Clara achei que era um bom momento para contar o favor que tinha feito.

O Flavinho foi ficando vermelho e vermelho e as bochechas parecendo que iam explodir e eu sem entender nada. *Mas é um Judas mesmo*, me disse já todo fúria e os outros rindo e depois me encheu de desaforos que prefiro nem contar. O Pedro tentando acalmar o Flavinho, o Andrézinho rindo que nem uma hiena, o Filipe dizendo *mas é tua chance, cara* e eu concordando porque era mesmo. Mas o Flavinho só sabia me chamar de traidor e me acusar de coisas que eu nem tinha feito. Depois começou a falar sobre moedas de prata e sobre como eu que gostava da Clara e que tinha feito aquilo só para tirar algum proveito da situação.

Resolvi partir para os termos bíblicos para ver se ele me entendia e disse que se Judas não tivesse entregado Jesus o mundo nunca teria conhecido a marca sagrada da cruz. *Judas faz parte cara, ele também queria o bem de Jesus*. Foi eu dizer aquilo que todo mundo viu o Flavinho passar montado em um porco, agarrado nos próprios cabelos. *A gente tem é que malhar o Judas e você que é traíra que nem ele*, disse lá pelas tantas com o mesmo engasgo do Pai Nosso. *Mas, Flavinho como você diz uma coisa dessas? Jesus é amor e perdão e todas aquelas coisas bonitas que a Clara fala*, eu disse, mas não adiantou.

Até a mãe do Mateus ficou assustada e foi ver o que era aquela gritaria toda. *Tia Michele, liga para meu pai que esse Judas vai ter o que merece*. Foi o que todos nós ouvimos o Flavinho falar correndo para o lado da mãe do Mateus.

## **Taiane Maria Bonita**

Escritora, historiadora e bioconstrutora. Acredita que merecem o mesmo cuidado a História, a massa do barro da qual é feita uma parede e o trato com as palavras. Tem contos publicados nas antologias *Onisciente Contemporâneo*, *Translações Singulares*, *Não culpe o narrador* (Bestiário) e em revistas brasileiras. É editora da revista Travessa em Três Tempos.

## **Por que *Judas*?**

Aprendo a gostar de Raul com a irmã mais velha e *Judas* foi a música que marcou minha infância.

**1979**

**Por Quem os Sinos Dobram**

## *Na Rodoviária*

**Na Rodoviária**

**Cristiano Rato**

Acordou às cinco da manhã durante um mês. O sol não nascia e a escuridão fez parecer que este tempo fosse um único dia, olhava a sua volta e a cama continuava vazia. Olhava para a cozinha, e tudo estava vazio. Nem as baratas estavam mais na casa, não aguentaram aquela solidão, aquela falta que cheirava no ar e expulsou, uma por uma, todas as vidas daquela casa. A sala estava vazia, não tinha mais o incenso queimando, a garrafa esquecida na estante, a TV ligada sem ninguém para assistir, largada aos calangos que corriam no teto e as cachorras que viviam à espera de alguém que batesse no portão ou raspasse a escada mal construída e sem acabamento que dava acesso a casa. Nada estava mais lá.

Levantou os olhos para o céu, barrado pelo teto, virou, inclinou alguns graus para baixo, encontrou o corredor do segundo andar, e viu que o Banco do Brasil havia sido fechado, ali também. Ficou sentado e olhou novamente para o celular a procura das horas, mas logo se distraiu com o Facebook aberto e uma música que vinha de uma caixa de som ligada no colo de um adolescente a três fileiras de distância. Nada mais fazia sentido. Foram muitos anos de dedicação e agora o sono o acerta como um algoritmo mal interpretado na época onde não se tinha faculdade para estudar, nem comida, e somente pingas baratas, que eram misturadas no refrigerante Picolino, não antes de jogar metade fora.

*Tocava um. Abaixa e quica. Abaixa e quica. Mexe a raba na minha cara. Abaixa e quica. Abaixa e quica. Mexe no meu pau.*

E sem muitas forças para dizer algo, levantou o último copo daquela bebida que queimava tudo, não era vodka, e não era amargo como aquela bebida verde esquecida em cima da geladeira. Desconcertado acertou a parede da sala e olhou para os poucos móveis que tinham, quase tudo estava pregado na parede, assim como sonhos e palavras de amor que morreram meses antes de preparar a mala.

Separou a mala com roupas de cores diferentes. Blusa. Camisas. Bermudas. Novas. Velhas. Limpas. Sujas. A vista começava a embaralhar, não sabia mais onde estava. Por um minuto soltou a mala da mão esquerda e sentiu que não tinha mais mão.

Levantou da cama e foi para o corredor, os quadros ainda estavam lá, com traços modernos, lembrando esboços, na modernidade não é preciso mais terminar nada, tudo, as relações, os objetivos, as pessoas estão no seu máximo no meio, exatamente no momento que é preciso fazer os detalhes, dar cor, dar vida. Um quadro, não uma capa de CD, lhe chamou a atenção, um oboé, velho desgastado, largado no chão da sala, aproximou-se.

Uma senhora levantou da cadeira ao lado e lhe encarou, como um olhar de dó. Fizera a barba, seu rosto estava todo cortado. Uma cara de abandono, como os protagonistas das músicas dos anos oitenta, relutou em olhar para seu braço, relutou em olhar para si, para um espelho. Decidiu levantar da cadeira, mas como um leproso em estado avançado todos os seus membros começaram a se soltar, como se tivesse sido cortado por um açougueiro.

## **Cristiano Rato**

Autor de *Sentido Suspenso!* (2012, Multifoco) e tem diversos textos espalhados pela internet, além de editor na editora Caos & Letras, documentarista, e também um dos idealizadores do programa de websérie documental Literatura no Boteco.

### **Por que *Na Rodoviária*?**

Durante um bom tempo trabalhei com pesquisas e tive uma em especial que fez viajar para diversas cidades do Estado de Minas Gerais, por isso, ficava muito tempo em rodoviárias, para ser preciso, de três em três dias; tinha vezes que fica mais de um mês fora. *Na Rodoviária* me faz lembrar esta época e as vezes em que fiquei perdido por esse mundão chamado Minas Gerais.

**1980**

**Abre-te Sésamo**

# *Aluga-se*

**Versão brasileira**

**Nathalie Lourenço**

*Os estrangeiros eu sei que eles vão gostar*

*Tem o Atlântico, tem vista pro mar*

(Raul Seixas)

One-caipirinya-sir?, me perguntou a garçonete, uma garota tão redonda que parecia ter sido desenhada com nada além de um compasso, assim que eu e Erika nos sentamos. Era tudo um mal entendido: primeiro por que eu falo português, segundo porque eu logo descobriria que aquilo mal poderia ser qualificado como caipirinha. Eram sucos de frutas com vodka, sakê, rum, qualquer líquido menos cachaça e qualquer fruta menos limão. Eu respondi a ela yes-please, sem contradizer o que minha própria cara vermelha sugeria. Acharem que sou gringo sempre me acontece em lugares turísticos. É o preço que pago por ter olhos azuis e veias da mesma cor. Erika deixa escapar uma risada assim que a mulher sai, levando a mistura de gelo derretido e guardanapos deixada pelos ocupantes anteriores da mesa. Reconheço a expressão marota em seu rosto. Era algo que a gente fazia no início de namoro, desde que voltamos do Intercâmbio na Austrália onde nos conhecemos, mal saídos da adolescência. Isso de nos passar por gringos enquanto fazíamos as coisas mais corriqueiras, na pizzeria ou no mercado, pedindo ajuda no metrô, comparando no bar as cervejas locais com as da nossa fictícia cidade natal no interior do Canadá, disfarce perfeito para o sotaque apenas passável do nosso inglês. Começava assim, com esse olhar que ela estava fazendo, que incluía um levantar de uma sobrancelha quase invisível de tão loira, e a partir dali só falávamos em

inglês entre nós e com os outros. Olhando para o céu, aceitei o papel com um simples *Isn't-this-lovely-my-dear* que ela respondeu com um elegante *yes-indeed*, e uma alegria que só poderia ser sentida por quem há muito não via o mar, enfiada em sua gelada vila canadense. Era bom ver Erika sorrir.

O gosto de vodka barata se sobreponha ao morango da so-called-caipirinya, fazendo meu rosto queimar ainda mais. A língua já enrolava, mas nós mantínhamos a conversa em inglês, comentávamos os pedidos das mesas ao lado, nos perguntávamos o que haveria nas pequenas ilhas ao redor da praia, observávamos o barco de pesca ao longe, nos perguntando quais seriam os peixes típicos deste litoral, tomando sempre o cuidado de não notar a mulher grávida que se bronzeava na areia. Depois de meses horríveis, experimentávamos a felicidade exótica de sermos dois gringos pagando caro demais por um drinque ruim em um dia de sol. Comendo e bebendo sem pensar nas contas bancárias minguando, sabendo que imaginários dólares canadenses não demorariam a cair. Nadamos no mar de águas escuras, eu com calção colorido e Erika com o maiô de corpo todo, escolhido para esconder as listras vermelhas que ilustravam sua barriga. A versão canadense de nós dois mergulhava e jogava a água pra cima, e se esquecia de renovar o protetor solar como crianças, e gritava em inglês *oh-no-don't-you-dare* antes de ter a cabeça afundada pelo outro entre as ondas e emergir com as mãos no ar, prontas para a efusiva vingança. A versão canadense de nós dois poderia, ao fim de duas semanas, pegar o avião de volta para o Canadá, com nossos bronzeados que descascariam quase imediatamente, como se fosse efeito do choque térmico, onde contaríamos para colegas chamados Frances e Colin sobre nossas aventuras brasileiras e então voltaríamos para aquela vida imaginada, onde havia noites de jogos e limpadores de gelo e onde os bebês tão esperados não morriam durante o parto.

O sol se pôs e tentamos puxar os aplausos, mas não era aquele tipo de praia. Pedimos *the-check-please* e entramos no carro, para procurar a pousada que meu cunhado tinha reservado, cuidando do check-in e toda a papelada. Vantagens de ter um agente de turismo na família. Dez anos atrás, essa brincadeira acabava logo, depois de uma ou duas horas, assim que o primeiro de nós deixasse escapar uma palavra em português. Desta vez era como uma partida de tênis perfeita, os dois jogadores lançando a bola para outro sem que nenhum errasse ou tropeçasse. A cada movimento, tudo ficava mais empolgante, uma sílaba errada, um tropeço, um uau em vez de wow estilhariam a vida boa e leve que conseguimos manter durante toda a tarde. E assim nossa pousada virou

our-inn, e como chegamos lá virou how-do-we-get-there. Quando nos apresentamos na recepção da pousada, Erika e Benjamin foram pronunciados como Ehricá e Béndjamin, com a conivência do meu sobrenome ambíguo. Não era tarde. O sono pesava nossos corpos pouco habituados a sun-and-salt, amolecidos pela vodka e uma leve desidratação. Dormimos sem desfazer as malas e posso jurar que sonhei em inglês.

Acordei com a pele ardendo e Erika me desejou good-morning, enquanto eu me besuntava de loção. It-was-obvious que o jogo ainda estava acontecendo. Ela tinha separado uma camiseta de turista que tínhamos comprado em Paraty uns dois anos atrás, e um chapéu de praia que me fez parecer o mais gringo entre todos os casais de gringos no breakfast, onde uma garota enorme de grávida servia o café. Pelo som ao redor, éramos os únicos brasileiros hospedados. Só meu cunhado mesmo conheceria esse segredo bem guardado, essa praia do tipo exportação. Era agradável ouvir diferentes línguas, os ritmos e tons misturados, instrumentos em uma mesma música. Propus que a gente skip-the-beach, pra dar um descanso aos meus ombros, que emanavam uma aura de calor. Teríamos ainda duas semanas de vacation pela frente. Praia do Alemão era o nome daquela vila pequena, pouco acima de Ubatuba. Nunca tínhamos heard-about-it até a indicação do nosso cunhado. Minhas férias já estavam marcadas para aquela época, quando a Erika voltaria da licença maternidade. Nós dois precisávamos sair de casa. Sair de perto daquele quatinho pintado de amarelo. Talvez achar um lugar bonito para espalhar o montinho de cinzas que tínhamos pensado em chamar de Talita. Mas a nossa versão Canadense não estava em busca de um penhasco de onde jogar a tristeza. Nossa versão canadense queria apenas caminhar, tirar fotos, comprar quinquilharias. Observar the-locals e tomar açai como se nunca tivéssemos visto aquela pasta roxa antes.

Mesmo com a gente protestando que just-bananas-please, a atendente colocou de tudo no açai. M&Ms, leite condensado, leite ninho, frutas cristalizadas. Brazilian-Way, ela sorriu, entregando os dois potes, depois enxugando a mão no avental que cobria sua barriga. Os nossos dedos gelavam enquanto caminhávamos pela vila, que era muitas vezes bigger-cleaner-and-more-organized do que imaginávamos. Havia um hospital recém-construído, ainda cheirando a tinta, com pirâmides de cascalho e pedrisco ao redor. Todas as ruas eram asfaltadas, contrastando com os trechos de terra e vias esburacadas que havíamos tomado pra chegar ali. Canteiros cheios de flores dividiam a rua principal que beirava a praia. Havia uma estátua de Iemanjá pintada de branco e

azul. Os barcos dos pescadores pareciam novos na ponta da praia. Um parquinho com os balanços rangendo ao vento. Tudo parecia brand-new. Era como se tudo ali tivesse acabado de se materializar. Caminhamos ao longo da praia de volta para a pousada. Erika parava de quando em quando para catar uma conchinha: look-how-pink-it-is. Não era temporada, havia uns poucos guarda-sóis espalhados aqui e ali, casais se bronzeando, e mulheres com grandes barrigas aproveitando as sombras naturais das árvores que cresciam ao longo da orla. Por que tinha que ter tantas grávidas ali? Ou era eu quem não conseguia deixar de notá-las? Felizmente, Erika estava compenetrada no chão de areia, a palma cheia de conchas miúdas, algumas lascadas, outras ainda presas aos seus pares, asas endurecidas de borboleta. Passamos o resto do dia dormitando e lendo sob a varanda da pousada e subimos para tomar um banho no chuveiro, que era excelente, melhor que o de casa.

No saguão, dois outros casais esperavam o horário do jantar. Um homem alto e ruivo, de bigode, brincava com os dedos da esposa, uma loira gordinha de pele fina. O outro casal era pequeno e mais velho e ainda vestia as roupas de praia. Os dois baixinhos abriram sorrisos quase simultâneos ao nos ver, enquanto os outros dois apenas acenaram. Anxious? Perguntou a baixinha, e como não tínhamos almoçado por causa do açaí, respondi que yes, estávamos com muita fome. Eles deram risada e logo começamos a conversar. Um dos casais era sueco, o outro, holandês. Ninguém pareceu duvidar da nossa Canadensidade. Erika de repente ficou mais falante e animada. Fazer meia dúzia de brasileiros acreditarem que éramos de fora era uma coisa. Fazer o mesmo com gente que deveria ser muito viajada era harder-and-dangerous. Naquela meia hora ela falou de tudo: que eu era tradutor e ela era contadora, que não tínhamos filhos, que gostava da praia mas odiava acampar e que sua mãe tinha tido câncer de útero, assim como a Holandesa que gostava de dar detalhes demais. Era tudo verdade, tirando o Canadá. Meu orgulho pela performance de Erika só era atrapalhado pela impaciência dos suecos, que no momento interpretei como muita fome e alguma falta de educação. Enfim a dona da pousada apareceu dizendo que the-dinner-is-ready.

O salão estava organizado em 3 mesas pequenas, e cada casal seguiu para uma. Quem servia a comida era uma jovem de tranças pretas, com uma barriga tão avantajada que Erika, que se lembrava bem de como era tentar se mover com outro ser humano dentro de si, se levantou para ajudar, e pediu para que ela sit-down-a-little-bit. A moça parecia não entender muito bem, e Erika teve que gesticular até que ela se acomodasse.

Que raiva da dona daquele lugar. Perguntamos, numa língua que misturava inglês e mímica, se ela deveria estar trabalhando, de quanto meses ela estava? Ela levantou as duas mãos, uma com todos os dedos à mostra, outra com apenas um escondido. Ela olhava para baixo o tempo todo. Pensei que estivesse com vergonha de estar sentada em vez de trabalhando. Ela nos perguntou where-you-from, num inglês decorado e precário. Tentamos contar sobre nossa cidadezinha fictícia onde havia um lago onde as crianças patinavam no inverno. Mas ela não parecia compreender e falar disso já não fazia Erika sorrir. Os outros dois casais viravam para olhar nossa mesa não uma vez, nem duas, all-the-time. Perguntei whats-your-name e ela disse Miranda, levantando com dificuldade e indo servir as outras duas mesas. Levamos nossos próprios pratos para a cozinha, incomodados com a perspectiva de Miranda ter que carregar tudo aquilo naquele estado. A barriga da moça parecia um mundo e sua gravidade atraía os olhos de Erika. A outra vida começava a falhar. Perdia altura, voltava ao chão. Éramos só um casal de brasileiros com uma caixinha cheia de cinzas no fundo da mala.

Que merda. Foram minhas primeiras palavras em português em quase dois dias. Foi assim que eu encerrei o jogo, entreguei os pontos. Que merda. Nossa versão brasileira precisava de uma bebida forte. Pegamos o que havia no frigobar, umas latas de Coca-Cola e minigarrafinhas e passamos metade da noite cantando canções de ninar para Talita.

Decidimos espalhar suas cinzas na praia ao amanhecer. Nossa versão brasileira caminhou até a ponta da praia com o mar batendo nas canelas, e tirou a tampa da caixa, não virou, não sacudiu, deixou o vento soprar e soprar até levar tudo. Ficamos um tempo segurando uma caixa vazia e olhando para o céu nublado e as árvores de troncos finos, inclinadas pelo vento como se tentassem fugir. Ainda estava frio e preferimos calçar os sapatos e caminhar de volta pela cidade. As lojas não estavam abertas, a padaria estava fechada, a banca de revistas também. Tudo estava quieto, tirando o hospital branquíssimo, na frente dele um carro com as portas da frente abertas. O casal de suecos conversava com a dona da pousada, a mulher tinha nos braços o que me pareceu ser um cobertor enrolado, mas que se mexia e chorava. A sueca estendeu os braços e segurou a criança longe do corpo por um segundo como se a inspecionasse. Então a abraçou e entrou no carro enquanto o marido trocava gentilezas com a dona da pousada.

Na manhã seguinte, quem serviu o café da manhã não foi Miranda, mas outra mulher, esta também extremamente grávida. Perto da mesa que oferecia sucos e frutas cortadas, o casal de holandeses conversava com ela.

## **Nathalie Lourenço**

Redatora publicitária e autora do livro *Morri por Educação* (Editora Oito e Meio). Participou de coletâneas como *Eros Ex-Machina* (Editora @Link), *Era de Aquária* (Editora Oito e Meio) e revistas literárias como Vacatussa, Flaubert, Blecaute, Vício Velho, Gueto e outras.

## **Por que *Aluga-se*?**

*Aluga-se* é uma daquelas músicas onipresentes na minha adolescência. Na época, ela estava em todas as rádios, no cover feito pelos Titãs e somente anos depois fui descobrir a versão original. Quase 40 anos depois, a música segue extremamente atual. Apesar disso, seguimos tendo que bancar nosso próprio mingau.

## ***Rock das ‘Aranha’***

**Uma cobra, duas aranhas**

**Wander Shirukaya**

Um absurdo. Não sei como pode existir esse tipo de coisa. Tudo bem, é bonitinho, mas cá entre nós, é um desperdício! E é certo que esse *desperdício* aturdiu nosso pobre protagonista, que atende pelo pomposo nome de Raul. Todo fim de festa com a turma era a mesma coisa. Toca Raul! Ele incorporava o próprio, plugava a *Gretsch vintage* que descansava carente, fedendo a suor e outras coisas que minha retórica pudica tem vergonha de mencionar. Eu tô meio bêbado, mas vai rolar um rock da porra agora! E o barulho ensurdecedor enchia a república; Raul logo no primeiro período ficou famoso. Tocava muito bem e, ainda por cima, era um pedaço de mau caminho. Se eu deixasse minhas palavras recatadas atirarem lingerie afora, ganharia o mundo escrevendo uma odisséia-descrição do peitoral daquele homem. Mas, como disse, foi só uma suposição.

Um absurdo. Raul está muito revoltado esta noite. Zeppelin, Zappa, ZZ Top; tanto hino rolando no apartamento... E ele lá, citando Nietzsche ou alguma coisa da *Metafísica do Belo* para pegar as meninas mais bobinhas da festa. E ele conseguia. Vem cá, moça, vou fazer você esquecer o André. Quem? Não disse? Já esqueceu! E a loura caía na graça da cantada sem graça do guitarrista, como mandava o figurino. Mas ele tá muito irritado hoje. O legal é que eu presumo o porquê dessa pose de pavão. Toca Raul! Com o pedido da galera ele acaba subindo no sofá, pega a guitarra e passa alguns acordes. Tira esse disco que é hora do Marshall explodir! A ridícula abertura que fazia antes de tocar era um porre! A Silvinha, minha amiga aqui do lado, ria. É muito escroto esse cara!

Calma que ainda chegaremos no *absurdo*! Não é muito prudente da plateia perturbar um rockstar da república, ele pode rodar a baiana e vir querer enfiar seu instrumento goela abaixo de quem reclamar. Pô, Raul, deixa rolar outro som! Silvinha ingênua vai lá do outro lado emprestar o pen drive. Tem de tudo aí, de Queen a Queens! Mas aí o pessoal prefere *Castles made of sand*. Hendrix, nisso concordo, é afrodisíaco. Não demorou muito os ânimos se exaltarem e começar a acontecer coisas que minha timidez insiste em revelar aos pouquinhos.

E começa o sarau encantado dos estudantes de Letras! Eu e a Silvinha encostadas no sofá, um outro louco se aproxima e diz algumas coisas no ouvido dela. Silvinha, que mais parece uma Sylvia Saint de tão bela, atrai muitos olhares. Mas, como ela costuma dizer, tô de boa, sai pra lá. Desce um gole do Domecq em sua garganta, percebo a cara feia, deve estar quente. Um absurdo! Como é que pode! Ouço esse resmungar por parte do Raul mais uma vez. O sarau pega fogo, cada um com seu livrinho na mão, Drummond, Plath, Bandeira, Neruda, Lia Fook, Leminski. Raul, original como sempre, recita a plenos pulmões. *Pau que nasce torto nunca se endireita/ menina que requebra, mas não pega na cabeça* - Clarice Lispector. Todos riem, eu não. Prefiro deixá-lo a sós com o absurdo de que ele tanto se queixa, isso tudo por ver algo tão corriqueiro. Meu Deus do céu, dai-me paciência!

Tem hora que não entendo Deus mesmo. Bastou que eu exclamasse e lá me vem problema. Tínhamos saído da sala, agora no banheiro. A porta não fechou direito, acho. Resultado? Não sei bem em que beijo íamos eu e Silvinha, mas percebi, entre um abrir de olhos e outro, que nos espiava. Voyeur filha da... Eu ia xingar muito o infeliz, mas Silvinha é lépida e sábia e me prendeu novamente, parecia em transe. E em transe me tirou a blusa e me agarrou e me soltou o sutiã longe. E o Raul? Não, não era hora de pensar naquele traste, estragaria nossa noite. Preocupada com que, meu amor? Vem cá. Silvinha diz coisas doces mescladas a safadezas que você sabe que não ousa relatar, meu ouvido se ergue tal como o de uma cachorrinha. Será que ele ainda está espiando? A mão percorrendo minha barriga, botão da calça, zíper, as rendas da calcinha se abrem obedientes para a passagem. Por que não gritam *toca Raul* agora? Abro o olho, ele ainda está lá, a mão de Silvinha já em frenesi, ele não vai sair, não, não vai. Mas por que aquela cara de desgosto? Nessa hora é que ele solta a pérola:

— Que absurdo!

Pela cara dele, acho que queria um close na testa indignada ou uma frase destacada em travessão num conto de um autor contemporâneo. Mas, graças mais à Silvinha do que a mim, isso não aconteceu. A mão dela puxa a minha para o fundo da calça, apertado forte, não dá para entrar no clima desse jeito, ele ainda lá. É um absurdo, um desperdício, como pode, duas moças tão lindas! Quero mandá-lo às favas, mas ainda estou tensa, Silvinha lambendo cada dobra do pescoço, orelha. A música rolando alto lá da sala, ao menos ele não chamou a galera para cá, iam caçar, talvez até nos pusessem na internet no dia seguinte. De soslaio vejo a mão do Raul ir à calça, que ridículo! Deixa o cara se divertir, a moderninha da Silvinha sussurra no meu ouvido que chega arrepiada.

Se eu entro aí no meio ensino pra essas duas como é que se faz, qual é a coisa certa, acabo com esse desperdício rapidinho. Ouvei aquelas palavras e meu sangue então ferveu. Tudo bem que Silvinha por trás me agarrando ajudou nessa fervura. Entretanto, logo esse calor virou balde de água fria e travei; ambas recostadas no box, Raul cínico e pavônico. Penso em esbravejar contra o rockstar chinfrim, mas o grito fica na garganta.

— Espera.

E se fosse filme fechariam a câmera em meu ouvido junto à boca de Silvinha, que me dizia impropérios que a pudicícia me impede de reproduzir, como sempre, enquanto seu indicador aponta para Raul como quem fala para cachorro, senta e aprecia, gente como você só merece ficar de fora olhando. Daqui há uns anos nem isso. Tá louca? E continua cochichando aqui, pensa bem, amor, faz essa caridade pra ele, sorrimos, Raul lá como todo bom idiota criança, Silvinha me beijando enquanto o observo dos pés às cabeças, ai, calor, ai, ai, um, dois, três, beijos. Silvinha sorri, Raul sorri. Silvinha sempre falava que riso bom é riso de vivência, idiota se contenta em achar graça onde não pode ir, mas não é hora de pensar nisso. Por sinal, você que me lê se importa de eu parar de pensar e sorrir-agir? Sabe, não quero detalhar o final; é que sou tímida.

## **Wander Shirukaya**

Pernambucano nascido em São Paulo, é autor de *Balelas* (Mutuus, 2011) e *Ascensão e queda* (Cepe, 2015); um dos organizadores da antologia *Cem anos de amor, loucura e morte* (Moinhos, 2017) junto ao escritor Bruno Ribeiro.

### **Por que *Rock das 'Aranha'*?**

A literatura é sempre um bom caminho para refletir sobre nosso tempo; revisitar *Rock das 'Aranha'* nos dá oportunidade de refletir sobre nossa cultura machista e homofóbica explícita na letra da canção de Raul Seixas. O desafio foi propor uma versão diferente, criando uma situação sensual que seja apazível mais às protagonistas do que ao rapaz preconceituoso, promovendo novas leituras sem perder o bom humor - diferindo-se então da música, em que o eu-lírico escroto é quem tem voz.

**1984**

**Metrô Linha 743**

## ***Metrô Linha 743***

### **Homens sem princípios**

**Sérgio Tavares**

Foi quando eu estava assistindo os desenhos, agasalhado no sofá, que meu pai cruzou a sala e, abrindo a porta da cozinha, disse para minha mãe que o homem é definido por seus princípios. Passava aquele episódio em que o Pernalonga é capturado por pigmeus canibais e, depois de jogado dentro de um caldeirão com água quente e legumes, ele pega uma cenoura e começa a comer. Eu fui rir e saiu uma tosse alta, feito um grito. Fazia uma semana que me abatia a coqueluche. Por esse motivo, meu pai foi assistir sozinho o espetáculo do Gran Circo Norte-Americano, para o qual havia comprado, antecipado, três ingressos. Morreu queimado no incêndio.

Isso foi há 11 anos. Mas me lembro bem daquela frase, pois foi a maior bobagem que ouvi na minha vida. Meu pai era um idealista. Se estivesse vivo, não duvido que estaria hoje envolvido em passeatas, abanando bandeira e repetindo gritos de protesto. O homem não é definido por seus princípios, mas por seus vícios. Eu, por exemplo, me alimento de três maços de cigarro por dia. Continental, claro. Preferência Nacional.

O problema é a grana curta. Com a pensão rala deixada pelo meu pai, minha mãe teve que passar roupa pra fora. Eu faço as entregas, recolho o pagamento e fico com 10 cruzeiros. Mas fome de cigarro é pior que fome de comida. Se a fome na Etiópia fosse de cigarro, todos estariam mortos em dois dias. Você fica agitado, dá uma tremedeira, a boca seca. E eu ainda estava na metade do caminho, atravessando a Frei Caneca, com o volume de roupas embrulhado em papel e barbante na altura dos olhos.

Foi quando quase trombei num cara também agitado e, na hora, saquei que era fumante. Ele pescou um maço do bolso da camisa e espetou o filtro na boca. Apesar de ser Minister, eu não me segurei. Sou um homem sem princípios. Ei, amigo, você pode me ceder um cigarro?, pedi. Eu dou, mas vá fumar lá do outro lado. Dois homens fumando juntos pode ser muito arriscado, acrescentou, com uma voz baixa, embora firme.

Atrás dos óculos, seus olhos se mexiam sem parar, espremidos, como se procurassem alguém. Não era segura de vício, percebi. Ele então riscou um isqueiro e acendeu meu cigarro, depois o dele. Tá tudo bem?, perguntei. Estamos sendo vigiados. Vigiados, por quem? Ele se inclinou na minha direção. Os canibais de cabeça. Tentei falar, mas ele me cortou. O prato mais caro do melhor banquete é o que se come cabeça de gente que pensa. E os canibais de cabeça sempre descobrem aqueles que pensam, porque quem pensa, pensa melhor parado. Chegou mais perto e apertou a voz. Por isso, finjo que estou sempre atrasado. Não posso dar bandeira, de papo na rua. Trabalho em cartório, mas sou, na verdade, escritor. Eu só fumo e faço entregas de roupas pra minha mãe, disse, não sei por quê. Mas ele saiu voando, e nem me ouviu.

Cara biruta. Descansei o embrulho no chão, e encostei no poste, para saborear o resto do cigarro. Duas tragadas depois, um Chevrolet preto cantou pneu rente ao meio-fio, destampando as portas de trás num tranco. Saíram um mulato forte e um russo alto, com pistolas na mão. Mão na cabeça, malandro, se não quiser levar chumbo quente nos cornos, um deles gritou. Tomei um susto, que deixei o cigarro cair no chão. Mão na cabeça, tá surdo?, repetiu o mulato, me pegando pelo ombro e me pondo de costas. Claro, pois não, mas o que é que eu fiz? Se é documento, eu tenho aqui. Pouco importa, falou o russo, me revistando. Entra no carro!

Me jogaram no banco traseiro, e cada um se sentou ao meu lado. Na direção, estava um baixinho calvo, de bigode cerrado e Ray-Ban. Caiu o aparelho, ele disse. Dá o endereço. Eu não conseguia entender o que estava acontecendo. Quem eram aqueles caras armados, o que eu tinha feito? Anda, porra, dá o aparelho! Que aparelho? E me acertaram um soco na barriga, cobrindo minha cabeça com um capuz e me deitando no chão do carro. Rodaram, em alta velocidade, por um tempo, com os sapatos contra as minhas costas. Quando o carro finalmente parou, me puxaram para fora e mandaram que eu andasse em silêncio ou iriam estourar a minha cabeça. Foram me guiando por

entre barulhos de portas se abrindo, degraus, corredores, até pararem num lugar onde tiraram minha roupa, me deixando só de cueca. Depois me sentaram numa cadeira.

Sem o capuz, vi que estava numa sala, em frente a uma mesa de escritório que me separava de um senhor alinhado. Vestia um terno branco e tinha a cara de sapo, com olhos pousados sobre olheiras fundas. Sabemos que o assalto ao Banco do Brasil foi ação de uma célula revolucionária da qual você faz parte. Essa célula, já é de nosso conhecimento, ocupa um aparelho na Praça Onze. Eu preciso, agora, que você só me diga o endereço. Eu estava tão desorientado, que sequer conseguia falar. Um dos três que haviam me escoltado me deu um tapa tão forte, que sai do transe. Percebi que o mulato segurava um bastão de madeira.

Não pense em mentir, continuou o senhor, pois eu sei o que está pensando. Sua cabeça já não faz parte do seu corpo, ela é minha. E eu digo o quanto ela está custando, e o que posso fazer com ela. Se eu quiser, posso até comer seu cérebro a vinagrete. Então, desembucha logo. Mas eu não sei de nada. Mentira!, interveio o baixinho calvo. Nós vimos você conversando com um dos dirigentes da organização. Daí as coisas começaram a fazer sentido. Aquele cara? Eu não conheço ele. Apenas filei um cigarro. Eu faço entregas de roupas pra minha mãe, e tiro uma grana pra comprar meus cigarros. Não tenho envolvimento com nada, senhor. Acredite em mim. Droga, eu estou muito nervoso, preciso fumar. Por favor, pode me conseguir um cigarro? Claro, respondeu o cara de sapo. Matias, dá um cigarro para ele. Daí o mulato deu um passo para o lado e desceu com o bastão na minha perna, arrebentando o osso do joelho. Berrei de dor. Levem esse comunista de merda para o xadrez, para ele se acalmar um pouco.

Me colocaram de novo o capuz e me arrastaram até uma cela, onde fui jogado num chão de cimento cru. Apesar de ser dia, ali era escuro e frio. Num canto, tinha um balde fedendo a fossa. Minha perna doía tanto, que eu não conseguia ficar de pé. Sentei com o ombro escorado nas grades e desatei a chorar. Segura, companheiro, de repente uma voz mansa surgiu não sabia de onde. Não dá esse gosto para esses putos. Quebraram meu joelho, tentei me justificar. Me quebraram também, eles quebraram muita gente, mas o importante é não ceder. De qual organização você é? Eu não sou de organização nenhuma, respondi. Isso tudo é um engano. Eu trombei com um cara na rua, fazendo uma entrega. Daí pedi um cigarro, e ele veio com um papo de que a gente tava sendo vigiado, de que tinha uns canibais de cabeça que...

Uma pancada, como a de um corpo batendo contra grades, ganhou volume no espaço. O que você disse?, a mesma voz agora subia o tom. Dos canibais...? Sim, me interrompeu. Como era esse cara que te disse isso? Sei lá, normal... De óculos, magro, cabelo em caracóis...? Sim, sempre agitado. Fumava Minister... É ele!, a voz atingiu a escala de um grito. O companheiro Robson está vivo! O companheiro Robson está vivo! O companheiro Robson está vivo!, e a frase se esticou pelo ambiente.

Foi quando saquei que não era a mesma voz, e sim várias. Havia mais gente presa ali, que repetia a mesma frase, comemorava. E, de repente, começou a crescer uma canção, uma música que a vozes iam dando vida, com firmeza e ternura, e foi me comovendo, me embalando a tal ponto que adormeci, ou desmaiei.

Acordei com o golpe de uma água de banheiro contra o meu corpo. Ergui a cabeça com o susto, e vi o baixinho calvo e o mulato. Eles riam. Toma a tua roupa, disse o baixinho. Veste também o capuz, que vamos dar uma volta. Fiz como mandaram e, com a perna totalmente inativa, me escoltaram de novo para o carro. A diferença é que, desta vez, me puseram deitado sobre o banco de trás. Não levanta, filho da puta, ou te dou um tiro nos cornos.

Rodaram outra vez por um tempo, sempre em alta velocidade, daí frearam e me puxaram para fora. Com o bico da pistola espetando meu rosto, o baixinho calvo mandou que eu fechasse os olhos, tirou o capuz e disse para eu contar até 100, antes de abrir de novo. Ouvi o carro partindo e terminei a contagem. Era dia outra vez. Um novo dia, que começava. Eu estava numa estrada de terra, não sabia onde. Dos lados, se alastravam um mato alto, árvores, blocos de pedra. Me arrastei o quanto pude, até achar um galho seco, com o qual passei a me equilibrar. Segui em frente. Sem outra alternativa, segui em frente, na direção do sol que nascia e logo iria queimar meu corpo sem perdão. E eu sabia, naquele momento, eu sabia que seria tão quente quanto o fogo que consumiu o meu pai.

Quarenta e seis anos depois, apoiando o peso do corpo magro numa muleta, um velho deixa a Santa Casa de Misericórdia. Todo mês, ele vai à instituição para se consultar e obter medicamentos para o tratamento do enfisema pulmonar. Sempre mente para o médico que está ingerindo líquido suficiente, fazendo fisioterapia respiratória e,

naturalmente, que parou de fumar. Puxando a perna, se arrasta até o outro lado da rua, cruza um largo e entra num bar. Compra um maço de cigarro. Sente falta do Continental. Pararam de fabricar. Agora fuma Derby Azul. Pede ao balconista que acenda, traga e sopra a fumaça do lado de fora. Não se pode mais saborear cigarro em ambientes fechados.

Neste ínterim, dois caras passam por ele, vão até o balcão e pedem dois cafés em copos americanos. Pegam a bebida e vão também para o lado de fora, para um deles fumar. Esses caras não têm princípios, brother. Mesmo depois do impeachment, continuam metendo a mão, diz o fumante. Eu vi, e ainda desacreditam a Lava Jato. Canalhas!, sopra fumaça. Mas outubro tá chegando. O Mito vai consertar esse país. Eu não sou tiete, mas meu voto também é dele, declara o não-fumante. Tem que mandar prender toda essa quadrilha da esquerda, limpar geral. A melhor solução seria a volta da ditadura. O governo militar foi ruim pra quem? Só pra quem tava metido em parada errada, né?

O velho termina o cigarro, joga a guimba no chão e pisa com a perna boa. Se aproxima dos caras. Um conselho sério pra vocês, companheiros, interrompe a conversa. Há tanto tempo atrás, que nem sei mais qual era o mês, eu morri, e não vai demorar muito pra que eu morra de novo. Mas vocês são novos, com cérebros saudáveis. E ainda têm tempo de evitar que os canibais de cabeça invadam seus cérebros e façam vocês pensarem que estão pensando, quando são eles que estão pensando por vocês. Tá tudo armado, não percebem? Um jogo de caçadores de ideias, dando muito bandeira. É bandeira demais, meu Deus! Só fiquem atentos. Prestem atenção, antes que eles devorem seus cérebros, e a única coisa que vocês poderão fazer é ver suas cabeças ocas caídas no chão, prontas para irem pro lixo.

O velho dá as costas e, puxando a perna inativa, manca rumo à Cinelândia, no fluxo de milhares de pessoas que caminham com liberdade, conversam, param para fumar na sombra chumbo de um prédio, depois do sinal aberto, esquina com a Uruguaiana, onde fica a estação de metrô, linha...

## **Sérgio Tavares**

Nasceu em 1978. É crítico literário e escritor, autor de *Queda da própria altura*, finalista do 2º Prêmio Brasília de Literatura, e *Cavala*, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura. Tem contos traduzidos para o inglês, o italiano, o japonês, o espanhol e o tâmil. Edita o site [www.anovacritica.wordpress.com](http://www.anovacritica.wordpress.com).

## **Por que *Metrô Linha 743*?**

A música faz parte do repertório de Raul no qual o compositor se utiliza de sentidos dúbios, alegorias e subtextos para driblar a censura do governo militar. Embora lançada em 1984, ano em que vigorava a ditadura, o contexto sociopolítico que aborda cabe perfeitamente nos dias de hoje. O que me levou à escolha, portanto, foi se utilizar de palavras-chaves extraídas da letra para estabelecer esse inacreditável espelhamento entre o período de autoritarismo e o atual, de democracia.

## *Mamãe Eu Não Queria*

**Mas fui, obrigado.**

**T. S. Marcon**

“Soldado 45, Negretto!”

“Senhor!”

“Pega essa merda de coelho aqui.”

O coelho balançava freneticamente o focinho. Um coelho gordo da raça Negro Fogo. Farejava camadas de ar ao redor de sua cabeça disforme, que sugeria estar presa ao corpo por um sistema de molas ou conjunto pendular, semelhante àqueles cachorrinhos de plástico vendidos nas lojas de 1,99. O coelho detectava partículas de medo. Uma bola quentinha e macia, que se aninhou sem demora no meu colo. Fiquei cofiando os pelos curtos e escuros das orelhas, como se acariciasse uma grande vulva.

Culpa da Mamãe. Eu não queria ter servido ao Exército. Nem à Aeronáutica. Eu não queria ter servido, na real. Tinha uma banda, cursava o primeiro semestre de Engenharia Mecânica, era só Papai discar o número daquele velho Coronel de Santa Maria (na época os dois serviam juntos por lá) e eu estaria fora, o carimbo clássico “Excesso de Contingente”, mas não. Mamãe queria me ver fardado. Esverdeado. Aniquilado. Foi a segunda traição dela. A primeira teve como coadjuvante o homem que naquele dia retomava a palavra: Sargento Seixas.

“Pelotão... sentido!”

Estávamos numa instrução no Samuara, um lugar da cidade que contém vários hectares de mata nativa e até um hotel. Dividido, obedeci ao sargento parcialmente: estiquei o braço que não segurava o coelho e bati a palma da mão na coxa esquerda. Mas a força foi desproporcional, como que para compensar a ausência do outro braço no cumprimento da ordem.

“O senhor não, soldado 45!”

O pelotão fez um barulho de um pelotão que segura o riso. Sargento Seixas falou então por mais de duas horas sobre técnicas de sobrevivência. Como fazer um abrigo com galhos de árvores caídas. Como purificar água de um corpo hídrico suspeito. Como secar as botas no frio. E escalar uma árvore. Raízes comestíveis e não comestíveis. A paciência e a técnica necessárias para acender o fogo. Para capturar pequenos animais. No centro do crânio eu sentia a pressão cada vez maior do capacete, a umidade envolvente nos pés, a porra de frio lembrando a inutilidade das orelhas no corpo humano e eu ali no meio do mato, distante de casa e de todos e o que estaria fazendo exatamente agora a gostosa da Naiara? Saindo do banho como se nascesse de novo, eu aposto, úmida de criação, a textura macia da toalha branquinha roçando aquelas coxas enérgicas.

Acaricieei o coelho.

“Soldado 45, Negretto!”

“Senhor!”

“Me dá essa merda de coelho aqui.”

O bicho relutou um pouco em abandonar o calor dos meus braços.

“Porra, hoje não me conseguiram uma galinha. Tô achando que o pelotão do Lopes tá assando um franguinho agora, eheheh”

Risos contidos da tropa.

“Soldado 45, Negretto, o que o senhor vai fazer agora é o seguinte: dar uma paulada, uma batida seca nessa região do crânio do coelho. Com a devida força, o animal chega ao óbito sem dor e não sofre, entendido?”

“Entendido, Senhor!”

Recebi o coelho de volta. Todo suado. O Sargento Seixas tinha um problema sério com o ácido úrico e sofria de hiperidrose. Tudo o que ele tocava ficava melecado. Suas armas sempre enferrujavam cedo.

Putá Merda.

E pensar que aquelas mãos cheias de líquido seboso corroeram a pele alvíssima da Mamãe.

“E tá esperando o quê, soldado? Autorização da Cúria Diocesana?”

“Senhor, eu uso a coronha do fuzil ou o cabo da faca para aplicar o golpe?”

“Porra, soldado Negretto... se é *paulada* é com a utilização de um pau, caralho!”

Tirei o fuzil das costas sem abandonar o coelho. Fui até a pilha de galhos usados para a confecção do abrigo. Retirei o que me pareceu mais razoável. Só que demorei no processo. Não me orgulho disso. Eu hesitava. Dentro de uma brecha do meu próprio tempo, era como se procurasse um galho macio, aveludado; um pau desprovido de sua característica principal, a dureza, mas que pudesse se comportar só como um gatilho soft - passagem indolor para a morte. Por que não dar ao coelho um sonífero, deitar o peludo no interior de uma das barracas e ligar a ela uma mangueira do liquinho? Inalação por gás de cozinha, isso é que seria uma morte indolor, Sargento.

“Tá demorando muito, soldado 45! Tá com peninha? Se os senhores estiverem morrendo de fome na selva, e tiverem a inteligência necessária para capturar uma bela fonte de proteína dessas, vão sentir pena?”

“Não, senhor!”, berrou a tropa.

Meu primeiro ano no serviço militar foi fogo. *Ano-Negretto-Fogo*, anotaria mais tarde no diário. Um soldado que mantém um diário durante o serviço militar é algo meio constrangedor. Nunca contei a ninguém. Eu gosto de escrever.

Um militar com pendores literários, humpf.

“Bichisse”, diriam.

“Coisa de veado.”

“Mulherzinha!”

Eu tinha medo.

Ergui o galho escolhido. O pelotão inteiro de olhos cravados em mim. O coelho pressentiu o destino, se agitou no meu colo. Consegui sabotar sua fuga, mas ao custo de um tropeção que quase me levou ao solo. Dessa vez o riso não foi contido. Me enchi de raiva, tornei a suspender o braço para ganhar aceleração, fechei os olhos, mas o golpe saiu frouxo, um tiro mascado de medo e vergonha, desferido meio segundo antes do coelho gritar.

A porra do grito mais lancinante que eu ouvi na vida.

Como um grito de quem não queria servir ao exército, mas foi ficando. Depois daquele início lendário no Samuara, me empenhei como se a vida dependesse da recuperação da minha imagem. Desfiz a banda. Tranquei o curso de Engenharia Mecânica. Ano seguinte veio o de sargento. Aprovado. “Disciplina e estabilidade”, dizia Papai com orgulho, quando conseguia alguns dias de folga do quartel de Santa Maria.

Mais tarde fiz o curso de tenente.

Aprovado.

Talvez a distância tenha ajudado Mamãe a botar uns cornos no Papai. Caxias - Santa Maria: 300 Km. Se bem que não sei se isso *realmente* aconteceu. O sargento Seixas sempre teve fama de garanhão, mas também de mentiroso. Alardeava que seu pai tinha conhecido Hitler em pessoa no interior do Mato Grosso. “Chamavam o *führer* de Velho Alemão. Meu pai até jantou com ele.” Talvez o que eu sentisse pelo sargento Seixas fosse apenas inveja de tamanho talento ficcional. Em algum momento de embriaguez ou solidão, Mamãe poderia ter caído na lábia daquela mistura de terapeuta holístico com estivador.

Já eu não gostava de mentir. Era até sincero demais. Quando veio o aviso do alistamento, Papai disse:

“Tu tem que botar um pouco de exército nesse corpo.”

“Se fosse bom não seria obrigação!”

Mas ele estava certo. A disciplina me ajudou a lidar com a grana. A estabilidade me fez trocar de carro. Quando virei tenente pude comprar um apê. Móveis novinhos, contratei até empregada.

Só não consegui me casar com a Naiara.

Naiara morena, Naiara você se pintou. E me deixou.

Foda-se.

No dia que me mudei pro apê eu organizava caixas com velhas fotos e uma delas me prendeu de forma inescapável. Tanto que foi parar na estante. Mamãe está com vinte anos e desfila sozinha sobre uma passarela, alvo de olhares emitidos por rostos desfocados ao fundo. É um concurso de beleza: Garota do Comércio. Mamãe usa um sapato baixo e um vestido leve, *petit poá*. Impressiona a semelhança com Naiara: o cabelo negro em coque, os olhos de fogo à la Jackie Kennedy Onassis, a solicitação energética das coxas durante o movimento.

Uma beleza de matar.

Foi o verbo que o Sargento Seixas usou: matar.

“A natureza deseja nos matar”, disse ele naquela instrução enquanto segurava meu braço no alto, impedindo o segundo golpe em direção à cabeça ferida, mas ainda viva, do coelho. O bicho estrebuchava no meu colo. “Vulcões, tigres, terremotos. É preciso sufocar a natureza antes que ela nos foda miseravelmente.”

Putá frase. Até guardei ela no meu diário.

Penso que escrever é uma mistura entre guardar coisas e conversar sozinho. Frases em associação livre, que se prendem ao papel ou ao silício dos chips, e inauguram a fuga do silêncio. A linguagem é como um fuzil: letal. A vírgula é um gatilho. Mal colocada, dispara o desentendimento. O verbo é um projétil. Gostava de escrever nas longas noites de serviço.

Pode a escrita te salvar de uma depressão?

Tese discutível.

Pode a escrita te ajudar a falar com os mortos?

Tese reprimível.

Mas que o gás de cozinha pode matar sem dor, ah, pode. Cabeça dentro do forno, talvez uns parágrafos de despedida. Cansei de ler. E de ver.

Quem não cansava de me ver ali, fora da tropa, excluído como um bode expiatório, era o Sargento Seixas. Mas no meu colo não havia bode, e sim um coelho. Agonizando.

“Às vezes é preciso sacrificar o objeto amoroso em troca de crescimento. CRES-CI-MEN-TO. É o que diferencia homens de crianças.”

Terapeuta holístico, não falei?

“Porque não matamos ele com gás, sargento?”

Braço ainda preso no alto, a tropa me dilacerando com os olhos e eu inventei de falar aquilo. A porra da associação livre. Gargalhadas ecoaram nos troncos das árvores, se misturando ao fluir das folhas ao vento.

“Soldado, 45, Negretto, eu não tô acreditando. Puta que pariu! O senhor sabe que de raça é esse coelho?”

“Não, senhor!”

“Esse coelho tem a pelagem negra porque pertence à raça Negro Fogo, caralho! Então se o senhor não tem coragem de terminar o sacrifício do animal e tornar sagrada nossa refeição, soldado 45, Negretto, ao menos tenha a decência de fazer o fogo!”

O fogo.

Que foda.

Isso me lembra um fato: *A Noite da Faca*. Tá no diário. Inverno, 2 da manhã, perto do dia de me alistar. Papai chegou bêbado em casa. De férias, havia saído com amigos do quartel de Caxias. É provável que nesse encontro tenha ouvido os boatos sobre Mamãe. Nas paredes revestidas de azulejos da cozinha, um estrondo.

A louça do corredor.

Papai derrubara a porra da louça que dormia no escorredor da pia.

Mamãe passou resmungando pela porta do meu quarto. Levantei da cama num pulo, coloquei uma blusa.

O cheiro inconfundível de repolho podre com tragédia flutuava pela casa.

Papai tentava acender, ajoelhado e sem sucesso, a chama do forno a gás. De tão duro de trago que estava, os fósforos caíam de suas mãos e se espalhavam pela cerâmica do piso. Balbuciu incoerências, quis me abraçar. Ao perceber seu estado, Mamãe teve um acesso de fúria e começou a socar as costas de Papai que, demonstrando o poder eufórico de uma súbita injeção de adrenalina, aprumou o corpo e encarou Mamãe.

“Vagabunda.”

Pegou uma faca na gaveta e foi pra cima dela.

Ondas de pavor e taquicardia refluíram no meu peito. Consegui apartar os dois. Mamãe berrava xingamentos, entre lágrimas o chamava de pau-mole.

Pau.

Mole.

Depois da morte de Papai, nunca mais consegui me ligar a ninguém. Naiara ainda compareceu à cerimônia de enterro.

Papai, eu...

Mamãe, eu não queria. Mas fui obrigado.

Mas fui, obrigado.

O putro do Sargento Seixas tirou então o coelho do meu colo.

Sem dizer mais nada, torceu o pescoço do Negro Fogo como se ele fosse de pelúcia.

## **T. S. Marcon**

Nasceu em Caxias do Sul em 1975. Em 1999 tornou-se arquiteto pela UFRGS. Em 2015 fez parte da turma de 30 anos da Oficina de Escrita Criativa da PUC, ministrada pelo professor Assis Brasil. É autor do livro de crônicas *Deus veste legging*, lançado no mesmo ano. Já participou de diversas antologias de contos, entre elas *Onisciente Contemporâneo*, *Transações Singulares* e *Não Culpe o Narrador*. Como fotógrafo, obteve menções honrosas em Bienais de Arte Fotográfica Brasileira. Atualmente cozinha em fogo brando seu primeiro romance.

### **Por que *Mamãe Eu Não Queria*?**

*Mamãe Eu Não Queria* me faz lembrar dos dias ensolarados do inverno de 1984, quando saiu o disco *Metrô linha 743*, e de um amigo que me apresentou à obra do Raul. Eu tinha 9 anos, mas gostava de andar na turma dos mais velhos, da qual ele fazia parte. A casa do meu amigo, um sobradinho dos anos 40, era um dos QG's da turma onde ouvíamos vinis. Poucos anos depois ele fez 17, precisava se alistar e adotou essa música como um mantra de insubordinação e rebeldia. Alessandro Negretto Carvalho, o meu amigo, morreu em agosto de 2017.

## ***Bonus Tracks***

O projeto original desta coletânea previa 30 contos, um para cada ano de ausência de Raul Seixas neste plano. Aos autores convidados não foi dada qualquer orientação sobre a escolha da canção, apenas que não poderia haver repetições. Naturalmente, a escolha coletiva permeou quase todos os 17 álbuns de estúdio do cantor, deixando de fora apenas 5: *Raulzito e os Panteras* (1968), *Raul Seixas* (1983), *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!* (1987), *A Pedra do Gênesis* (1988) e *A Panela do Diabo* (1989). Tomei a liberdade de convidar mais autores, pedindo a estes que escolhessem uma canção de cada álbum faltante. Para deixar o tributo ainda mais completo, o escritor Bráulio Tavares autorizou a publicação de uma canção de sua autoria que aqui surge como uma bela elegia. Aprecie, leitor.

**1968**

**Raulzito e os Panteras**

## ***Trem 103***

### **O bilhete**

**Samuel Medina**

*"Eu não quero ficar  
Sozinho aqui  
Oh, trem me leva  
Que eu também quero ir"  
(Raul Seixas, Trem 103)*

Seus passos secos e apressados ecoavam na escuridão. Apesar de ser verão, havia um persistente vento frio. Ele mantinha os braços junto ao corpo, tentando protegê-los do frio. As mãos estavam metidas nos bolsos da calça. Na palma esquerda um papel amassado.

Ele parou diante da estação. O prédio era sombrio e imponente. Apesar de tomado pela escuridão, permanecia aberto. Ele sentiu uma pontada de esperança. Talvez ainda fosse possível pegar o último trem.

Subiu apressado as escadarias que levavam à entrada da estação. O interior estava mais claro, mas o prédio estava quase vazio. Retirou o papel do bolso e leu novamente seu conteúdo.

Era um bilhete. Indicava plataforma 103. Sua única pista. Esse pedaço de papel, deixado sobre a mesa da cozinha, era o vestígio final da presença dela. Ele queria acreditar que o bilhete era uma despedida e um convite.

Ele vagou pelo saguão, esperando encontrar um guichê aberto onde pudesse ter alguma informação. No final de uma fileira de guichês fechados, havia felizmente apenas um, o último, ainda em funcionamento.

Sentindo medo e esperança, ele parou diante do guichê e mostrou o bilhete. O atendente era um homem pequeno, de idade indefinida e com uma expressão ranzinza. Seus olhos estavam postos em uma revista de piadas. Mesmo assim, ele não parecia achar graça. Ao ser perguntado sobre o bilhete e a plataforma 103, o atendente fez um muxoxo e levantou os ombros.

Exasperado, ele lançou um agradecimento irônico e perguntou o caminho das plataformas de embarque. O atendente, sem tirar os olhos da revista e com a mesma expressão azeda, apenas apontou para um destino indefinido do outro lado do saguão.

Ele novamente agradeceu e seguiu em passos ainda mais apressados rumo ao destino apontado. Em sua mente, repassava as palavras que diria para ela. Reconheceria os erros. Pediria por uma chance. Prometeria mudar.

Seguiu por um corredor que parecia estar envolto em penumbra. A iluminação era insuficiente naquele lugar.

As plataformas estavam vazias. Ao longe, um apito de trem anunciava uma aproximação. Nervoso, ele apertou o bilhete e esperou o veículo se aproximar. Não era o 103. Melhor assim. Ele ainda não havia encontrado a plataforma correta para embarque.

Vagou freneticamente olhando a sinalização de cada plataforma. O ruído do trem era insuportável, mas ele estava ocupado demais procurando pela plataforma 103 para se preocupar com os tímpanos.

O trem se afastava ruidosamente, enquanto ele conferia cada placa, cada número. A última plataforma era a 102. Ele ficou perplexo. Fez novo circuito por toda a extensão de cada plataforma, conferindo cada placa, cada sinal. Os trens mudavam de destino de acordo com as dezenas. As unidades indicavam o sentido: 01 e 02, 11 e 12, 21 e 22, até a última dupla, 101 e 102.

Ele parou na extremidade da estação, esgotado, sentindo o peso do fracasso. O único vestígio dela levava a um beco sem saída.

Algo entre os trilhos chamou sua atenção. Parecia uma mancha, ou um jogo de luz e sombras que pregava peças em sua mente. Pegadas cercadas por borrões escuros. Rastros escuros entre os trilhos, seguindo adiante até se perder na escuridão.

Ele sentiu um calafrio. Agora tudo fazia sentido. As palavras que ela passara a repetir semanas atrás, as frases enigmáticas, os comentários obscuros.

Novo apito ecoou na distância. Outro trem se aproximava. Seu farol iluminou os trilhos e naquele momento ele percebeu que as manchas não eram pegadas, mas definitivamente estavam lá. Ele então se convenceu do real significado do bilhete. Era, de fato, um convite.

O trem que se aproximava não diminuiu a velocidade. Era um expresso. Outro sinal, ele acreditava. Deixou seus olhos passearem pelos trilhos iluminados que sumiram na escuridão e na distância. Olhando para o fim da estação, ele observou sua sombra se encolhendo, tornando-se mais nítida, enquanto os trilhos o atraíam. Seu último pensamento foi: "Sim, eu também quero ir."

## **Samuel Medina**

Nasceu no Rio de Janeiro, Capital, em 1981. Graduado em Letras, trabalha como servidor público municipal na Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte/MG. Publicou, aos onze anos, o livro *A grande guerra*, edição independente. Contribuiu em diversas antologias pela Andross Editora. É também autor de *O Medalhão e a Adaga* (Multifoco, 2013), *Patos Selvagens*, (Baobá, 2014) e *A Cidade Suspensa* (Senhor da Lenda, 2015). Mantém o blog <http://www.oguardiaodehistorias.com.br>.

## **Por que *Trem 103*?**

Escolhi essa canção pela pluralidade semântica do trem como elemento figurativo e simbólico. O trem pode ser alegoria da própria vida, sendo os trilhos o tempo que nunca volta.

**1983**

**Raul Seixas**

# *Segredo da Luz*

**O mágico**

**Renata Wolff**

No muro estava pichado: o ódio não é real, é a ausência do amor. Estava em tinta púrpura, bem grande, mas colaram um cartaz por cima da letra s. O muro era ao lado do teatro e o cartaz era de um espetáculo de mágica que viria à cidade. O mágico apontava um dedo para quem olhasse o cartaz e sorria largo, sorria implacável, a cara toda virava um esgaço. Venha descobrir o segredo, avisava o cartaz. O mágico desenhado tinha uns olhos verdes que à noite ficavam mais verdes ainda, cintilavam. Era verão e costumava faltar luz. O povo receava o escuro e o cartaz veio a calhar. A cada queda de energia juntava gente para ver os olhos verdes brilhando na noite. Uma tarde chegou uma moça de uniforme branco com escada, balde e pincel, expulsou da calçada um indigente a quem ninguém dava esmola e colou mais cartazes, muitos mais. Duzentos mágicos, duzentos dedos em riste, quatrocentos olhos verdes tapando o muro inteiro. Em breve o grande segredo, avisavam os cartazes. Em breve! Única apresentação! Um burburinho agitava a cidade. Durante o dia, sob o consolo do sol, tudo andava; mas bastava anoitecer e cair a eletricidade que as multidões buscavam as estrelas verdes, salvando das trevas e suas ambiguidades. Lá pelas tantas o caminhão do mágico chegou e foi um alvoroço. Todos foram assistir, até o prefeito, ressabiado com os murmúrios e queixas da constante falta de luz. E no teatro vendiam brinquedos e lembranças do mágico, prometendo efeitos e poderes, e as pessoas compraram a valer os amuletos made-in-China. Quando as luzes baixaram e os panos abriram, não se ouvia um respiro. O mágico entrou com uma explosão de artifícios, e por duas horas estonteou o público com um truque depois do outro, com tanto technicolor, tanta exuberância que, quando

chegou a parte da hipnose, ninguém mais sentava, era a plateia inteira em pé, aplaudindo, assobiando, pulando. O mágico hipnotizou um homem e o homem comeu jornal como se fosse pizza. O povo riu e bateu palmas. O mágico hipnotizou uma senhora e a senhora ergueu um armário e jogou longe. O povo gritou e bateu palmas. O mágico hipnotizou um casal e o casal estrangulou o próprio cachorro até a morte. O povo hesitou. Mas o mágico sorriu aquele sorriso, apontou o dedo soberano, e o povo entregou-se ao delírio. No meio do rugir da aclamação, o mágico pediu silêncio e anunciou: é hora de revelar o grande segredo. E empunhou uma espingarda. A plateia segurou o fôlego. O mágico fez alguns floreios, dançou a arma sob os holofotes, e apontou. Não se sabia bem para onde, mas o público confiava. O público maravilhava-se. O público nem piscava. Foi quando a luz faltou. O espetáculo sumiu. O teatro, no escuro, enlouqueceu. Só se enxergavam os olhos: as estrelas verdes fulgurantes, e elas guiavam. O prefeito tentou fugir mas o encontraram. A multidão carregou-o para fora, condenou-o sumariamente, sem escutar seus apelos. E não cumpre descrever como o executaram porque há momentos em que a misericórdia se impõe mesmo a um narrador onisciente e incumbe a este o simbólico gesto de omitir. Com o que o povo não contava era a quantidade de sangue: como tinha sangue o prefeito, era o sangue de dois rebanhos de ovelhas, e resulta que ao cabo o líquido se espalhava sobre todos, espirrava no muro, cobria os cartazes, alagava a rua. Os faróis verdes dos olhos do mágico, impassíveis, encararam a turba, que a ele se voltava como se esperando ordens, depois de reduzir o prefeito a um bagaço; e nesse momento os olhos se fecharam, e arremessaram a cidade nas profundas trevas daquela noite sem estrelas mais negra do ano, e uma voz que não mais parecia ser do mágico pôs-se a gargalhar, e gargalhar, e vinha de todos os lados e do alto e envolvia e ameaçava a cidade, e o povo abandonou a admiração pelo terror do escuro e quanto mais medo mais a voz ria com desdém. A multidão sentia-se cercada, encolhia-se, e em meio ao desespero a gargalhada diminuiu e divisou-se um vulto branco que desafiava a escuridão; e era a moça de uniforme branco que retornava ao muro, desta vez sem escada nem balde nem mais cartazes para colar, e a moça parou diante de todos, observou o sangue, o povo em pânico, o cadáver do prefeito. E abriu suas mãos e estendeu-as como se distribuísse graças, e a este gesto as luzes se restabeleceram, não só as luzes da cidade como o céu se tornou dia, e o sol e a lua brilhavam e ocupavam a um só tempo o firmamento; e o público em assombro entreolhou-se e viu-se banhado em vermelho homicida, e com ainda maior assombro deu-se conta de que no lugar do mágico, usando a gravata e a cartola do mágico, estava

o mendigo do teatro, que só então parava de gargalhar, e ele pôs a espingarda às costas e chamou o cachorro estrangulado que voltava à vida, e os dois saíram no passo arrastado de quem testemunhou todas as eras do mundo. E além de tudo isso os cidadãos perceberam que os olhos verdes eram deles, eram de cada um dos habitantes, um oceano de pares de olhos fulgurantes e manipuladores, envoltos em sangue, e o sangue também escorria pelo muro e descolava os cartazes do mágico, e assim tornava a revelar as letras em tinta púrpura, porém a mensagem havia aumentado como por sortilégio, e a frase pichada no muro agora era: o segredo esteve aqui o tempo todo: o ódio não é real, é a ausência do amor. E a moça de branco sentou-se na calçada, e sobre seus joelhos acolheu o corpo mutilado do prefeito, e abriu os braços em piedade, e disse para todos ouvirem: vocês nunca sabem o que fazem. E os céus se abriram com a luz mais esplendorosa que a terra já vira, uma luz cegante que expôs todos os crimes e todos os falsos profetas e todos os ídolos produzidos com trabalho escravo, e ouviu-se o terrível soar das trombetas e o povo soube que era enfim chegado o dia do juízo.

## **Renata Wolff**

Nasceu em Porto Alegre, em 1980. É graduada em Direito pela UFRGS e mestranda em Escrita Criativa na PUCRS. Frequentou oficinas literárias de 2006 a 2014. Participou de coletâneas, teve contos premiados em concursos literários nacionais e internacionais e é autora do livro de contos *Fim de Festa* (Não Editora), finalista do Prêmio AGES e do Prêmio Jabuti em 2016.

### **Por que *Segredo da Luz*?**

Escolhi *Segredo da Luz* como base para o texto porque, além de ter uma melodia linda, e uma letra que toca em temas que eram caros ao Raul como filosofia e misticismo, a música fala de trevas que assustam, mas de uma luz que dá risadas do medo do escuro. Sempre é importante lembrar isso, e talvez agora seja mais importante do que nunca.

**1987**

**Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!**

## *Paranoia II (Baby Baby Baby)*

**Parasita**

**Matheus Borges**

Enquanto tentava dormir, percebi estranhos sons atravessando a parede. O apartamento vizinho, entretanto, encontrava-se desocupado há pouco mais de um ano. Pensei transitar naquela zona difusa que antecede o sono, mas os ruídos continuavam, seguindo seu ritmo particular, como se alguém esfregasse uma lixa no concreto. Um barulho tímido, amplificado pelo silêncio da madrugada. Aos poucos, era absorvido pela chuva, cada vez mais forte, que gotejava no ar-condicionado, e pelo vento, que sacolejava as plantas do condomínio. Em função disso, imaginei que o som se tratava de algo relacionado, um vazamento ou algo do tipo, e deixei de lado essa inquietação superficial.

Acendi um cigarro e liguei a televisão. Duas horas da manhã e passava um filme antigo ao qual eu já assistira mais de três vezes. Ao menos, imaginava tê-lo visto muitas e muitas vezes, um desses filmes antigos que ocupa nosso imaginário e cuja ubiquidade nem ao menos percebemos. Talvez eu já o tivesse mesmo visto, talvez eu assistira a uma releitura produzida duas décadas depois. Talvez fosse o próprio filme a releitura de outro, produzido vinte anos antes.

O que eu via agora era a cena que precedia o clímax. Nela, o protagonista conversa com um homem numa estação de trem, ignorando que é ele o assassino. Sabendo o que aconteceria a seguir, troquei de canal. Era a reprise do telejornal da noite anterior, que noticiava o desaparecimento de uma moça na região metropolitana.

Sabrina Teixeira tinha 24 anos. Saíra de casa às oito da manhã, rumo à capital. Seu carro foi encontrado na beira da estrada e não havia sinais de violência. Muito pelo contrário. Não havia sinal de coisa alguma. Percebendo que Sabrina não respondia suas mensagens há tempo demais, uma prima entrou em contato com a polícia. Uma viatura localizou o automóvel, estacionado e trancado por dentro. Guardava intactos os pertences da jovem.

Retornei ao filme e acompanhei o momento em que, após uma longa perseguição, o protagonista é encurralado à beira dos trilhos. Da maneira como eu recordava, o herói saltava sobre o assassino e arremessava seu revólver. Ao longe, um trem se aproximava e, após um embate corpo a corpo, o vilão era lançado para a morte. Segui a cena com emoção, antecipando a punição do homem mau. Tudo ocorreu como deveria até o momento em que os dois se engalfinhavam.

Para minha surpresa, foi o vilão quem lançou o herói aos trilhos, encerrando o filme com uma nota de amargura. Talvez eu nunca tivesse visto esse filme, talvez eu o tivesse visto muitas vezes e simpatizasse demais com o personagem central, a ponto de ignorar que ele morria no fim.

\* \* \* \* \*

Saí de casa pela manhã e notei uma fina camada de poeira em frente ao apartamento inabitado. O pó vazava pela soleira e se acumulava no corredor. Pensei em mandar uma mensagem ao síndico, porém estava atrasado. Não havia dormido direito e cochilei quando amanhecia, o que me fez perder o primeiro alarme. No caminho do trabalho, vi quatro carros de polícia em frente a um viaduto, cercados por uma horda de curiosos.

Quando voltei para casa, percebi que não havia mais poeira no corredor. O edifício cheirava a água sanitária e concluí que a faxineira dera fim à bagunça. Deitei em minha cama, ainda de sapato, certo de que não havia nada errado, de que a limpeza preconizava o início de um novo ciclo. Liguei a televisão e o telejornal exibia imagens gravadas naquela tarde. Quatro carros de polícia em frente ao viaduto onde foi encontrado o corpo de Sabrina Teixeira, o mesmo viaduto pelo qual eu passava todos os dias de manhã. Ela tinha ferimentos na barriga e no peito, profundas marcas de um tosco instrumento de corte.

Alguns minutos depois, o retorno do ruído de lixa me fez levantar. Observei o corredor através do olho-mágico. Atento ao escuro, tudo parecia normal. Coloquei uma cadeira diante da porta, de modo que percebesse quando a luz automática se acendesse. Nada aconteceu.

\* \* \* \* \*

Destranquei a porta e dei um passo à frente, imaginando ser o primeiro visitante de um planeta desconhecido. O apartamento era uma cópia exata do meu, como se projetado num espelho. A umidade fria do ar pesava na respiração e meus pés deixavam rastros no chão coberto de poeira. Era domingo e eu havia visitado o síndico de manhã bem cedo. Disse que planejava expandir meu apartamento.

Expliquei ao síndico: Ainda que eu fosse um homem solitário e sem muitos amigos, me encantava a possibilidade de morar num lugar mais amplo. Mencionei que vinha juntando dinheiro há pouco mais de um ano, desde que percebi a vacância do apartamento vizinho. O síndico riu, dando um tapa dissimulado no ar. Disse que ele também torcia para que vagassem logo o apartamento ao lado do seu, sem explicar o que isso significava.

“Se é que o senhor me entende”, ele completou.

Eu não entendi.

“Preciso fazer uma visita antes de colocar meu dinheiro no imóvel”, expliquei, “então gostaria que o senhor me passasse o contato do proprietário”.

Ele disse que não havia necessidade de entrar em contato com ninguém. O proprietário se mudou para outro estado e há tempos colocou o apartamento para venda.

“Deixou as chaves aqui comigo”, disse o síndico. “Para o caso de alguém manifestar interesse”.

Atento às paredes, agora eu avançava no interior do imóvel, imaginando que ter em mãos a chave deixada com o síndico não era algo arbitrário, mas parte de um enigma cuidadoso elaborado especialmente para mim e que só eu poderia decifrar. Caminhava como quem caminha nos escombros da casa de sua infância, enumerando o que havia de familiar e de estranho, projetando encontrar na intersecção uma resposta para o que acontecia nas últimas noites.

Cheguei ao quarto, o espelho de minha própria habitação, cuja parede à minha frente era compartilhada com a cabeceira da minha cama. Era aquele cômodo o ponto de origem do ruído. Dei dois passos adiante e encontrei uma navalha retrátil no chão. Tomei-a com cuidado e projetei a lâmina fina. Deslizei-a pela parede, de baixo para cima e vice-versa, tentando repetir os padrões do ruído que inquietava minhas noites. Era como aprender a tocar um instrumento musical. Reconhecia o seu timbre, porém falhava em reproduzir uma melodia qualquer.

Pensei ter ouvido uma porta se abrir e congelei a navalha no ar. Olhei para trás e não vi ninguém. O ruído, em contrapartida, continuava a ressoar, agora mais tímido, como a agulha que chega ao centro do disco. Olhei para a navalha e guardei-a em meu bolso. O esfrega-esfrega aumentou de intensidade, mas parecia distante. Vinha do outro lado da parede - ou seja, do meu quarto. Tentando não fazer barulho, segui meus próprios rastros no chão, espaços vazios na poeira com a forma dos meus pés.

Encostei o ouvido na porta do meu apartamento e não ouvi coisa alguma. O que quer que estivesse acontecendo já chegara ao fim. Enfiei a mão no bolso do casaco à procura de minhas chaves, embotadas com as chaves do apartamento vago e com a navalha. Ah, sim, a navalha. Guardei-a no bolso com a lâmina ainda projetada. Senti uma dor aguda no indicador e o levei de impulso à boca. Abri a porta e tive a impressão de que alguém me observava. Vasculhei a sala com os olhos. Não havia nada fora do lugar. Somente quando avancei, percebi um rastro de poeira deixado no corredor, uma camada fina que me conduzia ao quarto. Ali, encontrei uma estranha inscrição entalhada na parede, acima da cabeceira de minha cama:

F I M

\* \* \* \* \*

Procurei o síndico para devolver as chaves, porém não o encontrei. Como no molho havia também uma chave menor, decidi tentar a caixa de correio. Abri a portinhola correspondente e encontrei um envelope de papel endereçado a Sabrina Teixeira. Dentro do envelope, apenas uma fotografia noturna em preto e branco: enquadrava o nível inferior do viaduto, o corpo mutilado de Sabrina Teixeira em primeiro plano. Esquadrinhei a imagem e notei uma inscrição na pilastra:

F I M

Estavam entalhadas no concreto, as mesmas maiúsculas nervosas que surgiram na parede do meu quarto. Fui ao viaduto, onde um forte cheiro de urina empestava o ar quente. Havia diversas inscrições nas paredes, muitas delas desbotados hieroglifos lutando uns contra os outros. Sobre todas elas, no entanto, havia as três letras entalhadas: enormes e vermelhas. Dei um passo adiante e encostei no sulco correspondente à segunda letra, o que deixou meu dedo manchado. Era sangue, intuí. Sangue fresco. Mais abaixo, um rastro de sangue no chão conduzia à parte de trás do bloco cinza.

No fim dessa linha, encontrei o corpo do síndico, mutilado como o de Sabrina Teixeira: peito aberto e um enorme corte em X no abdome. Prostrado junto ao corpo, porém, notei algo metálico preso em suas vísceras. Enfiei a mão em sua barriga, me arrependendo logo em seguida. Talvez fosse algum tipo de dispositivo médico que eu não conhecia. De qualquer forma, minhas mãos já estavam ali. Com muito esforço, desatei os nós de suas tripas e puxei de seu abdome uma chave prateada.

\* \* \* \* \*

Aquela era a chave do apartamento do síndico. Descobri isso ao girá-la na porta e entrar. Não imaginava como pudesse ter parado em suas vísceras, se o homem fora forçado a engoli-la ou se o assassino a colocou para repousar em seus órgãos através do rasgo na barriga. De qualquer forma, entrei no apartamento e encontrei um quadro onde estavam dependuradas cópias das chaves de todos os apartamentos do edifício - menos a do apartamento desocupado, que estava no bolso do meu casaco, e a do meu apartamento, que estava com quem quer que estivesse provocando aquele caos. Alguém havia matado o síndico depois de nossa conversa, roubado a chave do meu apartamento e, em seguida, entalhado letras na parede do meu quarto.

Em função dessa desvantagem, era mais seguro que eu passasse a noite no apartamento do síndico. Não dormi direito, estava suado, ansioso. Vasculhei o apartamento à procura de cigarros. Não encontrei nenhum. Liguei a televisão. Por uma incrível coincidência, eu via agora uma reprise daquele mesmo filme - ou uma de suas incontáveis versões. Não me levem a mal se eu não souber precisar, pois esses filmes são todos iguais.

O que passava agora era a primeira metade, a que perdi alguns dias antes, a que eu talvez já tivesse ou nunca houvesse visto. Não sei. Agora eu compreendia que o

protagonista era um pacato barman que presenciava o assassinato de uma jovem sedutora no estabelecimento em que trabalhava. Que os primeiros quarenta minutos expõem ao espectador a série de acasos que faz com que o crime ocorra ali, justamente no turno do protagonista. A cadeia de eventos não é revelada ao personagem, de modo que o barman nunca compreende o que de fato ocorreu.

O filme se passa ao longo de apenas uma noite, em que o herói precisa fugir do criminoso, sem saber quem ele é e por que a jovem sedutora fora assassinada. Desliguei a televisão por já conhecer o final, ou por saber que não importava a conclusão. Desliguei por saber que, apesar de eu simpatizar com o barman, era ele quem caía nos trilhos. Porque, mesmo que ele vencesse, seria por jogar o vilão debaixo do trem, tornando a si próprio um assassino. Não havia final feliz, nada que me agradasse, ou que justificasse eu me decepcionar outra vez. Que o filme novamente me surpreendesse, apresentando uma conclusão inimaginável? Azar.

\* \* \* \* \*

Abri a porta na manhã seguinte, planejando chamar a polícia e já conformado com o fato de que trabalharia sem tomar banho, trocar de roupa, sem todos esses rituais de higiene e limpeza, algo que sempre me oferece tranquilidade, que parece estabelecer as condições de um novo ciclo. Abri a porta, enfim, preparado para pisar num dia tão instável quanto os anteriores. Tudo era silêncio.

Avancei lentamente no corredor, temendo que algo esperasse por mim num canto escuro, algo que daria o bote assim que me visse. O que encontrei, no entanto, foi a faxineira morta à beira da escada, queixo afundado no balde. O sangue vazava dos ouvidos e se misturava à água sanitária. Seus olhos estavam abertos e voltados para cima, de modo pavoroso e inumano. Percebi que os olhos mortos fitavam uma porta fechada, a porta vizinha ao apartamento do síndico. Nesse instante, lembrei de como ele havia me dito, sem oferecer explicação alguma, que esperava vagar o apartamento ao lado do seu.

“Se é que o senhor me entende”.

Imaginei que ali residisse o segredo de toda essa bagunça, de todo esse sangue. Sentindo o estômago revirar, retornei ao apartamento do síndico e me dirigi ao quadro de cópias, onde encontrei a chave correspondente. Precisava entrar no apartamento ao

lado, resolver o mistério, interromper a matança. Foi aí, no entanto, que ouvi as viaturas acelerarem ao longe, as sirenes se aproximarem e depois frearem diante do prédio. Foi aí que vocês apareceram e me trouxeram para cá.

Acho que isso explica tudo, inclusive por que minhas pegadas estavam no interior do apartamento vizinho, que eu nem sabia pertencer à família de Sabrina, muito menos que ela planejava ocupá-lo nos próximos meses. Claro que minha história não esclarece o que estava por trás daquelas letras, as três letras que nunca me levaram a lugar algum. Mas isso não é trabalho meu. Agora, se os senhores estiverem satisfeitos, peço por favor que me liberem. Há um maníaco à solta e o que vocês têm aqui é um homem inocente. Acho que é isso.

Acho que chegamos - bem, chegamos ao fim.

## **Matheus Borges**

Nasceu em Porto Alegre, 1992. É escritor e roteirista, graduado pela Unisinos e egresso da oficina literária de Luiz Antonio de Assis Brasil. Seus contos já foram publicados em revistas do Brasil (gueto, RelevO, Subversa) e do exterior (Waccamaw, Fiction International, Scoundrel Time) e em coletâneas. No cinema, escreveu o roteiro do longa-metragem *A Colmeia*.

### **Por que *Paranoia II (Baby Baby Baby)*?**

A letra de *Paranoia II* não conta uma história, mas um lamento desesperado nos moldes da interpretação rockista do blues norte-americano: há um “pacto com satã”; a queixa é oferecida a uma figura feminina sem nome, objeto de amor e ódio do narrador (chamada tanto de “baby” quanto de “bruxa”). Tudo isso é clichê, claro, como um filme que já pensamos ter visto muitas vezes. Raul, no entanto, pontua esse lamento com estranhas imagens que surgem, como que vistas de relance, para desestabilizar a estrutura do chavão (pense nas imagens oníricas inseridas por Gus Van Sant em momentos-chave de sua versão de *Psicose*). O conto derivado se chama *Parasita* e puxa alguns desses elementos visuais. A história assume também a forma de um jogo de clichês, algo próximo de um filme splatter ou do teatro grand guignol. Pensei muito no *Tell-Tale Heart* de Edgar Allan Poe enquanto escrevia esse conto.

**1988**

**A Pedra do Gênesis**

## *Check-up*

**Pietro**

**Bruna Brönstrup**

1.

É sexta-feira e Pietro enlouqueceu. Tinha um trabalho para entregar na segunda, um feedback para essa tarde, um compromisso para amanhã. Pendências e pendências. E pessoas pendentes. Ainda tem tudo isso. Mas não consegue pensar direito, inserir-se na linguagem, entender o mundo, o seu papel nele. E, por se ausentar assim, parar subitamente, a gente olha enfurecida para Pietro, que se isola, e se isola cada vez mais. O sistema segue indiferente. A vida, como sempre, continua, o tempo não pára e impiedosamente os dias seguem. Pietro não sabe onde está e esqueceu-se de quem é. Como se ele tivesse surgido de repente. Assim, numa faísca. Acabou de nascer.

Na mesa, várias folhas do seu projeto de vida, da sua dissertação em bioquímica. Estudos complexos sobre o potássio, elemento químico explosivo, instável, que não pode respirar. Às vezes precisa ser isolado.

Pietro é potássio? Pois explodiu-se. A causa, talvez, seja demasiado contato... e implosões a vida inteira. Chega um momento que tudo fica denso demais, e então se destrói.

Como quem acaba de nascer, Pietro também acaba de conhecer as coisas. Não lembra de nada. Derruba seus frascos, seus livros, joga longe a mochila, revira armários, abre as janelas da casa. Para que toda aquela escuridão? E quem seria aquela gente do retrato? Ainda eufórico, destrói o próprio laboratório (um pequeno quarto de

empregada) e arromba compartimentos desconhecidos. Não suporta... não, não suporta todo aquele branco, aquela mentira, aquela organização caótica. Sente uma inexplicável agonia. Olha para os lados, é tudo plástico, vidro, mármore. Dentro de si berra um ímpeto de ir até o fim. Então abre o recipiente compacto número 4, vedado e comprimido, e é tomado por uma inesperada explosão. É Pietro para todo lado. Lá dentro, potássio puro, e lá fora, muito ar.

Demasiado ar.

2.

É segunda-feira e Pietro recolhe as folhas do chão.

O estrago no quarto é preocupante, mas a carta do síndico denota uma urgência ainda maior. Problemas com o barulho de novo. Antes fosse música alta. Não quer nem saber o que ele vem aprontando em casa. Dessa vez é muita pesada. Pietro que se entenda com a imobiliária.

Ele não perde o ônibus, e chega a tempo de ser xingado pelo chefe da pesquisa. Aquele relatório que você mandou, ilegível. E o que dizer daquela metodologia, etc. Recomece.

Um suspiro antes de entrar na sala de aula. Érica, dupla da apresentação, quer saber por que ele não respondeu seus e-mails, se já sabe suas falas. O professor solicita o pendrive ao grupo. Olhos sobre Pietro, que evidentemente se esqueceu. Sob o mais atroz silêncio, ele assiste Érica abrindo o próprio e-mail no computador do professor, pedindo desculpas encarecidamente.

No celular, uma mensagem da equipe de laboratório. Se pular o almoço, consegue refazer o experimento. Eduardo pergunta se ele consegue entregar o relatório da semana passada no mais tardar de hoje. Sibb. SIM. Droga de teclado. Consigo sim, Eduardo. Érica fuzila Pietro com os olhos. Por que está mexendo no celular durante a apresentação?

Pietro se sente um coelho de relógio.

3.

Já estamos na quarta e a cartela de quilindrox chegou ao fim.

O mundo chove como uma vela derretida. Pietro assiste sem curiosidade às gotas lentas na janela. Na sala de espera, esperou muito. Agora dentro, já nem sabe o que dizer. O médico parece uma lagarta de sapatos, fumando narguilé e insistindo perguntas difíceis. Quem é você, Pietro?

A lei de Boyle-Mariotte afirma a proporção inversa entre pressão absoluta e volume de um garoto ideal sob temperatura constante. Isso quer dizer, se o doutor não ligar o split, que entrar naquela sala faz incidir sobre os pacientes uma dor impressionante. Essa é a impressão de Pietro.

O barulho da chuva incomoda você?

Ele faz que não com a cabeça. Muito pelo contrário, é como a calmaria soa, doutor. Lá fora precisa estar tão fresco.

Precisa?

Digo, deve. Deve estar tão fresquinho. Posso abrir a janela?

Da moldura impressa, Freud assente com as pestanas grossas. Pietro se sente tonto com a fumaça do narguilé. A basculante enferrujada geme ao ser aberta. O garoto aspira tudo de olhos fechados antes de se sentar novamente.

Você preferia estar lá fora, Pietro? Não quer se tratar?

É quarta-feira. Acabou o quilindrox. Tontura abstrata, sudorese, consciência latejante. Não é nada, Pietro. Vem deitar no divã.

Tantas gotas na cabeça lá fora. O vento traz algumas ao garoto. Ele assiste ao pequeno comprimido transparente na palma da mão. A lei de Boyle, a força do rosto para desenhar um sorriso. Pietro, uma força tão sem curiosidade.

Doutor? Você sabe o que acontece quando o potássio se mistura à água?

## **Bruna Brönstrup**

Escreve prosa e poesia desde pequena. É bacharel em Relações Internacionais pela UFRGS e atualmente faz mestrado em Escrita Criativa na PUCRS. Participou de antologias e oficinas de escrita criativa, tendo ministrado dois módulos teóricos de sua autoria na Casa de Cultura Mario Quintana em 2016. Ainda não tem livros publicados, apenas dentro de gavetas. Suas áreas de maior interesse envolvem sobretudo crítica pós-colonial, estudos feministas, literatura comparada e sociologia da cultura.

### **Por que *Check-up*?**

*Check-up* foi censurada durante a ditadura militar brasileira. O humor ferino e inteligente de Raul era uma ameaça. Esse é mais um exemplo de como a arte contestatória abala as estruturas de poder. Decidi escrever sobre essa música porque, apesar do sarcasmo pungente, ela apresenta os tormentos espirituais e psicológicos da existência humana. O eu-lírico está desistindo dos remédios. Gosto como evoca Alice e outros pontos de fuga enquanto ressalta a presença lancinante da chuva. Estamos sozinhos com nós mesmos no mundo.

**1989**

**A Panela do Diabo**

## *Você roubou meu videocassete*

### **O roubo**

**Elizabeth Gouvea**

— Boa noite, delegado.

— Boa noite.

— Eu gostaria de fazer uma denúncia. Violência doméstica.

— A vítima seria a senhora mesma?

— Sim.

— Qual é o seu nome?

— Luiza Darlene da Silva.

— Luiza Darlene? Peraí. Agora que tô te reconhecendo! A senhora é a Lulu Darling, que canta na churrascaria Boi Suculento, não é? Esse pano na cabeça e os óculos me confundiram por um minuto. Minha mãe é louca com a senhora. Pode ser dia das Mães, aniversário, o que for: em qualquer comemoração ela faz questão de ir pra lá, prestigiar seu show.

— Obrigada pelo carinho. Sobre a denúncia...

— A senhora acredita que até Sexta-feira da Paixão a gente já passou lá? E olha que minha família toda é muito católica, graças a Deus. Pedimos só salada e muçarela, nada de carne. Mas o que eu posso fazer se ela não resiste ao seu gogó de ouro?

— É muita gentileza da sua parte. Vim aqui dizer que o meu marido...

— Ah, a senhora se importa se tirarmos uma foto? É o sonho da minha mãe ter uma foto sua autografada, mas acredita que ela nunca teve coragem de conversar com a senhora? Eu sempre digo a ela: “Mamãe, é só uma cantora de churrascaria. Vai ficar honrada em conversar com a senhora.”. Mas ela é tímida. Não tenho razão? A senhora não ficaria honrada de conversar com a minha mãe?

— Claro que ficaria. Se importa se a gente voltar à minha...

— Então pronto! Vou colocar o celular aqui pra gravar. Diz assim: “Dona Rita, aqui é a Lulu Darling” pra ela saber que é verdade. Depois a senhora faz aquilo que sempre faz no final do show. Ela vai ficar doida!

— Se eu fizer isso o senhor ouve a minha denúncia?

— Claro! A senhora grava o áudio e a gente tira uma foto. Tira os óculos para ela te reconhecer. Não, não. Coloca de volta. Achei que a senhora estivesse maquiada. Essa mancha roxa pode deixar minha mãe chateada. Pronto! Rapidinho tiramos a selfie. Agora grava o áudio.

— “Alô, alô, dona Rita! Aqui é a Lulu Darling desejando para senhora uma vida próspera, com muita paciência e temperança para aguentar os desafios do dia a dia. Um beijo do gogó de ouro da churrascaria Boi Suculento! Te espero de quinta a sábado, de 19h às 21h, e domingo, de 16h às 18h. Aqui todo dia é dia do caçador!”

— “Dia do caçador!” Perfeito, dona Lulu. Quero só ver quando ela acordar e receber essa mensagem. Vai ser sensacional. Mas diga. Como posso ajudar a senhora?

— Vim fazer uma denúncia de violência doméstica contra o meu marido.

— Ah sim. Claro. Me conta o que aconteceu.

— Ontem eu e meu marido chegamos do trabalho às 22h30. Como o senhor deve saber, ele é o guitarrista da minha banda. Toda sexta-feira a gente faz uma análise do fluxo de caixa, avalia os investimentos que precisamos fazer no equipamento de som, instrumentos, figurino, luz, enfim. Vemos tudo o que precisa sair para saber o que vai ficar. Recentemente, decidimos juntar parte do nosso faturamento para fazer um vídeo

do nosso show e colocar na internet. Achamos que seria uma boa oportunidade para dar mais visibilidade para a banda e começar a tocar em outros palcos, além da churrascaria.

— Dona Lulu, por mais que eu goste do som da sua voz, a senhora poderia ir direto ao ponto?

— Enquanto a gente analisava os gastos, ele notou que comecei a guardar o dinheiro do vídeo na minha poupança pessoal, não na nossa conta conjunta. Disse a ele que era apenas para não misturarmos o dinheiro, para garantir a contratação de uma produtora. Até porque, notei que não estávamos conseguindo juntar o dinheiro na velocidade que eu tinha previsto, acho que ele estava perdendo a mão dos gastos.

— Ai, ai, ai... Eu sempre digo: mulher e dinheiro são como água e óleo. Por mais bonito que seja de ver, não dá para misturar.

— Ele começou a gritar, dizendo que eu estava roubando o vídeo dele, que eu estava tentando controlá-lo. Com isso começamos uma briga e muita coisa foi dita. Meu marido tem um problema com os nervos e vez ou outra já me agrediu.

— E por que a senhora nunca o denunciou?

— Achei que era comum, briga de casal, mas nunca tive tanto medo como ontem.

— A senhora tinha que ter dito algo antes. O senhor seu marido já devia estar acostumado com essa rotina de vocês. A senhora vem querer mudar a dinâmica da casa da noite para o dia e espera que ele se adapte? Enfim. O que foi que aconteceu ontem?

— Ele se descontrolou. Me deu um tapa, me derrubou no chão e começou a me chutar. Gritava dizendo que iria me desligar, que eu tinha que ir embora da casa, que eu tinha que deixá-lo administrar a nossa verba calado, que eu tinha ciúmes do músico que ele havia se tornado. Tentei me rastejar pelo chão e foi aí que pegou a guitarra e a quebrou nas minhas costas.

— A senhora consegue provar todas essas agressões? Tem hematomas?

— Sim.

— Tá certo. Continue.

— Nessa hora, fingi um desmaio para que ele parasse. Ele pegou a nossa caixinha com o couvert da noite e saiu gritando rua afora. Chamei uma ambulância e passei a noite no hospital. Acordei e vim pra cá. Estou com medo de voltar para a casa e quero que ele seja preso.

— Vamos lá. Posso dar minha opinião? Acho que a senhora está sendo um pouco possessiva, dona Lulu. E pra ser sincero, abusando um pouco da boa-vontade do seu marido. Ele exagerou quebrando a guitarra, lesando o patrimônio da família? Exagerou. Mas a senhora precisa entender que um homem tem o seu brio e que a senhora o ofendeu tentando controlar o dinheiro da casa. O senhor seu marido me parece um homem tão compreensivo. Nunca tive notícia dele com mulher na rua, o que pra guitarrista de banda é muito; e olhe que a senhora parece ter descuidado da forma. Além disso, ele sempre permitiu que a senhora trabalhasse na noite, não é todo homem que entenderia esse estilo de vida.

— Não estou acreditando no que ...

— Olha dona Lulu, meu conselho para a senhora é esfriar a cabeça, ir pra casa e esperar o seu marido pra uma conversa. A harmonia de um lar vem quando todo mundo entende o seu papel. Deixa que ele administre o dinheiro e busque outra função, outra atividade. A senhora gosta de cozinhar?

— Delegado, ele me agrediu!

— Claro, e isso foi horrível! Se a senhora insistir, eu sigo todos os trâmites. Mas aí a senhora vai ficar sem guitarrista, ele vai contratar um advogado, provavelmente vocês vão se divorciar e o sonho da gravação do vídeo vai ficar cada vez mais distante. A senhora não disse que ele já tinha feito isso antes?

— Sim, mas nunca chegou nesse ponto.

— E provavelmente não vai chegar de novo. Seja inteligente, dona Lulu.

— Mas...

— Vamos fazer o seguinte? Deixa o legista te examinar e fazer o corpo de delito. Aí o exame fica aqui registrado, prontinho pra a senhora fazer o que quiser. Só esfria a cabeça. Repassa os fatos, pesa as consequências. Tenho certeza de que a senhora vai

encontrar a melhor solução sozinha. Como hoje é dia de show, vou deixar a senhora ir pra casa na viatura, pra descasar, e vou colocar alguém lá para fazer a sua guarda.

— Obrigada, delegado.

— Imagina! É o mínimo que posso fazer. Quem sabe até apareço lá com mamãe hoje à noite? Só lembra de cobrir essa macha no rosto com uma boa maquiagem. Esse tipo de exposição pode baixar a energia do seu show. Às vezes é difícil, mas gente tem sempre que tentar pensar nos outros, não é mesmo?

## **Elizabeth Gouvea**

Cidadã do mundo. Acredita que escrever é como pintar um quadro com palavras e que a arte alimenta sua vida.

### **Por que *Você roubou meu videocassete?***

Escolhi *Você Roubou Meu Videocassete* porque acredito que a canção conte apenas um lado da história. Minha intenção foi lançar uma luz em questões importantes que muitas vezes são deixadas propositalmente no escuro.

**Elegia**

## **Chegada de Raul Seixas ao Castelo de Avalon**

### **Bráulio Tavares**

1.

Brilhava a lua cheia sobre o lago congelado de Avalon.  
Zunia o vento fustigando as garras fractais do arvoredos.  
Menestréis e neuromantes distraíam os convivas no salão,  
e na varanda um druida recitava um cordel de Castañeda.

Era uma noite escura como as grutas de Sabá  
e as fogueiras do castelo crepitavam sem parar...  
A Távola Redonda celebrava o Ritual do Resplendor.

Dezesseis orientais, numa tela de cinema  
começavam a traçar com hexagramas um teorema,  
quando um calafrio de terror arrepiou o Rei Artur...

Alguém desconhecido se aproximava do portão,  
Cantando, feito um bêbado em dia de inundação,  
um rock tipo "wo-bop pa-baluba, wop-bop bem-bum..."

E no meio da neve do bosque, os lobos uivavam:  
— Rauuuuuullll..

2.

Hey!... O mago Merlin empunhou o seu binóculo.  
Hey!... O mago Crowley embainhou o seu punhal.  
Os dragões do reino o cercaram.  
Os video-monitores o focalizaram.

E ele rodeava a muralha do castelo  
dançando com a própria sombra  
como um menino, ou como um velho;  
e os amplificadores espalhavam no salão,  
um arranjo serial de sua canção...

E ouvindo aquele bolero meio baião e meio blue,  
o chinês Lao-Tse e o judeu Leopold Bloom  
discutiam quais as chances de sucesso  
de um filósofo zulu...

E no meio da neve do bosque, os lobos uivavam:  
— Rauuuuulllll...

3.

Mas ele não gritava pras janelas, nem tocava no portão;  
puxava atrás de si, atada a cordas, uma carga de coisas...  
E os Templários contemplaram numa tela de Alta Definição  
a carga que o peregrino arrastava, no limite das forças...

A carroça de uns saltimbancos  
achada no chão de outro planeta;  
um astrônomo caldeu manuseando uma luneta;  
bailarinas metaleiras seduzindo a virgindade de um Xamã...

Ossadas de elefantes no cemitério dos automóveis;  
um velho Dr. Frankenstein rodeado de monstros jovens  
e uns olhos com a calma kamikaze de quem já foi no sertão...

Os olhos chamejantes de um alquimista tropical  
que engoliu a semente do Fruto do Bem e do Mal  
com um gole de Santo Daime na taça do Santo Graal  
em jejum...

E no meio da neve do bosque, os lobos uivavam:  
— Rauuuulll...

(em *O Homem Artificial*, Rio de Janeiro, 7Letras, 1999)

## **Bráulio Tavares**

Escritor e compositor, é da geração que viu Raul Seixas cantar *Let Me Sing, Let Me Sing* num festival e *Ouro de Tolo* no programa de Flávio Cavalcanti, de modo que correu imediatamente à loja de discos Olacanti, em Campina Grande, para comprar o álbum Krig-Ha Bandolo no momento em que a balconista Dora, que conhecia seus gostos, telefonou avisando.

## *Autores*

ADRIANE GARCIA é poeta, nascida e residente em Belo Horizonte. Publicou *Fábulas para adulto perder o sono* (Prêmio Paraná de Literatura 2013, ed. Biblioteca do Paraná), *O nome do mundo* (ed. Armazém da Cultura, 2014), *Só, com peixes* (ed. Confraria do Vento, 2015), *Enlouquecer é ganhar mil pássaros* (e-book pela Vida Secreta, no Issuu, 2015) *Embrulhado para viagem* (col. Leve um Livro, 2016), *Garrafas ao mar* (ed. Penalux, 2018).

ALESSANDRA BARCELAR é historiadora e vive em São Paulo, onde nasceu, e atua na área de Gestão Hospitalar e Economia da Saúde. Publicou em várias revistas literárias do Brasil e de Portugal. Colaborou com a antologia *Mitos Modernos I*, premiada em 2018 com o Prêmio Le Blanc de Arte sequencial, Animação e Literatura Fantástica.

ALESSANDRO GARCIA é autor de *A sordidez das pequenas coisas* (Não Editora), finalista do Prêmio Jabuti, segundo colocado no Prêmio Fundação Biblioteca Nacional. Publicou também *Agora que estamos de volta*, pela e-galáxia. Presente em diversas coletâneas, traduzido para o espanhol e para o inglês, é editor da revista de contos Flaubert e host do *podcast* Negro da Semana. Mais em: [www.alessandrogarcia.com](http://www.alessandrogarcia.com)

ANA ELISA RIBEIRO é mineira de Belo Horizonte, 1975. Contista, cronista, poeta, com livros publicados desde 1997, sendo os mais recentes *Beijo, Boa sorte* (Natal, Jovens Escribas, 2015, contos), *Anzol de pescar infernos* (SP, Patuá, 2013, poesia), *Xadrez* (BH, Scriptum, 2015, poesia), *Álbum* (BH, Relicário, 2018, poesia) e *Dicionário de imprecisões* (BH, Leme, 2019, poesia). É professora e ex-vocalista de banda de rock.

ANA LUIZA RIZZO é gaúcha e mora em Porto Alegre.

BETZAIDA MATA é historiadora e leciona História e Sociologia para o Ensino Médio. Escritora de ficção, publicou o romance *O fundo e a luz* - menção honrosa nos Prêmios Literários Cidade do Recife e no Concurso Sweekstars - e o livro de contos *Homens e sucatas*.

BRUNA BRÖNSTRUP (Porto Alegre/RS, 1995) escreve prosa e poesia desde pequena. É bacharel em Relações Internacionais pela UFRGS e atualmente faz mestrado em Escrita Criativa na PUCRS. Participou de antologias e oficinas de escrita criativa, tendo ministrado dois módulos teóricos de sua autoria na Casa de Cultura Mario Quintana em 2016. Ainda não tem livros publicados, apenas dentro de gavetas. Suas áreas de maior interesse envolvem sobretudo crítica pós-colonial, estudos feministas, literatura comparada e sociologia da cultura.

BRÁULIO TAVARES, escritor e compositor, é da geração que viu Raul Seixas cantar *Let Me Sing, Let Me Sing* num festival e *Ouro de Tolo* no programa de Flávio Cavalcanti, de modo que correu imediatamente à loja de discos Olacanti, em Campina Grande, para comprar o álbum Krig-Ha Bandolo no momento em que a balconista Dora, que conhecia seus gostos, telefonou avisando.

BRUNO RIBEIRO nasceu em 1989, é um mineiro radicado na Paraíba. Autor do livro de contos *Arranhando Paredes* (2014) traduzido para o espanhol pela editora argentina Outsider e dos romances *Febre de Enxofre* (2016) e *Glitter* (2018), que foi pré-selecionado ao Prêmio Sesc de Literatura 2016 e finalista da 1ª edição do Prêmio Kindle. Mestre em Escrita Criativa pela Universidad Nacional de Tres de Febrero (UNTREF), foi um dos vencedores do concurso Brasil em Prosa, promovido pelo jornal O Globo e pela Amazon.

CINTHIA KRIEMLER é contista, romancista e poeta. Carioca, mora em Brasília. Autora, pela Editora Patuá, de *Exercício de leitura de mulheres loucas* (Poesia, 2018); *Todos os abismos convidam para um mergulho* (Romance, 2017), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2018; *Na escuridão não existe cor-de-rosa* (Contos, 2015), semifinalista do Prêmio Oceanos 2016; *Sob os escombros* (Contos, 2014); e *Do todo que me cerca* (Crônicas, 2012). Organizou a antologia de contos *Novena para pecar em paz* (Editora Penalux, 2017) e participa de diversas antologias de contos e de poesia. Tem textos e poemas publicados em: Gazeta de Poesia Inédita, TriploV, Revista Gueto, Revista InComunidade, Revista SAMIZDAT, Literatura&Fechadura, Mallarmargens, Germina, LiteraturaBr, Escritoras suicidas, Diversos afins, Revista Philos. Integra a equipe de colaboradores da revista Os Imaginários, onde escreve para a coluna Escrivãs da Frota.

CRIS VAZQUEZ é advogada pública e escritora. Publicou o romance *O abismo entre nós* pela editora Moinhos em 2017. Atualmente é Mestranda em Escrita Criativa na PUC/RS. [www.crisvazquez.com.br](http://www.crisvazquez.com.br)

CRISTIANO RATO é autor de *Sentido Suspenso!* (2012, Multifoco) e tem diversos textos espalhados pela internet, além de editor na editora Caos & Letras, documentarista, e também um dos idealizadores do programa de websérie documental *Literatura no Boteco*.

EDUARDO SABINO nasceu em Nova Lima, MG, onde reside atualmente. Autor dos livros de contos *Naufração entre Amigos* (Editora Patuá, 2016) e *Estados Alucinatórios* (Caos e Letras, 2019). Venceu, com o conto *Sombras*, o concurso Brasil em Prosa 2015, organizado pelo Globo e a Amazon. Contato: [eduardosabino@caoseletras.com](mailto:eduardosabino@caoseletras.com).

ELIZABETH GOUVEA é uma cidadã do mundo. Acredita que escrever é como pintar um quadro com palavras e que a arte alimenta sua vida.

GISELA RODRIGUEZ é escritora e poeta, diretora e atriz de teatro. Mestre em Letras - Escrita Criativa PUCRS. Possui Bacharelado em Teatro na Faculdade CAL de Artes Cênicas - RJ. Dirige e atua no Grupo Nômade de teatro de Porto Alegre. Doutoranda em Escrita Criativa na PUCRS. Escreveu o romance *Entre a Neve e o Deserto* e o livro de poemas *Desordem*.

IRKA BARRIOS é o pseudônimo de Bibiana Barrios Simionatto, mestre em Escrita Criativa pela PUC-RS. Premiada no Concurso Brasil em Prosa (Amazon/O Globo, 2015), com o conto *O coelho branco*, participa de diversas antologias de contos, entre elas: *Onisciente Contemporâneo* (Ed. Bestiário, 2016), *Língua Rara* (Ed. Outsider, 2017) e *Cem anos de amor, loucura e morte* (Ed. Moinhos, 2017). Participa do coletivo Mulherio das Letras - RS. Seu livro de estreia *Lauren* será lançado em agosto.

IVANDRO MENEZES é paraibano e autor de *Sangrem os porcos, depenem os frangos* (Moinhos, 2018).

JOÃO MATIAS é escritor e professor universitário. Autor de livros de contos, como *O Vermelho das Hóstias Brancas* (Bagaço, 2010), com contos premiados em antologias dos prêmios Fran Martins e Unifor de Literatura, além de autor de alguns quadrinhos e roteiros de cinema. Publicou em revistas literárias diversas, fez parte do Núcleo Caixa Baixa, na Paraíba, e edita a Revista Blecaute de Literatura de Artes.

JOEDSON, Sanhauá-Paraíba, 1983, publicou os livros *Ode aos Deuses* (2009), *Ode aos Homens* (2010), *Evangelho de Diógenes* (2013), *Elegias do País do Sanhauá* (2017) e *Alcides* (2018), membro do Clube do Conto da Paraíba, pelo qual participou da antologia *Contos de Sábado* (2012).

JULIA DANTAS é escritora, editora e tradutora. Publicou o romance *Ruína y leveza*, finalista do Prêmio São Paulo e prêmio AGEs de 2016, além de contos em diversas coletâneas. Atualmente é doutoranda em Escrita Criativa pela PUCRS e mantém uma coluna quinzenal no jornal Zero Hora.

KATIA GERLACH é escritora natural do Rio de Janeiro e radicada em Nova Iorque desde 1998. Possui vários livros publicados e participações em coletâneas e antologias, assim como colabora no Jornal Rascunho e publica e edita a Revista Philos. Site oficial: <http://www.katiabandeirademello.com>

MATHEUS BORGES nasceu em Porto Alegre, 1992. É escritor e roteirista, graduado pela Unisinos e egresso da oficina literária de Luiz Antonio de Assis Brasil. Seus contos já foram publicados em revistas do Brasil (gueto, RelevO, Subversa) e do exterior (Waccamaw, Fiction International, Scoundrel Time) e em coletâneas. No cinema, escreveu o roteiro do longa-metragem *A Colmeia*.

MAUREM KAYNA é curiosa, um tanto perplexa com o mundo, e autora de contos espalhados em e-books e impressos, do livro-jogo *Labirintos Sazonais* e de folhas secas bordadas com vontades e poemas (nunca seus). Acredita na palavra como matéria-prima para a vida, seja real ou inventada. [www.mauremkayna.com](http://www.mauremkayna.com)

NATHALIE LOURENÇO é redatora publicitária e autora do livro *Morri por Educação* (Editora Oito e Meio). Participou de coletâneas como *Eros Ex-Machina* (Editora @Link), *Era de Aquária* (Editora Oito e Meio) e revistas literárias como Vacatussa, Flaubert, Blecaute, Vício Velho, Gueto e outras.

RENATA WOLFF nasceu em Porto Alegre, em 1980. É graduada em Direito pela UFRGS e mestranda em Escrita Criativa na PUCRS. Frequentou oficinas literárias de 2006 a 2014. Participou de coletâneas, teve contos premiados em concursos literários

nacionais e internacionais e é autora do livro de contos *Fim de Festa* (Não Editora), finalista do Prêmio AGES e do Prêmio Jabuti em 2016.

ROBERTO MENEZES, paraibano, nasceu em 1978. É professor da Universidade Federal da Paraíba. Faz parte do Clube do Conto da Paraíba. Tem seis livros publicados: *Pirilampos Cegos* (romance), *O Gosto Amargo de Qualquer Coisa* (romance), *Despoemas* (contos) e *Julho é um bom mês pra morrer* (romance) e *Palavras que devoram lágrimas* (romance) e *Conversa de Jardim*, de coautoria com Maria Valéria Rezende e *Trago Comigo as Dores de Todos os Homens* (novela)

SAMUEL MEDINA nasceu no Rio de Janeiro, Capital, em 1981. Graduado em Letras, trabalha como servidor público municipal na Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte/MG. Publicou, aos onze anos, o livro *A grande guerra*, edição independente. Contribuiu em diversas antologias pela Andross Editora. É também autor de *O Medalhão e a Adaga* (Multifoco, 2013), *Patos Selvagens*, (Baobá, 2014) e *A Cidade Suspensa* (Senhor da Lenda, 2015). Mantém o blog <http://www.oguardiaodehistorias.com.br>.

SÉRGIO TAVARES nasceu em 1978. É crítico literário e escritor, autor de *Queda da própria altura*, finalista do 2º Prêmio Brasília de Literatura, e *Cavala*, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura. Tem contos traduzidos para o inglês, o italiano, o japonês, o espanhol e o tâmil. Edita o site [www.anovacritica.wordpress.com](http://www.anovacritica.wordpress.com).

SIMONE TEODORO é poeta, autora dos livros *Distraídas astronautas* ( Patuá, 2014), *Movimento em falso* ( Patuá, 2016) e *Também estivemos em Pompeia*, que publicado pela mesma editora este ano. É mestra em Literatura Brasileira pela UFMG e doutoranda na mesma instituição. Colabora, com 5 poemas, na antologia *Poesia Gay Brasileira* ( 2017)

T. K PEREIRA é organizador do projeto “7 coisas que aprendi”, acervo com mais de 100 depoimentos de escritores. Finalista do Brasil em Prosa 2015 com o conto *Doses de orgulho e vergonha*. Publicou contos nas antologias *Onisciente Contemporâneo*, *Translações Singulares*, *Não Culpe o Narrador* e *F! de Verdade*. Seu primeiro livro de contos está previsto para breve pela Caos e Letras, editora de Belo Horizonte. Siga o autor em seu site oficial: <https://tkpereira.com.br>

T. S. MARCON nasceu em Caxias do Sul em 1975. Em 1999 tornou-se arquiteto pela UFRGS. Em 2015 fez parte da turma de 30 anos da Oficina de Escrita Criativa da PUC, ministrada pelo professor Assis Brasil. É autor do livro de crônicas *Deus veste legging*, lançado no mesmo ano. Já participou de diversas antologias de contos, entre elas *Onisciente Contemporâneo*, *Transações Singulares* e *Não Culpe o Narrador*. Como fotógrafo, obteve menções honrosas em Bienais de Arte Fotográfica Brasileira. Atualmente cozinha em fogo brando seu primeiro romance.

TADEU SARMENTO é autor de *Associação Robert Walser para Sósias Anônimos* (Cepe, 2015) e *E se Deus for um de nós?* (Confraria do Vento, 2016), entre outros. Ganhou o II Prêmio Pernambuco de Literatura e o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura de 2016, com o livro de poemas *Um Carro Capota na Lua*, publicado em 2018 pela Tercetto Editora. Em 2017, conquistou o 13º Prêmio Barco a Vapor, com o livro *O Cometa é um Sol que não deu Certo*, publicado pela Edições SM.

TAIANE MARIA BONITA é escritora, historiadora e bioconstrutora. Acredita que merecem o mesmo cuidado a História, a massa do barro da qual é feita uma parede e o trato com as palavras. Tem contos publicados nas antologias *Onisciente Contemporâneo*, *Translações Singulares*, *Não culpe o narrador* (Bestiário) e em revistas brasileiras. É editora da revista Travessa em Três Tempos.

TIAGO GERMANO é escritor e jornalista, autor do romance *A Mulher Faminta* (Moinhos, 2018) e do volume de crônicas *Demônios Domésticos* (Le Chien, 2017),

indicado ao Prêmio Jabuti. Possui contos publicados em diversas antologias e atualmente mora em João Pessoa, onde escreve sua tese de doutorado em escrita criativa.

TIAGO MOTTA é publicitário, formado pela PUC Minas. Em 2003, fundou a Stalo, empresa de comunicação situada em Belo Horizonte. Em 2017, fundou a Buffalo Digital, empresa de produção de conteúdos audiovisuais. Professor, redator e apaixonado por textos, Tiago Motta é roteirista com formação pela Academia Internacional de Cinema do Rio de Janeiro.

WANDER SHIRUKAYA é pernambucano nascido em São Paulo, é autor de *Balelas* (Mutuus, 2011) e *Ascensão e queda* (Cepe, 2015); um dos organizadores da antologia *Cem anos de amor, loucura e morte* (Moinhos, 2017) junto ao escritor Bruno Ribeiro.

## *Mais sobre o organizador*

**T. K. Pereira** é baiano radicado em Belo Horizonte. Dedicou os últimos 9 dos seus 35 anos à literatura, buscando se aperfeiçoar e profissionalizar. Cruzou seu caminho com os de escritores contemporâneos que lhe ensinaram muito sobre o ofício, entre eles os mestres belo-horizontinos Sérgio Fantini e Ana Elisa Ribeiro, e o rio-grandense Luiz Antônio de Assis Brasil, organizador da mais renomada oficina de escrita criativa do Brasil. Igualmente preciosos para sua formação foram os depoimentos dos mais de 100 escritores que compartilharam suas experiências no projeto “7 coisas que aprendi” (<https://7coisas.com.br>), organizado desde 2012 em parceria com o carioca Alexandre Lobão.

Em 2013, escreveu para a coluna Café Literário do portal independente Café com Notícias, do jornalista mineiro Wander Veroni, onde teve a oportunidade de se envolver com o circuito literário local.

Em 2015, foi um dos 20 finalistas dentre mais de 6.500 inscritos no concurso Brasil em Prosa 2015, da Amazon. O conto *Doses de orgulho e vergonha* acumulou mais de 70 avaliações positivas na plataforma.

Em 2016, iniciou o miniprojeto “Fotos e Grafias” (<https://fotosegrafias.com.br>), uma coletânea online de contos, crônicas e poesias que reúne autores de diversas partes do país. No mesmo ano publicou 4 contos na coletânea *Onisciente Contemporâneo*.

De 2017 a 2019, integrou as coletâneas de contos *Translações Singulares*, *Não Culpe o Narrador* e *F! de Verdade*, ao lado de autores que sempre admirou. Ainda este ano prepara o lançamento de seu primeiro livro de contos pela editora Caos e Letras de Belo Horizonte.

Para o futuro, trabalha numa segunda coletânea de contos autorais e num romance. É possível acompanhar bem de perto os passos do escritor assinando a *newsletter* em seu site oficial: <https://tkpereira.com.br>